



Myrna Salerno Monteiro

**A INTERFERÊNCIA DO PORTUGUÊS NA ANÁLISE
GRAMATICAL EM LIBRAS:
O CASO DAS PREPOSIÇÕES**

Dissertação submetida ao Programa de
Pós-Graduação em Linguística da
Universidade Federal de Santa
Catarina a para a obtenção do Grau de
Mestre em Linguística
Orientador: Prof. Dr. Tarcísio de
Arantes Leite

Florianópolis
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor por meio do
Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Monteiro, Myrna Salerno

Língua Brasileira de Sinais: A Interferência do português na
análise gramatical em Libras: o caso das preposições. Myrna Salerno
Monteiro; orientador, Tarcísio de Arantes Leite - Florianópolis, SC,
2015. 250 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina,
Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação
em Linguística.

Inclui referências

1. preposição 2. gramática 3. línguas de contato. 4. Libras. 5.
Português.

I. Lei, Tarcísio de Arantes. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

Myrna Salerno Monteiro

**A INTERFERÊNCIA DO PORTUGUÊS NA ANÁLISE
GRAMATICAL EM LIBRAS:
O CASO DAS PREPOSIÇÕES**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Linguística”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 11 de dezembro de 2015.

Prof. Heronides Maurílio de Melo Moura, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Tarcisio de Arantes Leite, Dr.
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Edair Maria Görski, Dr.^a
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Leandra Cristina de Oliveira, Dr.^a
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Rodrigo Rosso Marques, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico esta dissertação a todos aqueles que têm interesse em pesquisar a Análise Gramatical da Libras.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que me direcionou nesta trajetória durante a minha vida, pelas oportunidades e pela liberdade de batalhar;

Ao meu orientador Prof. Dr. Tarcisio de Arantes Leite, que, com carinho, aceitou a tarefa de me orientar num momento em que poucos acreditavam que esta dissertação viesse a ser concluída, além da compreensão em momentos difíceis;

À minha mãe, pelo grande amor, pelo excelente exemplo de perseverança, por ver em seus olhos a preocupação pelo meu futuro;

Às minhas irmãs Martha e Paula, por tudo, e principalmente pelo incentivo e pelo tempo dedicado às revisões;

À minha ex-aluna e fonoaudióloga Emily Silvano pelas horas trocando ideias até o fim;

À equipe de Libras da UFSC e UFRJ: professores, intérpretes, alunos e amigos surdos e ouvintes, pelo convívio, troca de experiências e contribuição nesta pesquisa;

À UFRJ, pela oportunidade dada para que eu pudesse realizar o mestrado;

Aos meus colegas e professores do mestrado da UFSC, pelos momentos divididos juntos;

À minha coordenadora profa Dra. Deize Vieira dos Santos da Faculdade de Letras da UFRJ, pela paciência e pelo tempo a mim dedicado para que eu pudesse terminar esta dissertação;

Às professoras convidadas da Banca de Qualificação Dra. Edair Gorski e Dra. Neiva de Aquino Albres, pelas orientações para que esta pesquisa fosse concretizada;

Aos intérpretes de Libras, pela sua presença na qualificação e na defesa do mestrado;

Ao meu colega Daltro Carvalho Junior, pela ajuda;

À minha ex-professora da Curves Claudia G. S dos Santos, pela amizade de um ano de exercícios e brincadeiras na academia e preocupação enquanto estava em Florianópolis. A letra de sua música favorita (Pássaros, Claudia Leite) foi traduzida para Libras por mim com muito carinho;

Enfim, a toda a comunidade surda, a quem dedico esta dissertação.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo verificar se o sinal que optamos glosar por PARA pode ser classificado como preposição na língua brasileira de sinais (Libras), bem como examinar a interferência linguística do Português tanto na Libras utilizada por surdos quanto no processo de documentação e pesquisa científica da Libras. A pesquisa se alicerçou na gramática baseada no uso, com base na qual foram feitas análises de uma amostra de produções espontâneas de surdos em Libras retiradas de vídeos públicos do *YouTube* envolvendo o sinal PARA. Além desses dados espontâneos, foram também analisados dados do sinal PARA em compilações de sinais e dicionários de referência da Libras. Para garantir o anonimato dos autores dos vídeos, tendo em vista a dificuldade de se obter consentimento de suas produções, os vídeos coletados foram baixados, catalogados, e em seguida os trechos relevantes para a análise foram regravados pela pesquisadora, que também é surda e falante da Libras. Esses trechos analisados foram também recortados em imagens individuais dos sinais, para melhor análise e suporte à glosagem, bem como traduzidos para o Português. A análise dos vídeos espontâneos apontou que o sinal PARA pode ser considerado uma *preposição não introdutória de argumentos*, nos termos da abordagem funcionalista de Neves (2000), além de apontar que a descrição gramatical do sinal PARA na Libras deve ser diferente da descrição gramatical da palavra “para” do Português. Porém, pelo fato do sinal PARA ter um conteúdo semântico claro, ser empregado em contextos sintáticos bastante restritos com produtividade limitada e ser opcional em certos contextos de uso, esse resultado não é suficiente para afirmar que a categoria gramatical das preposições constitua parte do sistema linguístico da Libras. A comparação dessa análise de dados espontâneos com a descrição do sinal PARA em compilações de sinais e dicionários, deixou claro o quanto o processo de documentação da Libras tem estado dependente do Português escrito, comprometendo a análise da gramática e semântica dos sinais com base exclusiva nesses materiais. Um trabalho de pesquisa como este não apenas traz clareza sobre a questão das línguas de sinais possuírem ou não preposições, mas principalmente problematiza as várias formas de interferência do Português sobre a Libras, principalmente no que se refere ao processo de pesquisa científica, em que essa interferência deveria ser evitada (BAKER; PADDEN, 1978). Assim, esperamos que a pesquisa contribua para superar os vieses teóricos e metodológicos da ciência linguística que ainda prejudicam uma compreensão da Libras por si mesma,

rompendo definitivamente com a ideia historicamente equivocada de que as línguas de sinais podem não ser suficientemente satisfatórias e completas para a expressão e compreensão da experiência de mundo pelos surdos.

Palavras-chave: preposição, gramática, línguas em contato, Libras e Português.

ABSTRACT

The present study aims at exploring whether the sign we opted to gloss as PARA could be adequately classified as a preposition in Libras, as well as to explore the interference of Portuguese in Libras, both in terms of the sign language use of the deaf and in terms of scientific documentation and research of Libras. This research was grounded in the usage-based-grammar approach, which guided our analysis of a sample of spontaneous production of Libras by deaf people collected from public videos in YouTube involving the sign PARA. In addition to these spontaneous data, we also analyzed descriptions of the sign PARA in a few important compilations and dictionaries of Libras. In order to preserve the identity of the deaf signers in the videos, and considering the difficulty of finding these people to ask for permission to use their image, we opted to download, save and organize the videos, and then choose the relevant sentences for analyses so that the researcher – she herself being a deaf person proficient in Libras – could record them again. The sentences chosen for analyses were also converted to sequences of images in order to support the glossing practice, and were also translated to Portuguese. The analysis of the spontaneous data pointed out that the sign PARA could be classified as a *preposition which does not introduce arguments*, following the functionalist approach of Neves (2000) and that the grammatical description of the sign PARA in Libras differs from the grammatical description of the word “para” in Portuguese. However, since the sign PARA has a clear semantic content, operates in very constrained syntactic contexts and is optional in some of them, these results are not enough to suggest that the prepositions, as a grammatical class, constitutes part of Libras linguistic system. Also, comparing this analysis with the description of the sign PARA in compilations and dictionaries of Libras, it was evident how strongly the documentation and linguistic description of Libras has been dependent on written Portuguese, therefore undermining a proper understanding of the grammatical and semantic properties of signs if we attend only to this type of material. This research not only clarifies the issue of sign languages grammars involving prepositions or not, but mainly highlights the issue of how Portuguese interferes with Libras, especially in the context of scientific research where such interference should be avoided (BAKER; PADDEN, 1978). Therefore, we hope this research contributes to overcome the theoretical and methodological biases of linguistics, which are still preventing us from a proper

understanding of Libras in itself, so that we can finally abandon the erroneous view that sign languages are not full-fledged languages, complete in themselves for the communication of the life experiences of the deaf.

Keywords: preposition, grammar, language contact, Libras and Portuguese.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – PREPOSIÇÃO	28
Figura 2 – PARA (fonte: Capovilla et al).....	29
Figura 3 – Instituto Educacional de São Paulo – IESP.....	32
Figura 4 – Distintivo do IESP	32
Figura 5 – Diretor Aldo Peracchi e as professoras de audiometria vocal	33
Figura 6 – Professoras	33
Figura 7 – Alunos treinando a leitura	33
Figura 8 – Sala de aula, a minha turma com a professora Sônia	34
Figura 9 – Sinal: LOJA1 (São Paulo).....	39
Figura 10 - Sinal: LOJA2 (Rio de Janeiro)	39
Figura 11 - Sinal: VIAJAR1 (São Paulo)	40
Figura 12 - Sinal: VIAJAR2 (Rio de Janeiro)	40
Figura 13 – SORRISO.....	64
Figura 14 – QUEIJO	64
Figura 15 – Ele/Ela tem o sorriso bonito.....	64
Figura 16 – Eu comi o queijo gostoso	65
Figura 17 – EVITAR.....	65
Figura 18 – VACA	65
Figura 19 – Evite passear sozinho à noite, é perigoso.....	66
Figura 20 – Leite de vaca é bom para os ossos	66
Figura 21 – INTELIGENTE.....	67
Figura 22 – GRITAR.....	67
Figura 23 – Ela/Ele é inteligente e aprende rápido.....	67
Figura 24 – Ontem à noite ela/ele sonhou e gritou.....	68
Figura 25 – DESCULPAR	68
Figura 26 – AZAR.....	68
Figura 27 – Desculpe, eu preciso cancelar o nosso encontro	69
Figura 28 – Você não viajou hoje? Que azar!	69
Figura 29 – CL: D – PESSOA-ANDAR	71
Figura 30 – CL: D – PESSOA-ENCONTRAR	71
Figura 31 – ENCONTRAR/ACHAR	72
Figura 32 – Hoje, encontrei o (a) meu (minha) amigo (a).....	72
Figura 33 – Ele/Ela encontrou (achou) a chave do carro.....	72
Figura 34 – Formas Pronominais com referentes presentes	75
Figura 35 – Formas Pronominais com referentes ausentes	75

Figura 36 – CASA (a direita) CASA (a esquerda).....	76
Figura 37 – Verbo 1s EMPRESTAR 2s.....	76
Figura 38 – Verbo 2s EMPRESTAR 1s.....	76
Figura 39 – Verbo 2s EMPRESTAR 3s.....	77
Figura 40 – Esta casa é da Myrna	77
Figura 41 – PARA (Gama, Flausino).....	78
Figura 42 – PARA-QUE (Oates, Eugênio)	79
Figura 43 – PARA (SOBRE-3).....	79
Figura 44 - Diferenças semânticas na mudança da direção do sinal IR	82
Figura 45 – Você vai viajar para São Paulo. Quantos dias vão ficar?.....	84
Figura 46 – Alternância de código entre Libras e o Português	99
Figura 47 – Vou apresentá-la a você. Seu nome é Myrna.....	104
Figura 48 – Seu nome é Myrna	105
Figura 49 – N-U-N-C-A.....	105
Figura 50 – NUNCA.....	105
Figura 51 – IMPORTANTE (Empréstimo da Inicialização da CM)	106
Figura 52 – PROFESSOR (Empréstimo da Inicialização da CM).....	106
Figura 53 – Exemplo de vídeo do YouTube contendo um discurso em Libras.....	131
Figura 54 – Tela de download de vídeos no <i>aTube Catcher</i>	133
Figura 55 – Tela de edição de vídeos no <i>Movie Maker</i>	134
Figura 56 – Modelo: Point Power (1)	134
Figura 57 – Modelo: Point Power (2)	135
Figura 58 – Coleta do sinal ATÉ-AGORA	136
Figura 59 – Coleta do sinal ATÉ (1).....	137
Figura 60 – Coleta do sinal ATÉ (2).....	138
Figura 61 – Coleta do sinal COM	140
Figura 62 - Coleta do sinal CONTRA (1)	141
Figura 63 – Coleta do sinal CONTRA (2)	142
Figura 64 – Coleta do sinal DENTRO	143
Figura 65 – Coleta do sinal EM FRENTE	144
Figura 66 – Coleta do sinal ENTRE	145
Figura 67 – Coleta do sinal PARA.....	147
Figura 68 – Coleta do sinal POR-CAUSA.....	149
Figura 69 – Coleta do sinal SEM (1)/ NADA (1)	150
Figura 70 – Coleta do sinal SOBRE (2).....	151
Figura 71 – A capa do livro – GAMA, J. F. Iconographia dos Sinaes dos Surdos Mudos,.....	156

Figura 72 - A capa do livro – Oates, E (1969) – Linguagem das Mãos (1)	156
Figura 73 - A capa do livro – Oates, E.(1983) – Linguagem das Mãos (2)	156
Figura 74 – A capa do CD – Rom – versão 2.0 – 2005 e 2006	157
Figura 75 – A capa do site – Dicionário Acessibilidade Brasil	157
Figura 76 – A capa do Dicionário Enciclopédico Ilustrado da Língua de Sinais Brasileira.....	158
Figura 77 – A capa do Novo Deit-Libras	158
Figura 78 – Ocorrência do sinal PARA (filme 1).....	165
Figura 79 – Ocorrência do sinal PARA (filme 2).....	168
Figura 80 – Ocorrência do sinal PARA (filme 3).....	171
Figura 81 – Ocorrência do sinal PARA (filme 4).....	175
Figura 82 – Ocorrência do sinal PARA (filme 5).....	176
Figura 83 – Ocorrência do sinal PARA (filme 6).....	178
Figura 84 – Ocorrência da soletração P-A-R-A e o sinal PARA (filme 7)	180
Figura 85 – PARA – Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue Língua de Sinais, 2001	187
Figura 86 – PARA – CD-ROM do dicionário de Libras, 2005 e 2006.....	188
Figura 87 – PARA (SOBRE3) – Acessibilidade Brasil, 2008	189
Figura 88 – BO@ TARDE TOD@S-VOCÊS.....	198
Figura 89 – PARA – em uma frase que foge ao padrão geral identificado.....	196
Figura 90 – MANDAR.....	212
Figura 91 – PROFESSOR 2 (antigo).....	212
Figura 92 – PROFESSOR 1 (atual).....	213
Figura 93 – sinal VOCE-QUE-SABE com forma idêntica à do sinal PARA.....	216
Figura 94 – QUANT@-HORA IR-A-PÉ SE@ CASA ATÉ SE@ TRABALHO?	220
Figura 95 – AMANHÃ-À-TARDE.....	221

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Norma x Função	56
Quadro 2 – Contextos de uso da preposição “para” (NEVES, 2000, p.691-701)	57
Quadro 3 – As 46 CMs da Libras – (FERREIRA-BRITO E LANGEVIN, 1995)	62

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Ferreira-Brito, 1995. Por uma Gramática de Língua de Sinais	113
Tabela 2 – Felipe, 1998. T. Sistema de Transcrição da Libras.....	115
Tabela 3 – Quadros, R.M, 1997.....	118
Tabela 4 – Souza, R. M, 1998. Que palavra te fala?	119
Tabela 5 – Souza, R. M, 1998. Que palavra te fala?	120
Tabela 6 – Bernardino, E. L. 2000 - Absurdo ou Lógica	120
Tabela 7 – Lodi, Harrison e Campos, 2002. ou Surdez: um olhar sobre as particularidades dentro do contexto educacional.....	122
Tabela 8 – Quadros, R. M., 1997. A Aquisição da Linguagem.....	123
Tabela 9 – Quadros, R.; karnopp, L, 2004. A Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos	124
Tabela 10 – Leite, T. A, 2008. A Segmentação da Língua de Sinais Brasileira (Libras) estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos	125
Tabela 11 – Leite, T. A, 2008. A Segmentação da Língua de Sinais Brasileira (Libras) estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos	126
Tabela 12 – Tipos de dados linguísticos por Chafe (1994)	129
Tabela 13 – Contextos da glosagem.....	199
Tabela 14 – Diferenças entre preposição na Libras e no Português ...	223

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADEFAV – Associação de Deficiente Audio Visão

ASL – Língua de Sinais Americana

CEAD – Cursos de Estudos Adicionais

CL – Classificadores

CM – Configuração de Mão

COPADIS – Comissão Paulista de Defesa dos Direitos de Surdos

CSPS – Clube Social Paulista de Surdos

EaD – Educação à Distância

ELAN – Eudico Language Annotador

FAAP – Fundação Armando Álvares Penteado

FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

IDSinais – Identificador de Sinais

IESP – Instituto Educacional de São Paulo

IISM – Instituto Imperial de Surdos Mudos

IJSMP – Instituto Jovens de Surdos Mudos de Paris

INES – Instituto Nacional de Educação dos Surdos

L – Localização

L1 – 1ª língua

L2 – 2ª língua

Libras – Língua Brasileira de Sinais

LSB – Língua de Sinais Brasileira

LSCB – Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros

LSF – Língua de Sinais Francesa

LSKB – Língua de Sinais Kaapor Brasileira

M – Movimento

OR – Orientação da Mão

PA – Ponto de Articulação

SEE – Sign Exact English

SNM – Sinais não-manuais

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

YOUTUBE – Site de Compartilhamento de vídeo

LISTA DE SÍMBOLOS

@ = arroba

^ - Sinais Compostos

Ø - palavras do português que não têm sinal

C + - Contato positivo

C - - Contato negativo

D - Direita

E - Esquerda

PRO - Pronome

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	27
1.1	APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA	27
1.2	CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	30
1.2.1	Minha trajetória com a Libras e o Português.....	30
1.2.2	Minha trajetória como educadora e pesquisadora	39
1.3	JUSTIFICATIVA.....	43
1.3.1	O problema das preposições no ensino do Português como L2 para surdos	43
1.3.2	Visões contraditórias sobre preposições na Libras nos estudos científicos	45
1.4	PROBLEMA DE PESQUISA.....	46
1.5	OBJETIVOS	47
1.5.1	Objetivo geral.....	47
1.5.2	Objetivos específicos	47
1.6	APRESENTAÇÃO DA ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO..	47
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	51
2.1	INTRODUÇÃO	51
2.2	QUESTÕES GRAMATICAIS.....	52
2.2.1	Português	52
2.2.2	Libras	59
2.2.2.1	Fonologia	61
2.2.2.2	Morfologia	70
2.2.2.3	Sintaxe.....	73
2.2.2.4	Preposições na Libras.....	78
2.2.2.5	Considerações Parciais.....	85
2.3	QUESTÕES SOCIOLINGÜÍSTICAS	86
2.3.1	O contato social entre surdos e ouvintes	87
2.3.2	Impacto da educação formal na Libras	91
2.3.3	A Libras na virada do milênio	95
2.3.4	O contato linguístico Libras-Português	98
2.4	QUESTÕES METODOLÓGICAS	106
2.4.1	Processo de glosagem e transcrição de línguas de sinais .	108
2.4.1.1	Proposta de transcrição e apresentação dos dados da libras	111
2.4.1.1.1	Transcrições com uso exclusivo da escrita.....	112
2.4.1.1.2	Transcrições com uso da escrita e imagens.....	122
2.5	CONCLUSÃO	127

3	METODOLOGIA DA PESQUISA	129
3.1	NATUREZA DA PESQUISA	129
3.2	PROCESSO DE COLETA DOS DADOS PÚBLICOS E NATURAIS	132
3.3	COMPILAÇÕES DE SINAIS E DICIONÁRIOS	155
3.4	QUESTÕES ÉTICAS SOBRE OS DADOS DA LIBRAS EM USO	159
4	ANÁLISE DE DADOS	163
4.1	INTRODUÇÃO	163
4.2	DESCRIÇÃO DE DADOS NATURAIS ENVOLVENDO O SINAL PARA	165
4.3	ANÁLISE CRÍTICA DE OBRAS QUE APRESENTAM O SINAL PARA	183
4.4	DISCUSSÃO DE DADOS	190
4.5	CONCLUSÃO	204
5	ÚLTIMAS QUESTÕES	207
5.1	O SINAL PARA DA LIBRAS É UM EMPRÉSTIMO DO PORTUGUÊS?	211
5.2	O OBSTÁCULO DA PRÁTICA DE GLOSAGEM.....	219
5.3	A LIBRAS APRESENTA A CATEGORIA GRAMATICAL DAS PREPOSIÇÕES?	223
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	225
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	227
	ANEXO A – Termo de consentimento – Luciana Dantas Ruiz.....	239
	ANEXO B – Termo de consentimento – Florinda M. Setim Leite	243
	ANEXO C – Termo de consentimento – João de S. Fernandes	247

1 INTRODUÇÃO

Teorizar a respeito da língua de sinais é uma tarefa bastante árdua, e que pressupõe algum conhecimento, seja ele teórico ou prático, isto porque ambos fazem parte de áreas de pesquisas recentes, e todas as teorias linguísticas foram construídas com base nas línguas orais com forte influência da língua escrita. Alguns estudiosos têm explicado que os modelos teóricos e metodologias da linguística hoje se mostram limitados diante da realidade das línguas de sinais (KENDON, 2014), o que dificulta o desenvolvimento das pesquisas.

Este conhecimento que deve haver previamente, teórico ou prático, é crucial para a realização de pesquisas confiáveis. Existe uma frase do senso comum que diz “Nada sobre nós sem nós” (SASSAKI, 2007). De fato, assim deve ser discutida a surdez, com a presença dos principais interessados, os “surdos”. Desta forma, minha condição de pessoa surda é um aspecto importante a ser destacado neste estudo. No Brasil, pesquisas realizadas por surdos ainda são recentes, iniciadas com o desenvolvimento de políticas linguísticas específicas (BRASIL, 2002), por isso ainda hoje os surdos têm que se adequar a uma estrutura que não é favorável ao desenvolvimento de sua pesquisa e à sua formação pessoal.

Devido à exclusão e à estigmatização das línguas de sinais ao longo da história, é comum percebermos confusões na compreensão dessas línguas, e especificamente no caso brasileiro, na comparação entre o Português e a Língua Brasileira de Sinais (Libras), interferindo o Português na Libras negativamente na concepção educacional. Os estudos linguísticos da Libras devem ajudar a identificar as características próprias das línguas de sinais, para que possamos também compreender como e porque acontecem formas de interferência do Português na Libras, assim como reconhecer quando esse processo é possível, quando é benéfico e quando é prejudicial. A presente pesquisa pretende contribuir com esclarecimentos no que diz respeito a esse processo de interferência, focalizando o tema das “preposições” e tomando como objeto o sinal PARA.

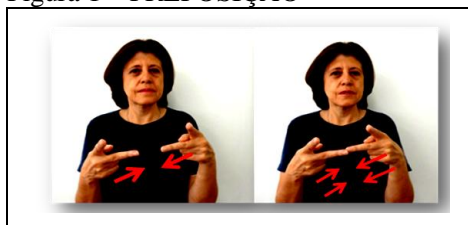
1.1 APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA

O presente trabalho “Interferências do Português na análise gramatical em Libras: o caso das preposições” olha para o sinal PARA investigando a produção em Libras dos surdos com um esforço especial

de identificação da organização interna do sistema linguístico da Libras, buscando estratégias para evitar a interferência do Português no nível metodológico da pesquisa, demonstrando como o surdo utiliza a gramática em contextos linguísticos de uso público e espontâneo sob uma abordagem funcionalista.

Para discutir esse tema em Libras, utilizamos o sinal PREPOSIÇÃO (figura 1) para designar a categoria preposição, que foi criado antes de iniciarmos as aulas de estágio no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) durante a graduação em Letras-Libras, onde minha dupla¹ e eu percebemos que não havia um sinal para PREPOSIÇÃO e nem constava no dicionário Capovilla & Raphael (2001). Então este ficou acordado entre nós e os alunos da 9ª série para podermos trabalhar com as preposições. Após as aulas, este sinal passou a ser utilizado por outros colegas do INES.

Figura 1 – PREPOSIÇÃO



Esse esforço de compreender a Libras de forma independente, e de evitar vieses do Português escrito no processo de pesquisa é uma abordagem central desta pesquisa, pois para verificar se a Libras possui a categoria gramatical das preposições, necessitamos de muita cautela para analisar a interferência do Português na Libras. A interferência do Português na Libras pode se manifestar de duas formas: na própria intuição e produção linguística do surdo, já que os surdos são indivíduos bilíngues que crescem no meio de uma sociedade que tem o Português como língua majoritária, como será discutido na seção sobre sociolinguística do capítulo 2; e também no registro e análise científica da Libras, já que os diversos estudos da Libras e as obras que documentam a Libras sempre se utilizam da escrita em Português de algum modo, como será discutido no capítulo 3 (DINIZ, 2011; McCLEARY e VIOTTI, 2007).

¹ O sinal PREPOSIÇÃO foi criado pela dupla Myrna Salerno Monteiro e Patricia Gazale, junto com os alunos.

Assim, optamos por utilizar como principal dado da pesquisa uma amostra de produções espontâneas de surdos em Libras retirados de vídeos do *YouTube*, complementada, quando necessário pelo uso de nossa intuição como falantes da Libras, devido à dificuldade de coleta de dados espontâneos relevantes para a pesquisa e ao pouco conhecimento que ainda temos sobre a gramática da Libras pelo caráter recente das pesquisas. Estas produções espontâneas mostram diferentes contextos linguísticos para um dos sinais que alguns pesquisadores consideram preposições na Libras. No caso, o sinal que optamos por glosar como PARA. A figura 2 ilustra o sinal PARA que pretendemos explorar na análise desta pesquisa:

Figura 2 – PARA



Assim, esperamos fazer uma análise em contexto que traga evidências sobre a questão desse sinal apresentar ou não características da categoria gramatical “preposição”, comparando os resultados com os dados do sinal PARA documentados em algumas obras. Além disso, durante toda a dissertação, iremos olhar criticamente para como as glosas podem direcionar a análise, de modo a evitarmos ao máximo impor conhecimento do Português sobre a Libras. Essa metodologia poderá ser usada no futuro para investigar mais profundamente esse mesmo sinal, ou até outros sinais que alguns pesquisadores também têm categorizado como preposição na Libras.

Na análise, utilizaremos algumas estratégias. Primeiro, vamos descrever os contextos de uso do sinal PARA na Libras, analisando a estrutura das frases e os sinais precedentes e subsequentes ao sinal PARA, buscando regularidades de uso. Vamos então comparar esses contextos descritos com os dados documentados em algumas importantes compilações de sinais e dicionários da Libras.

A pesquisa apresenta uma questão: seria o sinal PARA um empréstimo da preposição “para” do Português na Libras? Essa questão

foi levantada a partir da experiência prévia da pesquisadora como professora, ao ver o sinal PARA ser introduzido num período recente da história no contexto escolar, no discurso de professores ouvintes, que depois começou a ser replicado pelos surdos.

Esta pesquisa de cunho funcionalista busca observar dados linguísticos produzidos pelos falantes surdos, em discursos espontâneos coletados em vídeos disponíveis na internet. Preconizamos a coleta desses dados por demonstrarem produções naturais em língua de sinais de surdos para surdos, sem envolvimento do pesquisador na produção dos dados.

Uma pesquisa como esta não apenas traz clareza sobre a questão das línguas de sinais possuírem ou não preposição, mas principalmente problematiza as várias formas de interferência do Português sobre a Libras. Assim, esperamos que a pesquisa contribua para superar os vieses teóricos e metodológicos da ciência linguística que impedem uma compreensão da Libras por si mesma, buscando romper com a ideia historicamente equivocada de que a língua de sinais pode não ser suficientemente satisfatória e completa para a expressão e compreensão da experiência de mundo pelo indivíduo surdo.

1.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

1.2.1 Minha trajetória com a Libras e o Português

Em pesquisas científicas, não é muito comum o aluno colocar a sua subjetividade. Porém, como já afirmei antes, enquanto surda acho fundamental que a subjetividade do sujeito surdo seja apresentada a toda a comunidade acadêmica. Além disso, a presente pesquisa foi elaborada a partir da minha vivência enquanto pessoa surda e também como profissional da língua de sinais, em particular a partir da minha experiência como professora de Libras para ouvintes como L2 e surdos como L1. Essa história pessoal vai também ilustrar a questão da interferência do Português sobre a Libras.

A causa da minha surdez é desconhecida. Segundo relatos e crenças de minha mãe, ela foi originada por uma má formação. Entretanto contraí meningite aos dois anos de idade. Desta forma, existe a suspeita de diferentes fatores de risco etiológicos, sendo assim, os médicos nunca chegaram a uma resposta definitiva sobre o que gerou a perda neurossensorial bilateral profunda.

Na época em que a minha surdez foi descoberta, as línguas de sinais eram desaconselhadas por todos os profissionais da área de saúde – e infelizmente, pela falta de informação e preconceito, isso acontece até hoje. Por este motivo, meus pais foram orientados pelos médicos a me matricular em uma escola oralista exclusiva para surdos. Essa escola, apesar de não aceitar a língua de sinais, teve um papel importante em meu processo de aprendizagem. Assim, embora hoje, eu sinta que a escola que reconhece a língua de sinais é a melhor alternativa para a criança surda, ainda assim eu considero a escola oralista que frequentei como de ótima qualidade.

A escola à qual me refiro é o Instituto Educacional de São Paulo (IESP²), onde estudei dos quatro aos quinze anos e do qual guardo ótimas lembranças e amizades que duram até hoje. Porém, como já mencionado, a língua de sinais não era ensinada e permitida nesta escola, então nos comunicávamos, mesmo entre os colegas surdos, apenas pela oralização e da mesma forma eu utilizava a língua oral para me comunicar com toda família.

Abaixo estão algumas fotos do IESP.³ A primeira foto (figura 3) mostra a antiga escola IESP. A segunda foto (figura 4) mostra o Distintivo⁴ do IESP.

² IESP (1954 - 1969) - Foi a primeira escola particular para Surdos a oferecer curso ginasial no Brasil. Era situada na Rua Maranhão, 1025, Higienópolis e depois se mudou para Alameda Tupiunins, Indianópolis -SP. Em 1969, foi doado à Fundação São Paulo e incorporado à PUC-SP que mais tarde deu origem ao Centro de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (DERDIC) como existe até hoje.

³ As fotos foram retiradas de um grupo no Facebook, fechado para os ex-alunos do IESP, do qual faço parte. O responsável por esse grupo é Roberto Romeu Passuchi, também um ex-aluno do IESP.

⁴ Distintivo do IESP – “FRANGAR NON FLECTAR” – Aquilo que se quebra, mas não se dobra, significa que o indivíduo deverá ser firme e não deixará se abater pelas dificuldades.

Figura 3 - IESP Rua Maranhão,
1025 - Higienópolis – SP.



Figura 4 - Distintivo do IESP.
“FRANGAR NON FLECTAR”



A escola funcionava em período semi-integral. Pela manhã eu estudava as mesmas disciplinais ensinadas em escolas para ouvintes. À tarde havia aulas de pintura, bordado, educação física, química, além de terapia fonoaudiológica, entre outros. Na escola ensinavam línguas estrangeiras, como francês e italiano. Os professores eram bons e exigiam muito estudo. Havia muita lição de casa e os alunos não eram tratados com menor nível de exigência por serem surdos. A única diferença eram as terapias fonoaudiológicas à tarde. Em todas as atividades utilizava a língua oral, e o ensino oferecido era sério, competente e profissional. Eu acompanhava bem o ensino com todos os professores na sala de aula. Era uma boa aluna, tirava boas notas nas disciplinas, e por essa razão consegui uma medalha como prêmio.

Observa-se na figura 5 uma reunião com as professoras na aula de audiometria vocal, na figura 6, professoras de várias disciplinas. A figura 7 mostra os alunos treinando a leitura do mesmo modo a qual que eu treinava.

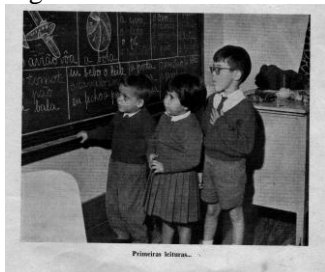
Figura 5 - Diretor Aldo Peracchi e as professoras de audiometria vocal



Figura 6 – Professoras



Figura 7 - Alunos treinando a leitura



Nas salas de aula do IESP, todos os dias eu utilizava um aparelho auditivo do modelo antigo que se colocava no peito. Na hora de ir embora, eu tirava o aparelho, pois eu não gostava dele. As vibrações sonoras me causavam desconforto.

A foto abaixo (figura 8) mostra a minha sala de aula. Nesse dia eu não estava presente. Mas essa era a minha turma, da 1ª série a 4ª série com a professora Sônia.

Figura 8 – Sala de aula, a minha turma com a professora Sonia.



Havia, inclusive, um projeto para que o 3º grau (atual nível superior) tivesse sido implantado. Se este projeto se realizasse, teríamos então, uma faculdade para surdos, um sonho na nossa comunidade. Porém, infelizmente, a escola fechou.

A educação recebida nessa escola trouxe muitos benefícios para minha vida. O meu aprendizado da língua oral garantiu independência e autonomia, pois pude me comunicar com as pessoas ouvintes pela leitura labial sem necessidade de usar os aparelhos auditivos. Além disso, nesta escola, eu interagia com crianças da mesma identidade, ou seja, surdos oralizados, sem mistura com os colegas ouvintes. Entretanto, vale ressaltar que os surdos oralizados utilizavam gestos de forma escondida para comunicar com outros colegas, como relatado por todas as pessoas surdas que já passaram por escolas desse tipo.

Este bom desempenho no desenvolvimento da leitura labial era totalmente dependente dos esforços pessoais dos alunos e também do apoio dado pela respectiva família. Como pude contar com estes pré-requisitos, tive um bom desenvolvimento, contudo havia alguns surdos que tiveram dificuldades no processo de desenvolvimento destes aspectos. Olhando para esse contexto hoje, vejo que a oralização pode ser benéfica para a pessoa surda desde que ela não seja privada da língua de sinais.

Até hoje não utilizo o aparelho auditivo. Para mim, o período que utilizei foi o suficiente para aprender a leitura labial mesmo não falando tão bem quanto um ouvinte e sinto-me satisfeita por poder me comunicar com a família e poder ter oportunidade de interação com ouvintes. Devo acrescentar que sempre fui muito esforçada, dedicada, bem como recebi todo o apoio de minha família ao longo da vida. Apenas lamento o fato de essa escolarização não ter sido acompanhada

da língua de sinais, que teria proporcionado muito mais oportunidades a mim e a todos os meus colegas.

Aos 14 anos de idade, tornei-me sócia do Clube Social Paulista de Surdos (CSPS), na capital de São Paulo, levada por uma colega surda que estudava na mesma classe no IESP. Lá, aprendi a Libras com colegas e amigos surdos. Como eu ainda era muito jovem, não tinha ideia da importância dessa experiência e aprendizado. Só depois, já adulta, madura e trabalhando como professora de Libras, pude perceber toda a dimensão e valor do que havia acontecido comigo. Hoje posso afirmar que a língua dos sinais foi essencial na minha identificação como uma pessoa surda.

Tendo conhecimento e prática tanto com a Libras quanto com o Português, hoje me sinto como uma pessoa bilíngue, podendo me relacionar tanto com os surdos quanto com os ouvintes. Se fosse conviver apenas com uma comunidade ouvinte, sem contato com outros surdos, me sentiria uma pessoa deslocada do convívio social, sentindo-me envergonhada por ser diferente da pessoa ouvinte. Hoje percebo que o aprendizado da Libras, por meio de minha participação na área esportiva na associação de surdos, foi muito importante em minha vida, pois é principalmente com uma língua de sinais que me comunico, expresso pensamentos e sentimentos, interajo com o mundo.

De acordo com Souza (1998),

A partir do momento em que os surdos passaram a se reunir em escolas e associações e se constituíram em grupo por meio de uma língua, passaram a ter a possibilidade de refletir sobre um universo de discursos sobre eles próprios, e com isso conquistaram um espaço favorável para o desenvolvimento ideológico da própria identidade.

Quando os surdos se uniram em escolas e associações, o fizeram através da Libras e puderam refletir acerca de sua percepção de mundo, desenvolvendo sua própria identidade. Essas reuniões aconteciam também em igrejas, clubes e outros locais, onde os surdos compartilhavam da língua de sinais representando a comunidade surda. Por isso elas são importantes e devem continuar existindo na realidade da comunidade surda.

A comunidade surda pode ser representada por associações, igrejas, escolas, clubes, ou seja, qualquer lugar onde um grupo de surdos se reúne e divulga sua cultura, troca ideias e experiências e usa a língua de sinais. Dessa forma ela exerce um papel construtor para a identidade surda, pois é por meio dela que ocorrem as identificações com seus pares e a aceitação da diferença, não como um deficiente ou não normal, mas com uma cultura rica que possui valores e língua própria. Porém, esta é minoria diante da onipotente comunidade ouvinte, que, muitas vezes, vê os surdos e sua comunidade como (...) parte da comunidade mais ampla de incapazes (...) (GARCIA, 1999, p. 152).

A comunidade surda existe a partir da identificação dos surdos com seus pares, com uma visão baseada na diferença e não na deficiência. Desta forma, as associações cresceram fortemente no país, divulgando a identidade e a comunidade surda para a população. Isso fortalece a luta pelas causas dos surdos e da língua de sinais. Muitas são as conquistas que a união dos surdos em comunidade já proporcionou.

Também tive minha trajetória de vida marcada pelo ingresso em uma associação, quando comecei a participar de atividades esportivas, que eram essenciais para a promoção de encontros entre surdos. Viajava de ônibus com o grupo para participar de competições e nos comunicávamos em Libras. Com essa experiência, pude conhecer surdos de diferentes partes do país e a observar a variação linguística de suas sinalizações.

Aos 15 anos, comecei o 2º grau na Escola Técnica de Comércio D. Pedro II, onde me formei em Contabilidade. Entretanto, o processo educacional que eu vivia se alterou completamente. Apesar de ser considerada uma escola integrativa, eu não conseguia acompanhar as aulas dos professores, já que não havia intérpretes e nenhum outro tipo de apoio ou de adaptação para os alunos surdos. Ao ingressar nesta escola, fiquei extremamente assustada com a quantidade de alunos, cerca de 50 em cada sala de aula, o que para mim era totalmente diferente, se comparado com minha escola de origem. Nesta, o número dos alunos era de no máximo 8 por turma, que sentavam em uma carteira larga.

Como já mencionado, não havia intérpretes, pois ainda não existia a Lei da Libras, estrutura e nem preparo para atender a este tipo de especificidade. Portanto, não havia a consciência dos professores de como se comportar para que eu pudesse acompanhar minimamente as aulas. Muitos professores falavam naturalmente para todos os alunos, não falavam devagar para que eu pudesse entender. Para dificultar ainda mais, estes professores se movimentavam em demasia e davam as costas para a turma para fazer as anotações no quadro negro. Todas estas ações geravam impactos diretos na minha aprendizagem originando prejuízos, uma vez que não conseguia acompanhar as aulas de forma satisfatória e com isso me perdia nos estudos.

Foi um período de grande dificuldade, com notas baixas. contei com minha família naquele momento: todas as noites, eles pegavam minhas anotações nos cadernos e os livros e me explicavam as lições. Isso foi importantíssimo para a manutenção de minha autoestima e o sucesso nos estudos. Neste momento, ficou clara a dificuldade de comunicação imposta aos surdos pela sociedade majoritária, realidade que nos acompanha diariamente. E assim me dei conta do quanto a Libras e a comunidade surda eram negligenciadas pela sociedade majoritariamente ouvinte.

Ao me formar em Contabilidade, consegui meu primeiro emprego e parei de estudar. Mas, poucos anos mais tarde, retomei a rotina estudantil: fiz cursinho e ingressei na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) em Artes Plásticas na área de Comunicação Visual, também uma instituição majoritariamente oral. Eu trabalhava pela manhã na matriz do Banco Real onde interagia com os surdos que trabalhavam lá e usavam Libras. Estudava à noite na FAAP.

Passei pelas mesmas dificuldades da época de 2º grau, dificuldades basicamente linguísticas, mas desta vez contei com o apoio dos colegas de classe, o que foi fundamental para a conclusão do curso. E, apesar de ter feito vários estágios, encontrei uma dificuldade enorme para ser efetivada em algum emprego na área, devido ao preconceito das pessoas pelo fato de eu ser surda, e considerada incapaz por aqueles que não tinham conhecimento suficiente para compreender meu pleno desenvolvimento linguístico-cognitivo.

Durante meus anos iniciais de escolarização, nunca imaginei que a língua de sinais era de suma importância para a minha vida e que, como surda, eu deveria ter uma aquisição precoce dessa língua. Só tardiamente despertei para a comunicação e aprendizagem em Libras. Porém quanto mais vivenciava a vida da comunidade surda e ampliava a minha comunicação em língua de sinais, mais crescia o meu

entendimento da importância desta língua para a comunidade surda, assim como para a construção da identidade surda. Assim, optei por utilizá-la como meio de comunicação principal da minha vida, sendo respeitada por todos, inclusive minha família.

Por isso, na década de 1980, comecei a me interessar pela língua de sinais juntamente com o grupo de surdos de São Paulo, na discussão pela luta dos direitos dos surdos e da denominação da língua de sinais dos surdos brasileiros como Língua de Sinais dos Centros-Urbanos Brasileiros⁵ (LSCB). Como resultado desta luta, juntamente com a profa. Lucinda Ferreira Brito, criamos a Comissão Paulista de Defesa dos Direitos dos Surdos (COPADIS), para a qual fui eleita vice-presidente. Isso aguçou ainda mais o meu interesse pela Libras e sua estrutura.

Em 1987, após assistir a uma palestra da profa. Lucinda em um encontro, fui convidada a ministrar aulas de Libras na Associação de Deficiente Audio-Visão (ADEFAV), que é um centro de recursos destinado a educação, habilitação e reabilitação de pessoas com deficiência múltipla, surdez, cegueira e deficiência visual. Mais tarde, convidei o professor surdo Ricardo Quiotaca Nakasato para trabalhar comigo, uma parceria que durou quatro anos, de 1987 a 1990 e elaboramos uma apostila piloto, o ensino da L2 para alunos ouvintes. Ao assumir a posição de professora de Libras, minha imersão na língua de sinais ficou cada vez mais profunda, e quanto mais usava esta língua,

⁵ Em 1986, o grupo da COPADIS havia escolhido a sigla LSB para pesquisas e trabalhos relacionados à língua de sinais dos surdos brasileiros. Porém, essa proposta foi trocada pela LSCB (Língua de Sinais dos Centros Urbanos) – uma nova sigla denominada por Brito e Felipe (1989) para diferenciar a língua de sinais falada pela maioria dos surdos brasileiros da LSKB (Língua de Sinais Kaapor Brasileira), uma língua de sinais falada pelo grupo indígena Urubu Kaapor, no norte do Maranhão, que já havia sido objeto de registro e pesquisa. A sigla LSCB, porém foi mais tarde foi substituída e passou-se a utilizar em seu lugar LIBRAS, resultado da votação realizada por representantes da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) durante uma reunião da referida Federação em 1993. Atualmente as siglas LSB e Libras são as duas siglas utilizadas para se referir a Língua Brasileira de Sinais. A sigla LSB é usada por alguns acadêmicos sob o argumento a favor de uma maior padronização científica do nome dessa língua no cenário internacional. Porém a maioria das pessoas opta pelo nome Libras ou Língua Brasileira de Sinais, que ganhou maior força depois da Lei da Libras que oficializou esta sigla na legislação brasileira.

mais eu buscava compreender e aprofundar os estudos linguísticos sobre essa língua, assim comparava também a Libras e o Português.

1.2.2 Minha trajetória como educadora e pesquisadora

Tornei-me educadora após me mudar para o Rio de Janeiro em 1991, a convite da professora Lucinda Ferreira Brito para que eu me aprofundasse nos estudos surdos e das línguas de sinais. Fiz dois cursos de pós-graduação, já no Rio de Janeiro, e continuei enfrentando o problema referente à ausência de intérpretes de Libras, pois ainda não existia naquela época, a figura do intérprete como um profissional oficial. Novamente contei com o apoio dos meus colegas.

Eu dava aulas de Libras em cursos de extensão na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em Cursos Adicionais de Docentes (CEAD), no Instituto Nacional Educação de Surdos (INES). Entretanto, até mesmo dentro da comunidade surda havia muita rejeição em relação à minha variedade linguística da Libras, por eu ser falante da variedade de língua de sinais de São Paulo. Os surdos consideravam que minha produção linguística era incorreta, por exemplo, o sinal que eu usava para LOJA (figura 9 e 10) e VIAJAR (figura 11 e 12), aprendido na comunidade surda de São Paulo, eram diferentes dos sinais utilizados no Rio de Janeiro.

Figura 9 – LOJA1 (São Paulo)

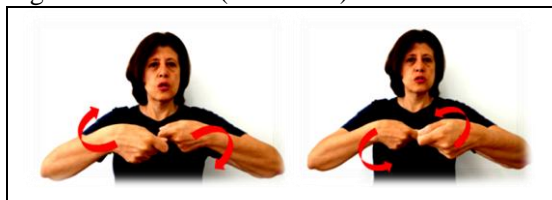


Figura 10 – LOJA2 (Rio de Janeiro)



Figura 11 - VIAJAR1 (São Paulo)



Figura 12 - VIAJAR2 (Rio de Janeiro)



Além da variação linguística, o meu jeito de sinalizar também causou estranheza na comunidade surda carioca pelo fato de eu estar em contato frequente com as duas comunidades, a do Rio de Janeiro e a de São Paulo. De fato existia um grande preconceito linguístico que era explícito, que julgava a minha produção de sinais como “erros” lexicais e fonéticos. Isto ocorria pela falta de conhecimento acadêmico dos surdos, da existência das chamadas variações linguísticas, visto que não havia surdos com formação acadêmica.

A variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar uma variedade linguística equivale a denegrir a condenar os seres humanos que a falam, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes...] (BAGNO, 2013, p. 16)

Bagno demonstra a necessidade de educar a sociedade para as variações linguísticas, para que haja respeito à diversidade e diminuição do preconceito. Na comunidade surda, infelizmente, não é diferente, e é um pouco triste perceber que os surdos acabam sofrendo preconceitos linguísticos por todos os lados: da comunidade ouvinte, que exclui a língua de sinais; e da própria comunidade surda, que estigmatiza variantes da língua de sinais falada por outras comunidades. Porém, após o estranhamento inicial, eu me adaptei bem à língua de sinais do Rio de Janeiro e dei continuidade às aulas de Libras normalmente.

Nesse momento de minha história, a minha vida encontrou um novo foco e um novo objetivo: a difusão da Libras. Eu passei a ministrar cursos e minicursos de Libras para ouvintes e surdos por todo o Brasil, na tentativa de fazer a diferença para a minha comunidade e de alcançar as conquistas que tanto almejávamos.

Fui membro da equipe *Linguagem e Surdez* com a profa Lucinda Ferreira Brito. Nesse grupo, pesquisávamos o dicionário da Libras, a metodologia da Libras como L2, e da transcrição de dados entre outras atividades. Fui membro da equipe do *Programa Nacional de Apoio ao Surdo*, época em que fui coautora do livro *Libras em Contexto*. Também fui consultora e professora em Brasília para instrutores e agentes multiplicadores de Libras e dei suporte pedagógico nos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Santa Catarina e São Paulo em parceria com a *Federação Nacional para Educação e Integração do Surdo* (FENEIS-RJ). Fui membro do grupo de pesquisas de Libras e cultura surda da FENEIS-RJ de 1993 a 2003 e membro do grupo de pesquisas da *Acessibilidade Brasileira de Reabilitação*, além de ter trabalhado na coordenação da *Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos*, a FENEIS no Rio de Janeiro.

Elaboramos e organizamos o dicionário de Libras/Português, classificando as estruturas lexicais de acordo com os parâmetros estruturais de Libras, além de supervisionar e corrigir ilustrações da publicação. Assim, me engajei em inúmeras atividades em prol da promoção da Libras no Brasil.

Em 1997, ingressei na UFRJ no cargo de professora auxiliar I e hoje sou professora auxiliar IV na disciplina optativa “Estrutura e Funcionamento da Língua Brasileira de Sinais - Libras I, II, III e IV”. Posso dizer que foi uma grande conquista, não só para mim, mas para toda comunidade surda, ter sido a primeira professora universitária surda, e com isso mostrar que não existem barreiras que impeçam os surdos de conquistarem o mesmo nível que os ouvintes, barreiras estas que nos limitam e colocam à margem da sociedade, e se existe algum

obstáculo, nós podemos vencê-lo juntos, com muita luta sim, mas munidos da razão de sermos linguisticamente diferentes, mas igualmente capazes.

Em 2006, a implantação dos Cursos de Letras-Libras a partir do trabalho pioneiro de Ronice Quadros na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), motivou a volta aos bancos da escola de muitos surdos já em idade avançada, principalmente daqueles que não tiveram oportunidade de ter seu nível superior completo. Além disso, muito surdos que já eram formados em outras áreas se viram motivados a voltar a cursar uma nova graduação: Letras-Libras. Foi o que aconteceu comigo, por exemplo.

Anos depois de já ser professora universitária, resolvi voltar a estudar. Fiz o curso de Letras-Libras a distância da UFSC no polo INES-RJ. Formei-me no ano de 2010 e no oitavo período do curso fiz o estágio no INES. Foi nesse momento em que brotou o meu interesse pelo tema atual de minha dissertação: o do papel das preposições na Libras.

Durante o estágio que realizei no polo INES, percebi que também havia variantes dentro e fora da escola, ou seja, os alunos utilizavam os sinais próprios no INES diferentemente dos surdos fluentes fora da escola. Cabe ressaltar que no INES os alunos aprendiam com professores ouvintes que não eram fluentes da Libras, o que provoca uma maior interferência das variantes produzidas por ouvintes, com maior influência do português sobre a Libras no interior das salas de aula.

Isso não é novidade na educação de surdos, pois há vários relatos históricos que mostram como professores ouvintes interferem nas línguas de sinais dos surdos, inclusive aqueles que acolhem e reconhecem o valor das línguas de sinais, como foi o caso do Abade de L'Epée na França do século XIX (SACKS, 1998), como será discutido no histórico da educação formal dos surdos no capítulo 2.

Essas experiências de estudo e pesquisa da gramática da Libras, e também a experiência do estágio com ensino do Português como L2, começaram a despertar o meu interesse sobre a existência de preposições em Libras, se elas de fato existem devido à interferência do português, se existem mesmo sem a interferência do português ou se na verdade não há preposições na Libras. Essas dúvidas me motivaram a iniciar essa pesquisa.

1.3 JUSTIFICATIVA

O desejo de pesquisar o tema preposições surgiu a partir de diversas questões que por muito tempo me trouxeram angústia pela necessidade de respostas, tais como: por que os surdos apresentam dificuldade com preposições do Português no contexto do ensino e aprendizagem de L2? E por que a maioria dos pesquisadores diz não existir preposição nas línguas de sinais, enquanto outros, como, Capovilla e Salles, dizem existir? Essas duas questões nos levam a perguntar: há ou não há preposição na Libras?

A justificativa deste estudo se divide em duas partes: primeiro, a necessidade de entender bem a gramática da Libras em relação à gramática do Português, para que tanto o ensino da Libras como L1 quanto o ensino do Português como L2 para surdos seja de qualidade; segundo, para esclarecer as divergências de opiniões entre pesquisadores da Libras, já que alguns propõem a existência dessa categoria gramatical na Libras enquanto outros afirmam que não. Esse segundo aspecto vai ser apenas introduzido brevemente aqui e será retomado com mais profundidade na seção sobre gramática da Libras o capítulo 2.

1.3.1 O problema das preposições no ensino do Português como L2 para surdos

Minha motivação para fazer um estudo sobre o uso de preposição no contexto da Libras surgiu principalmente durante um estágio que fiz para o curso de Letras/Libras no segundo semestre de 2010, cujo campo de atuação foi o INES.

Da década de 1970 até os meados da década de 1990, o INES usou a filosofia da Comunicação Total, que preconizava a mistura do Português e da Libras sempre privilegiando a estrutura do Português, como será discutido no panorama sobre educação de surdos do capítulo 2. Assim, os professores falavam Português enquanto produziam alguns sinais supostamente equivalentes ao Português, mas hoje sabe-se que essa estratégia afeta a estrutura das línguas de sinais, que exige uma forma de estruturação independente da língua oral. Como resultado da comunicação total, percebi que expressões pidginizadas em Libras proliferaram principalmente com a estratégia da simultaneidade do movimento pela boca com o sinal.

Eu fazia dupla com outra estagiária, Patrícia Gazale, e nós devíamos assistir aulas de Português como L2 para surdos. As aulas eram iniciadas com a leitura de um texto em Português que era em

seguida discutido em língua de sinais. Na aula seguinte, era feita a tradução para a Libras. Percebemos que os alunos surdos do 9º ano do Ensino Fundamental não faziam o uso correto das preposições e com autorização da professora da classe, então intervimos com um trabalho de conscientização e estimulação ao uso das preposições utilizando o texto “A Incapacidade de ser verdadeiro”, de Carlos Drummond de Andrade (1985).

Na primeira aula, a professora Cristiana distribuiu o texto, sinalizou a leitura e os alunos a acompanharam. Em seguida, os alunos leram o texto e sinalizaram-no para a professora. Em sua sinalização, percebemos que os surdos não conheciam as preposições e leram o texto utilizando um português sinalizado (fazendo um sinal para cada palavra), e que não demonstravam uma compreensão adequada do texto, o que seria possível se eles tivessem lido e em seguida adaptado o texto para a Libras. Por último, os alunos se reuniram em grupo e escreveram em Português o que eles entenderam sobre o texto, mas também escreviam com palavras soltas sem preposições e conectivos. Infelizmente não tenho mais os textos destes alunos para poder ilustrar.

Assim, ao longo do desenvolvimento da atividade pudemos observar a falta de preposições no texto em Português pelos alunos. Parecia que eles não percebiam as marcas que estabelecem relações existentes entre as palavras e expressões do português. No caso dessa atividade, os alunos surdos traduziam as frases palavra por palavra, tornando confusa a compreensão do texto.

Nessa experiência de estágio, o único item lexical que parece ter sido utilizado como se fosse uma preposição pelos alunos foi o sinal PARA. É interessante observar que esse sinal, que a própria glosa do português sugere que seja uma preposição, era um sinal usado pela professora de forma recorrente. O sinal PARA em Libras parecia ser uma interferência do Português, mas os alunos pareciam reconhecer o significado da preposição “para” no Português, empregando o sinal PARA como a sua tradução para a Libras. Na ocasião, eu pensava que a Libras deveria ter preposições, e considerava o sinal PARA, usado de forma recorrente pelos professores e também por alunos, como um empréstimo do Português na Libras. Essa observação gerou a hipótese desta pesquisa, que será explorada na análise.

Ao tentar explicar para os alunos o tema das preposições, na ocasião, eu chamei esses itens lexicais da Libras, como é o caso de PARA, de “marcas visíveis”; em outros casos, quando os exercícios mostraram que o uso do espaço e de outros recursos da Libras desempenhavam as funções que no Português eram desempenhadas por

preposições, não envolvendo sinais independentes, eu denominei esses recursos de “marcas não-visíveis” das preposições em Libras. Em minha concepção, “marcas visíveis” seriam sinais independentes que funcionavam como preposição na Libras, e marcas não-visíveis apareciam quando a função prepositiva estava presente nos verbos direcionais e em outros recursos da sinalização, mas não em sinais independentes. No capítulo 2, na seção que trata de preposições na Libras, veremos que essa visão se aproxima da proposta de alguns pesquisadores da Libras como Salles et al. (2002).

Fernandes (1990), em uma de suas pesquisas, aborda o Português como L2 dos surdos, a autora observa diversas dificuldades gramaticais dos alunos: falta de consciência de processos de formação de palavras, desconhecimento da contração de preposição com o artigo; uso inadequado dos verbos em suas conjugações, tempos e modos; uso inadequado das preposições; omissão de conectivos em geral e de verbos de ligação; troca do verbo “ser” por “estar”; uso indevido dos verbos “estar” e “ter”; colocação inadequada do advérbio na frase; falta de domínio e uso restrito de outras estruturas de subordinação. Assim, a questão das preposições aparece como um dos tópicos que os surdos sentem dificuldade no momento de aprender o português como L2.

O Português e a Libras não podem ser pensados como se houvesse uma correspondência exata entre as palavras e os sinais de uma sentença. Ao contrário, os sinais específicos para cada situação às vezes podem ser traduzidos por mais de uma palavra do Português e vice-versa, e as estruturas das línguas de sinais e línguas orais coincidem apenas em alguns contextos. Assim, precisamos compreender bem o contexto gramatical da Libras não apenas para promover um ensino da Libras como L1 de qualidade, mas também para permitir que os surdos aprendam claramente os contrastes e semelhanças entre a sua língua e o Português, a sua L2.

1.3.2 Visões contraditórias sobre preposições na Libras nos estudos científicos

Uma dúvida que permeia esta pesquisa é a existência ou não das preposições como classes gramaticais na Libras, visto que diversos autores afirmam a não existência desta classe, enquanto alguns afirmam a sua existência. Apesar de o estatuto da Libras enquanto língua humana já estar bastante consolidado cientificamente (QUADROS; KARNOPP, 2004), há algumas visões contraditórias no que diz respeito à gramática da Libras, como por exemplo a questão das preposições. Como explica

Mesquita (2008):

Não há um consenso entre os pesquisadores quanto à existência da categoria das preposições em Libras. Algumas pesquisas apontam que as preposições são escassas e que, em Libras, as construções preposicionadas são realizadas de diferentes maneiras. De fato, em muitos casos, a preposição que ocorre em português é representada de outra forma em Libras.

A mesma autora discorre sobre as preposições e cita Fernandes (2003, p. 59), esta última alegando que as preposições e as conjunções estão incorporadas na utilização de classificadores. Em dicionários de Libras, como o de Azambuja e Felipe (versão 2.1 web 2008), algumas entradas de sinais da Libras são categorizadas como pertencentes à categoria das preposições. Constam neste dicionário sinais classificados como preposições, tais como ATÉ, COM, CONTRA, PARA, SEM, SOB, SOBRE. Felipe (1998), em relação às classes de palavras, afirma que todas as classes existentes em Português também estão presentes em Libras, com exceção dos artigos.

Diferentemente, Quadros & Karnopp (2004, p. 53) afirmam que “em Libras não existe preposição, conjugação de verbos e artigos”. As autoras Fernandes e Strobel (1998, p. 16), igualmente, fazem a observação no livro *Aspectos da Libras*, afirmando que na estrutura da Libras observam-se regras próprias e não são usados os artigos, preposições, conjunções, porque esses elementos conectivos estão incorporados em outros recursos vinculados ao sinal.

Assim, é preciso levantar critérios para debater a questão da gramática da Libras com maior clareza. Essa pesquisa poderá ter impacto tanto em nossa compreensão sobre as características gramaticais da Libras, contribuindo para a melhoria do ensino da Libras como L1 para surdos e como L2 para ouvintes, quanto para a melhoria do ensino do Português como L2 para surdos.

1.4 PROBLEMA DE PESQUISA

O problema central desta pesquisa diz respeito à descrição do sinal PARA, pois ainda é polêmico se esse sinal pode ou não ser classificado como preposição e se ele pode ser resultado de um empréstimo, como interferência do Português sobre a Libras.

1.5 OBJETIVOS

1.5.1 Objetivo geral

Explorar evidências favoráveis e/ou contrárias à categorização do sinal PARA como uma preposição na Libras.

1.5.2 Objetivos específicos

(a) Constituir uma base de dados da Libras envolvendo discursos espontâneos de surdos em que o sinal PARA apareça;

(b) Descrever os contextos de uso espontâneos do sinal PARA em busca de regularidades formais e funcionais;

(c) Comparar os dados espontâneos relativos ao sinal PARA com os dados desse mesmo sinal documentados em obras de compilação de sinais e dicionários;

(d) Analisar criticamente as formas de documentação e transcrição da Libras por meio de glosas, de modo a evitar a influência da gramática e semântica da preposição “para” do Português sobre o sinal PARA na Libras.

1.6 APRESENTAÇÃO DA ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A presente dissertação está estruturada da seguinte forma. Na **Introdução**, busquei oferecer um entendimento a respeito do contexto e da motivação que me levou à produção deste estudo, destacando a minha condição de surda e pesquisadora da Libras, e profissional de ensino da Libras como L1 e do Português como L2 para surdos. Além disso, destaquei as divergências do campo de pesquisas linguísticas sobre a categoria das preposições na Libras e comentei algumas reflexões sobre as dificuldades encontradas para tornar possíveis os objetivos almejados com a realização desta pesquisa.

No **Capítulo 2, Fundamentação Teórica**, farei um levantamento de itens bibliográficos que sustentam e apoiam nosso estudo a respeito das preposições e da influência do Português sobre a Libras. Vou discorrer sobre as preposições do Português e as abordagens gramaticais que estudam esta língua, a gramática normativa e a gramática do uso, esta última sendo a abordagem favorecida no presente estudo a respeito da Libras. Visto que o estudo é sobre a possibilidade das preposições na Libras, dissertarei brevemente a respeito de aspectos gramaticais dessa

língua e sua composição estrutural, revisando então o debate sobre a existência de preposições na Libras. Além disso, o capítulo 2 também aborda a situação sociolinguística dos surdos, pois por estar em contato com duas comunidades, a ouvinte e a surda, há a hipótese de as categoriais preposicionais terem surgido a partir do contato das línguas e a interferência do Português na Libras. Fez-se necessário compreender como esta relação influenciável pode ocorrer entre duas línguas, para depois discutirmos se esta é a razão para um possível surgimento da preposição PARA na Libras.

No **Capítulo 3, Metodologia**, apresentarei primeiro a abordagem funcionalista da pesquisa, que privilegia dados de uso espontâneo da Libras, complementados por apoio de nossa intuição pelas limitações das recentes pesquisas em Libras, que ainda não dispõem de um corpus amplo. Em seguida, discutiremos o problema do processo de transcrição de dados da Libras por meio do Português escrito e apresentaremos uma proposta de transcrição e apresentação de dados com maior ênfase nas imagens de sinalização do que no uso de glosas.

Tendo em vista que o capítulo 2 traz exemplos da Libras que utilizam transcrição, e considerando que uma das preocupações da pesquisa é evitar que a transcrição, que faz uso de glosas em Português, enviesse nossa compreensão sobre a Libras, o leitor pode julgar se é necessário ler essa seção metodológica que discute o problema da transcrição antes de ler a fundamentação teórica. Por fim, no capítulo 3 vamos descrever também os procedimentos metodológicos para coleta dos vídeos do *YouTube* e de outros materiais que servirão de base de comparação, como livros e dicionários, e os aspectos éticos da pesquisa.

No **Capítulo 4, Análise de Dados**, realiza-se a análise das amostras de produção de falantes surdos na produção da Libras envolvendo o sinal PARA. Identificamos as regularidades morfosintáticas do sinal e comparamos os resultados dessa análise com o sinal PARA documentado em algumas obras historicamente importantes. Também analisamos a interferência e influência do Português sobre a Libras, quando se fez necessário utilizar glosas para poder fazer análise da Libras. O capítulo mostra que o sinal PARA pode sim ser categorizado como uma preposição, mas que os contextos de uso são bastante restritos, e, portanto, não podemos afirmar que a Libras faz uso da categoria gramatical preposição com a mesma produtividade do Português. Também mostramos que há evidências de o sinal PARA ser resultado de interferência do Português, talvez um empréstimo, embora não possamos também concluir isso definitivamente.

No **Capítulo 5, Últimas Questões**, foi feita uma breve avaliação do estudo e de seus resultados, assim como sua importância para a comunidade surda e para os estudos surdos. Especificamente, vamos discutir três questões resultantes da análise desta pesquisa: a) é possível afirmar que o sinal PARA é um empréstimo do Português? b) como a prática de glosagem prejudica a pesquisa gramatical e semântica da Libras? c) é possível afirmar que a Libras possui a categoria gramatical das preposições? Vamos apontar os aprendizados que essa pesquisa trouxe para a formação da pesquisadora e de seu orientador, e indicar possíveis direções de pesquisa futura para quem se interessar por esse tema da gramática da Libras.

No **Capítulo 6, Considerações Finais**, sintetizamos os principais desafios e limitações da pesquisa e situamos este trabalho num contexto social mais amplo, argumentando que a quase exclusividade da escrita como meio de documentação, descrição e análise de línguas tem se tornado um obstáculo não apenas ao aprofundamento do estudo da Libras, mas também à própria formação das pessoas surdas que utilizam a Libras como primeira língua.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 INTRODUÇÃO

Por ter sido recentemente reconhecida como uma língua, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) ainda carece de muito estudo e investigação para que possamos conhecer de fato sua estrutura e valorizar sua importância para a comunidade surda. Logo, é de se esperar que a Libras possua menos estudos científicos do que o Português, já que seu reconhecimento é uma realidade recente. Ainda assim, os estudos existentes são muito valiosos e importantes para que se possa conhecer a língua da comunidade surda do Brasil.

Refletir a respeito de uma determinada classe gramatical é conhecer mais a fundo a estrutura de uma língua. No caso das preposições e sua existência ou não na Libras, este ato é ainda mais significativo, pois o resultado desta pesquisa pode mudar as concepções que os linguistas têm sobre as línguas de sinais, bem como o modo de se ensinar e aprender a Libras como primeira língua (L1) e o Português como segunda língua (L2) dos surdos.

Vale ressaltar que por viverem em uma sociedade majoritariamente ouvinte, é de se esperar que os surdos tenham a sua língua influenciada pela língua oral do local onde vivem. Entretanto, apenas o contato entre línguas seria uma motivação suficiente para que surgisse uma nova classe gramatical na Libras? De fato, caso as preposições sejam sim uma realidade da Libras, um argumento favorável para seu surgimento poderia ser a influência do Português sobre a língua de sinais para satisfazer a necessidade dos ouvintes em completar supostas lacunas que eles, sem conhecer profundamente a gramática das línguas de sinais, creem existir na Libras.

Para que possamos desenvolver um estudo que permita avaliar essa questão, é necessário inicialmente definir um conceito de preposição, o que faremos através de uma revisão das pesquisas com o Português segundo autores do campo da gramática normativa e da gramática baseada-no-uso. Abordando o conceito de preposição pelo olhar da gramática normativa, vamos discutir alguns gramáticos tais como, por exemplo, Evanildo Bechara (1969), Celso Cunha e Lindley Cintra (1997), e Azeredo (2008), que discorrem sobre a função gramatical das preposições, basicamente como sendo a de relacionar dois termos na oração. Em seguida, analisaremos os conceitos preposicionais descritos por Neves (2000). Estes foram feitos sob a perspectiva vinculada ao estudo das preposições em seus contextos de

uso na prática dialógica, sendo de suma importância, pois será a partir dessa autora que vamos analisar a existência ou não da categoria “preposição” na Libras.

Ainda focados na discussão sobre a gramática, vamos então introduzir a gramática das línguas de sinais ao leitor que não está familiarizado. Vamos falar um pouco de como a fonologia, a morfologia e a sintaxe da Libras têm sido estudadas, e sobre a possível existência ou não da classe gramatical de preposições em sua estrutura.

Tendo em vista a hipótese inicial desta pesquisa, de que sinais como PARA possam ser classificados como preposições na Libras por interferência do Português, vamos discutir na segunda parte do capítulo a situação de interferência do Português sobre a Libras, bem como alguns contextos sociolinguísticos em que os surdos vivem, lembrando que por muitos anos houve verdadeiro domínio ouvinte sobre a surdez e o incentivo para “normalização” dos surdos, fato que infelizmente ainda ocorre. Todavia, há um forte movimento da comunidade surda para que este domínio deixe de existir, garantindo a liberdade de comunicação através da língua de sinais para as pessoas surdas. Esse contexto sociolinguístico será útil depois para discutirmos a análise descritiva dos dados da Libras.

2.2 QUESTÕES GRAMATICAIIS

2.2.1 Português

Tendo em vista que a pesquisa gramatical teve início com as línguas orais e que as línguas de sinais só começaram a ser estudadas recentemente, partimos do pressuposto de que é importante conhecer o conceito de preposição do Português, segundo diversos gramáticos que serão abordados no desenrolar da reflexão. Esta reflexão deve comparar o conceito das preposições entre estudiosos de diferentes vertentes e pesquisas da gramática normativa em comparação com pesquisas da gramática do uso.

O Português aborda a questão das preposições, assim como outros assuntos, sob duas perspectivas diferentes: a da gramática normativa, que julga e define que alguns usos preposicionais são corretos e outros não, e os falantes deveriam, então, seguir a norma descrita por eles para usar o Português “correto”; e a da perspectiva da linguística, que estuda e explica as preposições baseado nos usos da língua em diferentes contextos. Dentre as várias teorias linguísticas, vamos trabalhar com o funcionalismo, que é uma teoria que privilegia o

uso da linguagem e busca no discurso evidências para o processo de estruturação e gramaticalização das línguas.

A gramática normativa estuda e estimula, através da escolarização, as regras para o “bom uso” da língua oral e escrita, que muitos autores hoje relacionam aos registros mais formais e elaborados, como por exemplo, o acadêmico. Este campo de estudo e atuação acredita que a língua deva ser utilizada sempre corretamente, tanto na fala quanto na escrita, e as variações que não se conformam à norma acabam sendo ignoradas ou estigmatizadas como “erradas”. Quando isso acontece, temos o fenômeno social do preconceito linguístico.⁶

Esta abordagem linguística teve início no período dos estudiosos alexandrinos, onde havia real preocupação literária, e não tanto com a filosofia e a lógica como os filósofos gregos pré-socráticos, primeiros retóricos, Sócrates, Platão e Aristóteles assim como os filósofos do período estoico. Estes estudiosos alexandrinos possuíam dois fatores que os fizeram se debruçar sobre a língua: a preocupação em deixar as obras de Homero para os contemporâneos e a preocupação com o uso correto da língua, tanto no que se refere a pronúncia quanto a gramática, para se preservar o grego clássico. Isto tudo ocorreu no século III a.C., onde estes estudiosos escreveram glossários e compêndios gramaticais para que os contemporâneos pudessem ter acesso as diversas obras como, por exemplo, as de Homero. (LOBATO, 1986, p. 45).

Além disso, na escolarização muitos alunos sentem dificuldades para estudar a língua dessa maneira, por não conseguirem compreender a complexidade das regras, que muitas vezes estão muito distantes da sua língua vernácula. Entretanto, atualmente, o aprendizado da gramática normativa ainda é uma exigência do ensino do Português, sendo a forma de se alcançar uma língua de prestígio na sociedade e acessar os principais meios de poder político, social e econômico.

⁶ Bagno (2007, p. 09) em seu livro intitulado “*Preconceito linguístico o que é, como se faz*” discorre sobre a gramática normativa e atenta para que ao se estudar uma língua, não se deve agir como alguns gramáticos que a veem como uma língua morta, ignorando as pessoas que a utilizam e a tornam viva e mutável. Segundo ele, há uma confusão na sociedade entre o conceito de língua e a gramática normativa. Logo, ele deixa claro que a gramática normativa estuda apenas uma parte da língua, que é a chamada *norma culta*, e por ser um estudo parcial, seus conceitos e regras não devem ser aplicados a toda língua. Ele afirma que é “essa aplicação autoritária, intolerante e repressiva que impera na ideologia geradora do preconceito linguístico”.

Independentemente da polêmica sobre o “certo” e o “errado” da língua, os gramáticos normativos têm um importante trabalho sobre a estrutura do Português, e para conhecer o conceito de preposição, é importante conhecer a visão desses autores. Assim, vejamos agora como os teóricos da gramática normativa definem a categoria gramatical das preposições para melhor compreender o fenômeno que vamos estudar.

Bechara (1969) afirma que a preposição “[...] é a expressão que, colocada entre duas outras, estabelece uma subordinação da segunda à primeira”. Cunha e Cintra (1997) dizem que as preposições são palavras gramaticais, isto significa que estas não têm conteúdo semântico e servem para relacionar dois termos de uma frase.

Chamam-se preposições as palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (antecedente) é explicado ou completado pelo segundo (consequente). CUNHA, C.; CINTRA, L. Nova gramática do Português contemporâneo. 3ª ed. Revista e ampliada. Rio de Janeiro: LEXIKON, 2007)

Chamamos a atenção para alguns conceitos presentes nas definições desses autores. Sob a ótica destes pesquisadores, as preposições são *palavras invariáveis*, isto é, palavras que não serão flexionadas para se adequar a diferentes contextos sintáticos. Em segundo lugar, as preposições criam uma *relação de subordinação* da unidade ou sintagma nominal subsequente em relação à unidade antecedente. Deixando de lado a polêmica questão normativa, podemos operar com os conceitos desses autores e considerar, em nossa análise, se o sinal PARA da Libras segue esses 3 requisitos para que possa ser considerado uma preposição.

Diferentemente da gramática normativa, a ciência linguística surgiu com o interesse de estudar a língua como ela se constitui de modo natural em meio às diversas sociedades, com ênfase para a linguagem oral⁷ por entender que é na comunicação em co-presença que as línguas

⁷ Linguagem oral aqui não significa “línguas orais” e sim oralidade no seu sentido amplo, de uso da língua em contextos de interação face-a-face. McCleary (2003) sugere pensar a oralidade nesse contexto como corporalidade, para chamar a atenção para o fato de que tanto as chamadas “línguas orais” quanto as “línguas de sinais” envolvem o uso do corpo na interação social em co-presença física.

se estruturaram fundamentalmente. Assim, a linguística não tem como objetivo estabelecer o “bom falar”, isto é, *normatizar* a língua, mas sim *descrever* e *explicar* as convenções linguísticas usadas numa dada comunidade.

Dentro da tradição de estudos linguísticos, duas grandes correntes podem ser definidas. A corrente formalista entende que a explicação sobre os fenômenos da língua acontece sempre no nível da forma, que possui regras próprias e é independente do conteúdo. Já a corrente funcionalista entende que a explicação sobre os fenômenos da língua sempre está ligada à função da linguagem, isto é, o papel que ela desempenha em contextos de comunicação real. Por causa disso, a abordagem funcionalista faz o estudo da língua a partir do uso, levando-se em consideração a dinâmica das línguas que sempre estão sujeitas a variações e adaptações ao contexto imediato. Os estudiosos dessa vertente valorizam a interação verbal. Este estudo se alinha a essa última visão, motivo pelo qual pretendemos avaliar a questão das preposições partindo da Libras em uso e dando especial atenção à função em relação à forma.

Para Azeredo (2008, p.196), os estudiosos dessa vertente valorizam a interação verbal. Este estudo se alinha a essa última visão, motivo pelo qual pretendemos avaliar a questão das preposições partindo da Libras em uso e dando especial atenção à função em relação à forma.

Para Cunha (2008, p. 157), o funcionalismo é uma corrente linguística que, em oposição ao estruturalismo e ao gerativismo, se preocupa com a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas. Fragoso (2003) confirma essa visão, afirmando que o funcionalismo vê a língua como instrumento de interação social, e que a linguagem tem como principal função mediar a comunicação, onde o falante deve saber *usar* as expressões de maneira apropriada e não apenas saber construí-las e interpretá-las de acordo com regras abstratas. A linguística funcional diferencia-se em vários aspectos da visão normativa. Observe alguns deles propostos por Fragoso.

Quadro 01 - Norma X Função

GRAMÁTICA NORMATIVA	GRAMÁTICA FUNCIONAL
Orientação Sintagmática.	Orientação Pragmática.
Interpretação da língua como um conjunto de estruturas.	Interpretação da língua como uma rede de relações.
Ênfase nos traços universais da língua.	Ênfase nas variações linguísticas.
Sintaxe como base - organização em torno da frase.	Semântica como base - organização em torno do texto ou do discurso.

Fonte: **FRAGOSO (2003)**

A gramática funcional vai além da estrutura gramatical. Ela se preocupa com o contexto discursivo e a motivação para os fatos da língua. Por essa linha, os fenômenos linguísticos são vistos como resultados da adaptação da gramática para atender às necessidades dos falantes. Logo, ela acredita que se a interação é a função mais importante da linguagem, as normas devem estar condicionadas ao tipo de interação que se estabelece. O funcionalismo acredita que a estrutura é uma variável dependente, pois depende do uso da língua e a constância ou não desses usos dão forma ao sistema.

Para Neves (2000, p. 601) as preposições pertencem a uma esfera semântica responsável pela junção dos elementos do discurso. As preposições observadas pela abordagem funcionalista são vistas como itens em processo de gramaticalização que servem como mecanismos de extensão de sentidos, a fim de conceituar circunstâncias e relações não passíveis de serem expressas no momento (NEVES, 2001, p.115).

Ainda segundo Neves, há três tipos de preposições: introdutórias de argumentos, preposições não introdutórias de argumentos e preposições acidentais. As duas primeiras equivalem às preposições essenciais da gramática tradicional.

1) Preposições Introdutórias de Argumentos - são aquelas que funcionam no sistema de transitividade que introduzem complemento, bem como relações semânticas (a, até, com, contra, de, em, entre, para, por, sob, sobre);

2) Preposições Não Introdutórias de Argumentos - não funcionam no sistema de transitividade, estabelecendo apenas relações semânticas (ante, após, desde, perante, sem);

3) Preposições acidentais - dizem respeito aos elementos que estão em gramaticalização como preposições, ou seja, assumindo a função das

preposições, mas em contextos restritos. Estas podem ser verbos no particípio presente (durante, mediante, etc.), verbos no particípio passado (exceto, feito, etc.), formas adverbiais (inclusive, fora, etc.), forma adjetival (conforme), forma de conjunção (como, se + não= senão) ou forma de numeral ordinal (segundo). As preposições acidentais funcionam fora do sistema de transitividade, isto é, não introduzem complemento, mas estabelecem relação semântica adverbial.

Neves discute inúmeras preposições no Português, porém vamos estudar em maiores detalhes apenas os contextos de uso da preposição “para”, tendo em vista a hipótese de que o contato do Português com a Libras resultou na criação do sinal PARA, que funcionaria como uma preposição na Libras.

É importante destacar que, na perspectiva da autora, uma construção é “transitiva” ou “apresenta transitividade” quando ela exige um *complemento sintático*, seja um complemento a um verbo, a um adjetivo, a um substantivo ou a um advérbio.

Vejamos a análise de Neves (2000) para melhor conhecer a preposição “para” em seus contextos de uso do Português:

Quadro 2 – Funcionamento da preposição PARA em português

Dentro do sistema de transitividade Introduz COMPLEMENTO Estabelece relações semânticas	Fora do sistema de transitividade Introduz ADJUNTO Estabelece relações semânticas
<p>Complemento de verbo – pode indicar:</p> <p>- <i>ponto de chegada/destino:</i> V + dinâmico: Os três amigos correm <u>para junto de Juarez.</u></p> <p>V – dinâmico: <i>Ficou <u>para trás</u> o jipe.</i></p> <p>- <i>receptor:</i> V + dinâmico: <i>Enviou a carta <u>para seu amigo.</u></i></p> <p>- <i>beneficiário:</i> V + dinâmico: Orçamento Federal <i>está consignado</i> 20% <u>para a educação.</u> V – dinâmico: [...] mas eu achei que <u>para você</u></p>	<p>(1) No sintagma verbal (= adjunto adverbial) - <i>circunstanciamento:</i> Peguei um coche <u>para a velha estrada</u> (<i>direção</i>) Marcamos agora uma reunião <u>para o dia 26.</u> (<i>tempo</i>) Orai <u>para não sucumbir no debate.</u> (<i>finalidade</i>) <u>Para mim</u> isso não é doença. (<i>opinião</i>) [...]</p> <p>(2) No sintagma nominal (= adjunto adnominal) [...] os rádios <u>para carro</u> se modernizam (<i>finalidade</i>)</p> <p>(3) Em construções de</p>

<p><i>ornava</i> mais este.</p> <p>- <i>ponto de referência no futuro:</i> V- dinâmico: Faltava ainda tanto tempo <u>para chegar o verão</u>.</p> <p>- <i>Finalidade:</i> V +dinâmico: O irmão mais moço <i>convidou-o para uma festinha</i>. V – dinâmico: A teoria política <i>serve para explicar o Brasil</i>.</p> <p>(2) Complemento de adjetivo: Obs.: Podem indicar os mesmos tipos de relações expressas na complementação dos verbos. [...] só 20% dos homens são predestinados <u>para a salvação</u>. [...] está de malas <i>prontas para uma viagem</i> de férias.</p> <p>(3) Complemento de substantivo: Obs.: Podem indicar os mesmos tipos de relações expressas na complementação dos verbos. [...] foi uma <i>vergonha para a nação</i>.</p> <p>(4) Complemento de advérbio: [...] não parece ter aumentado suficientemente <u>para elevar o poder de compra</u>.</p>	<p>circunstância: [...] se moviam da direita <u>para a esquerda</u>.</p> <p>(4) Em construções de perífrases: Tenho tanta coisa <u>para fazer</u> amanhã.</p> <p>(5) Em especificação locativa: Saiu para um passeio <i>lá para os lados de</i> [...]</p> <p>(6) Em construções com o verbo ser na expressão da capacidade do sujeito: Precisa ser bom <u>para fazer aquilo</u>.</p> <p>(7) Em expressões fixas: “Para o que der e vier”. [= para tudo] “Vir para ficar”. [ser definitivo] “Para dar e vender”. [= enorme]</p>
---	---

Fonte: Adaptado de Neves (2000, p. 691 – 701)

Os exemplos do Português no quadro acima, conforme a análise da autora Neves (2000), serão uma importante base de comparação com os contextos de uso do sinal PARA da Libras, desde que possamos manter em mente que nos interessam mais os *critérios de classificação* de Neves do que a classificação propriamente dita que ela faz da preposição “para” no Português. Sendo a Libras e o Português línguas

distintas, podemos até esperar que a classificação final do sinal PARA na Libras não se encaixe perfeitamente na tipologia de Neves.

A vantagem da análise de Neves em relação aos autores da gramática normativa é que a autora explora funções ou usos da preposição no Português (ponto de chegada, finalidade, receptor, etc.), e a comparação com a Libras torna-se mais segura quando olhamos para a função da linguagem em primeiro lugar, já que a Libras vem sendo estudada há pouco tempo e que ainda não há pesquisas de base funcionalista que indiquem com evidências empíricas como identificar categorias gramaticais nas línguas de sinais. Além disso, a tipologia de Neves para as preposições no Português, envolvendo preposições que introduzem ou não argumentos e preposições acidentais, também será explorada na análise para verificarmos se o sinal PARA se encaixaria em algum item dessa tipologia.

Desse modo, em nossa análise, adotamos principalmente a visão de Neves (2000) como base de reflexão e análise dos dados da Libras, porém isso não significa que a conceituação de preposição feita na área da gramática normativa não possa ser explorada também. Podemos explorar os requisitos que tornam uma palavra “preposição” na língua, de acordo com esses gramáticos, e podemos também discutir a questão que também existe na comunidade surda das atitudes linguísticas dos falantes que pensam que certos usos da Libras são “certos” e outros “errados”, ou ainda o que é a Libras “pura” e o que é “Português Sinalizado”. Esses assuntos serão melhor discutidos na seção 2.3, voltada para o contexto sociolinguístico deste estudo.

2.2.2 Libras

Este capítulo é importante, pois trata do aprofundamento do conhecimento da língua de sinais, demonstrando aspectos de sua estrutura e composição no nível dos itens lexicais, o que se faz necessário para podermos mais tarde avaliar a existência ou não de uma classe gramatical “preposição” na Libras. Além disso, neste capítulo discutiremos a visão divergente entre os pesquisadores da Libras, para entendermos o porquê de autores como Quadros e Karnopp (2004) e Fernandes e Strobel (1998) afirmarem a inexistência desta classe gramatical, enquanto que Capovilla (2001) não só a considera existente, como acrescenta os sinais relacionados à classe das preposições em seu dicionário trilingue. Salles (2004) também as considera existentes, mas afirma que esta classe gramatical parece ser bastante reduzida e restrita a contextos específicos. A presente pesquisa contribui para essa discussão,

trazendo argumentos para diminuir as dúvidas sobre o tema, uma vez que contribuirá com dados empíricos baseados em contextos espontâneos de uso da Libras.

É válido recordar que as línguas de sinais por muito tempo foram consideradas pantomimas ou gestos simplificados, não sendo compreendidas como uma língua natural da comunidade surda que possui o mesmo potencial expressivo e o mesmo nível de sofisticação gramatical das línguas orais. Esta compreensão e, consequente aceitação por parte da sociedade, majoritariamente ouvinte, só começou a se instaurar com a publicação de estudos clássicos da linguística das línguas de sinais, como Stokoe (1960) e Klima e Bellugi (1979), que demonstraram que a ASL (*American Sign Language*) seguia todos os pressupostos esperados para uma língua, ou seja, léxico, sintaxe e a capacidade de possuir uma quantidade finita de elementos que se recombina para permitir infinitas possibilidades linguísticas na estruturação de palavras e sentenças.

Como língua, a Libras é composta por todos os componentes pertinentes às línguas orais, como semântica, pragmática, sintaxe e outros elementos, preenchendo, assim, os requisitos científicos para ser considerado instrumento linguístico de poder e força. A tradição linguística de estudo das línguas de sinais e da Libras afirma que essa língua se distingue do Português por ser uma língua gestual-visual (FERREIRA-BRITO, 1995).

Os estudos linguísticos da Libras são bastante recentes e muito ainda está por ser pesquisado com relação a regras gramaticais e seus valores, mas diversos autores já afirmaram a existência da gramaticalidade da língua. Como foi reconhecida há pouquíssimo tempo, diversos aspectos ainda necessitam de estudos mais aprofundados. Esses estudos geram benefícios para a comunidade surda brasileira, que se fortalece ao perceber o reconhecimento de sua língua pela sociedade. Esta, por sua vez, tem a chance de conhecer e respeitar a Libras. Desta maneira, passam também a aceitar a diversidade, melhorando a qualidade de vida para a população como um todo.

Nas próximas seções, faremos uma breve apresentação dos níveis organizacionais linguísticos da Libras no nível fonológico, morfológico e sintático, pois esses níveis serão relevantes para analisarmos depois o sinal PARA e avaliarmos em que medida esse sinal se enquadra na categoria gramatical “preposição”.

2.2.2.1 Fonologia

















Como já mencionado no capítulo 2, página 19 os estudos das línguas de sinais tiveram como grande pioneiro William Stokoe (1960). Ele e seus colaboradores utilizaram a metodologia estruturalista clássica de contraste entre pares mínimos. Eles perceberam que diversos aspectos de sinais, sem significado evidente quando isolados, se recombinavam de modos produtivos para gerar diferentes itens lexicais. Stokoe nomeou esses aspectos mínimos dos sinais de *queremas*, do grego *khéir*, que significa “mãos”, por acreditar que os fonemas remetem ao som e, portanto, devem estar restritos às línguas orais. Os três aspectos de sinais encontrados por Stokoe foram a configuração de mãos (CM), a localização (L) e o movimento (M). Mais tarde, outros estudiosos, como Battison (1974, 1978), incluíram também a orientação da mão (Or) e os aspectos não-manuais, que são algumas expressões faciais, nos estudos da fonologia de sinais.

Estes parâmetros da língua de sinais têm sido alvo de pesquisas fonológicas também na Libras. Ferreira Brito (1990, 1995) os descreve da seguinte forma:

- Configuração das mãos (CM) – são as diversas formas que uma ou as duas mãos tomam na realização do sinal e que não se restringem às formas das mãos correspondentes ao alfabeto manual, isto é, aos sinais que correspondem às letras do Português. Embora as configurações do alfabeto manual também sejam usadas produtivamente para criação de sinais, há outras configurações que também foram identificadas. Além disso, cada língua de sinais possui seu próprio sistema de configurações de mãos, podendo ou não possuir formas semelhantes.

De acordo com a análise de Ferreira Brito, a Libras apresenta 46 CMs (ver Quadro 1 abaixo). Esse inventário de CMs da Libras foi descrito a partir de dados coletados nas principais capitais brasileiras, sendo agrupadas verticalmente segundo a semelhança entre elas, mas ainda sem uma identificação enquanto CMs básicas ou CMs variantes. Dessa forma, o conjunto de CMs da página seguinte refere-se apenas às manifestações de superfície, isto é, de nível fonético encontradas na Libras. Ainda não há critérios consolidados para agrupar essas configurações em elementos fonológicos, o que envolve o aprofundamento das pesquisas nesse campo.

Quadro 3 – As 46 CMs da Libras (Ferreira-Brito e Langevin, 1995)

1  [B]	2  [A]	3  [G]	4  [C]	5  [S]	6  [V]	
 [â]	 [Â]	 [G ₁]	 [Ĉ]	 [S ₄]	 [V̂]	
 [B ₂]	 [A ₂]	 [C ₂]		 [ê]		
 [B̂]	 [A ₃]	 [G ₃]		 [Ŝ]		
7  [O]	8  [F]	9  [X]	10  [H]	11  [3]	12  [Y]	
 [ô]	 [F _f]		 [Ĥ]	 [â̂]	 [Ŷ]	
 [bO]	 [F _t]		 [Ĥ̂]	 [â̂̂]	 [Ŷ̂]	
13  [a]	14  [K]	15  [I]	16  [R]	17  [W]	18  [L]	19  [E]
 [a ₁]	 [K ₂]				 [L̂]	

• Movimento (M) - é um parâmetro bastante complexo, podendo envolver uma grande quantidade de formas e direções. Ferreira-Brito (1990) apresenta os vários parâmetros que afetam o movimento de um sinal, destacando que o movimento pode afetar os articuladores das mãos, do punho e/ou do antebraço e braço. Em termos de *direção*, os movimentos podem ser unidirecionais, bidirecionais ou multidirecionais. A *maneira* ou *modo* do movimento é a categoria que descreve a qualidade, a tensão e a velocidade do movimento. Por fim, a *frequência* refere-se ao número de repetições de um movimento. Além

disso, a CM pode permanecer a mesma durante a articulação de um sinal ou pode passar de uma configuração para outra. Quando há mudança na configuração de mão, ocorre movimento interno da mão – essencialmente mudança na configuração dos dedos selecionados, que é chamado de *movimento local*. (LIDDELL, 2003).

- **Locação (L) ou Ponto de Articulação (PA)** - é o local em frente ao corpo ou numa região do próprio corpo onde os sinais são articulados. Os sinais articulados no espaço são de dois tipos: os que se articulam no espaço neutro diante do corpo e os que se aproximam de uma determinada região do corpo, como, por exemplo, a cabeça, a cintura e os ombros. Quando se aproximam de uma região do corpo, mesmo que não haja os contatos físicos das mãos, o PA é considerado em referência ao corpo, e não ao espaço neutro.

- **Orientação das Mãos (OR)** – a orientação da palma da mão não foi considerada como um parâmetro distinto no trabalho inicial de Stokoe, mas depois foi incluído por Battison (1974). Por definição, orientação é a direção para qual a palma da mão aponta na produção do sinal. Ferreira Brito e Langevin (1995, p. 41), na Libras, enumeram seis tipos de orientações da palma da mão na Libras: para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a direita e ou para a esquerda.

- **Sinais não-manuais (SNM)** – algumas expressões faciais têm sido observadas como associadas a alguns sinais, aparentemente sendo necessárias à boa formação do sinal. Essas expressões podem ser de dois tipos: configurações faciais próprias das línguas de sinais, como as bochechas infladas que acompanham o sinal GORD@. A produção de um destes parâmetros de forma diferente poderia modificar o significado do sinal.

Apresentamos abaixo alguns exemplos de pares mínimos para ilustrar a operação desses parâmetros. Um exemplo da distinção ocorrida pela alteração de um desses aspectos é: SORRISO e QUEIJO, onde ambos possuem a mesma CM, a mesma L, porém seus movimentos distintos permitem que haja significados diferentes (figuras 13 a 16). Outro exemplo da distinção do movimento são os sinais EVITAR e VACA, que tem movimentos diferentes: o sinal EVITAR envolve um movimento para frente e o sinal VACA não se desloca para frente, ficando em contato com a cabeça, porém a CM e a L são as mesmas (figuras 17 a 20). Um exemplo da distinção da locação: os sinais das palavras INTELIGENTE e GRITAR ou DESCULPAR e AZAR, que apresentam a mesma CM e o mesmo movimento, mas locações distintas. As frases em Libras foram produzidas baseadas na

intuição da pesquisadora para ilustrar o uso desses sinais (figuras 21 a 28).

Figura 13 – SORRISO.

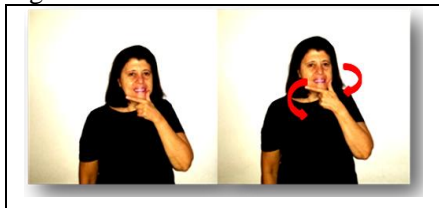


Figura 14 – QUEIJO.

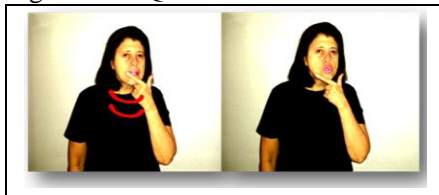


Figura 15 – Ele/Ela tem o sorriso bonito.

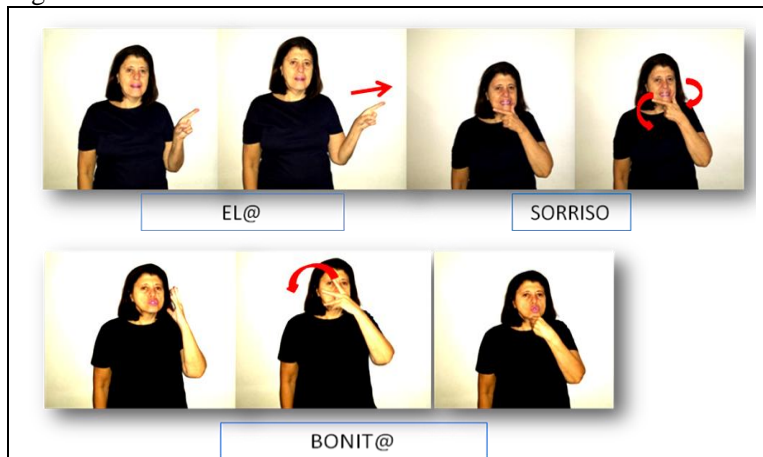


Figura 16 – Eu comi o queijo muito gostoso.

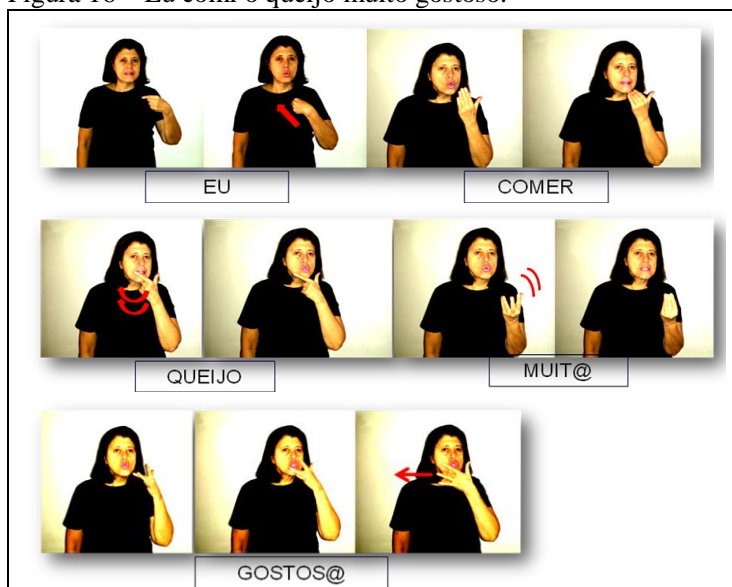


Figura 17 – EVITAR



Figura 18 – VACA

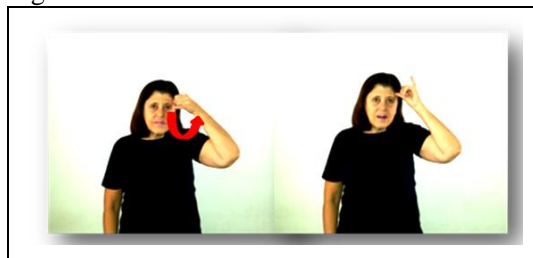


Figura 19 – Evite passear sozinho à noite, é perigoso.

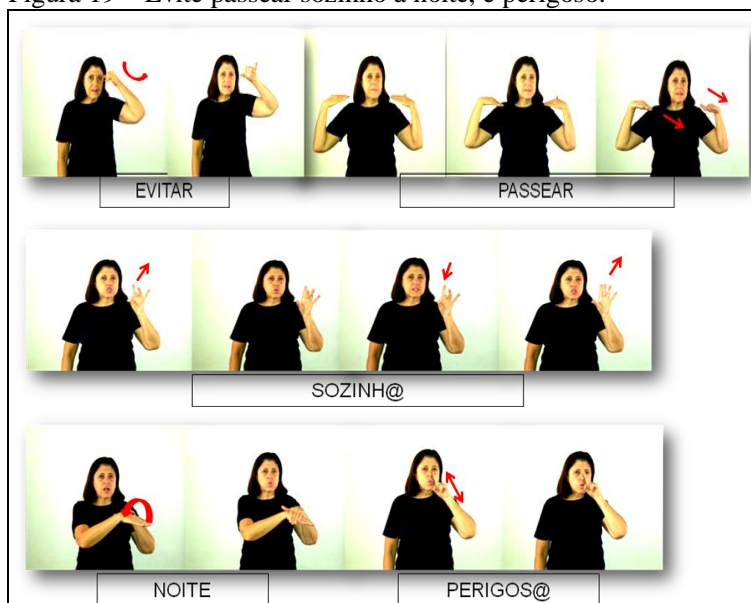


Figura 20 – Leite de **vaca** é bom para os ossos

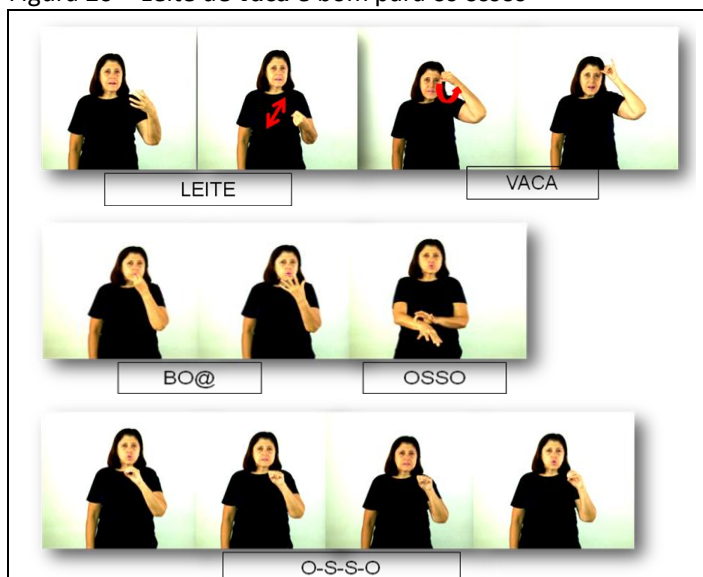


Figura 21 – INTELIGENTE



Figura 22 – GRITAR



Figura 23 – Ele/Ela é inteligente e aprende rápido.

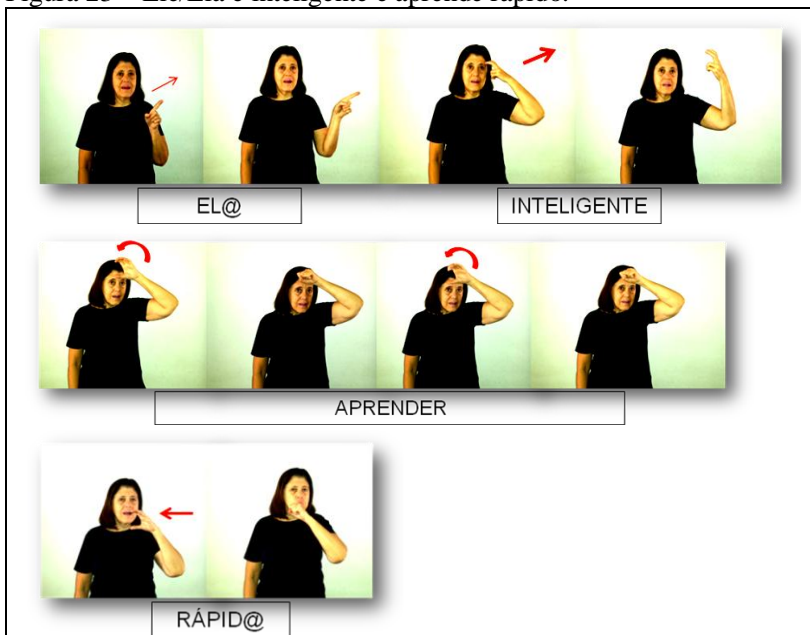


Figura 24 – Ontem à noite ele/ela sonhou e gritou.

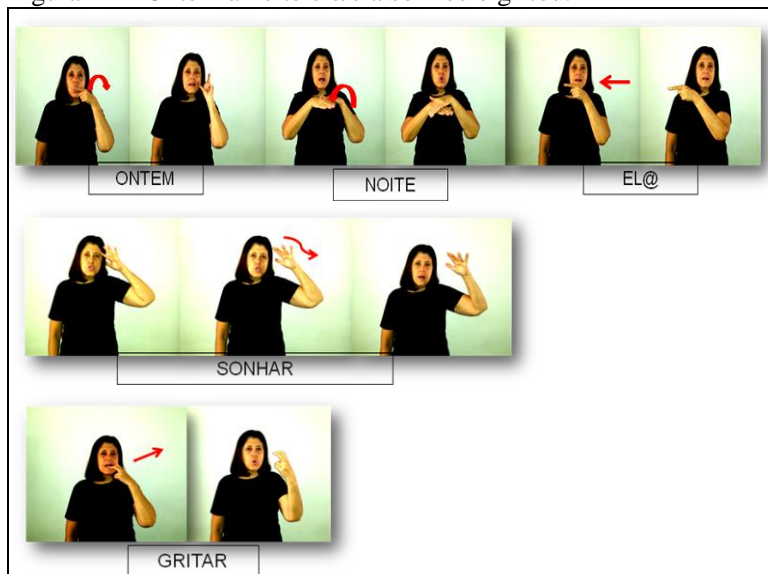


Figura 25 - DESCULPAR



Figura 26 – AZAR

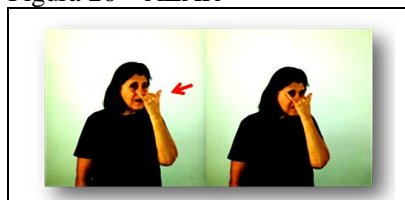


Figura 27 - Desculpe, eu preciso cancelar o nosso encontro.

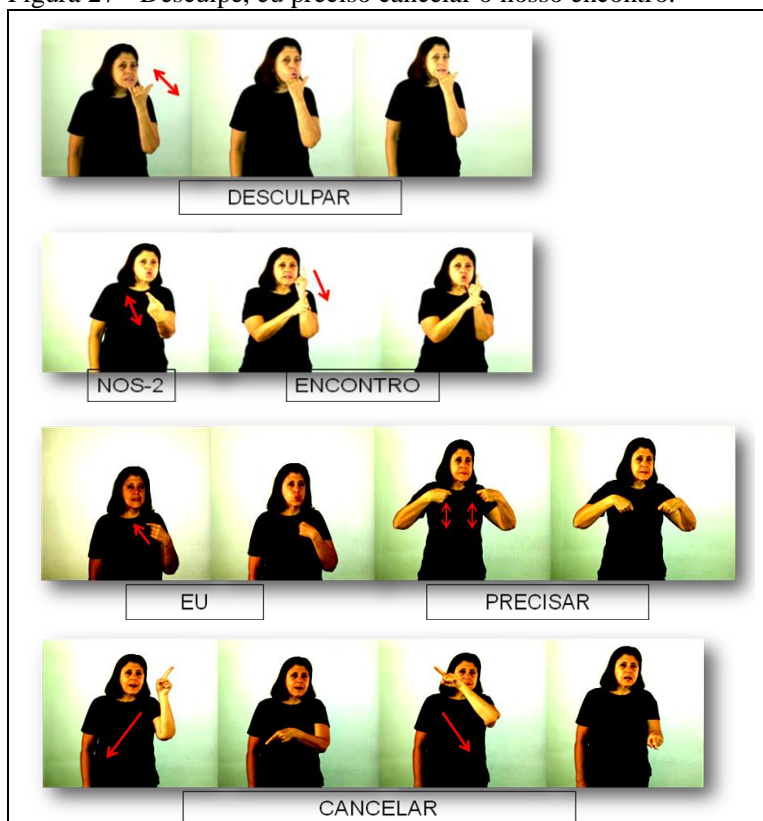
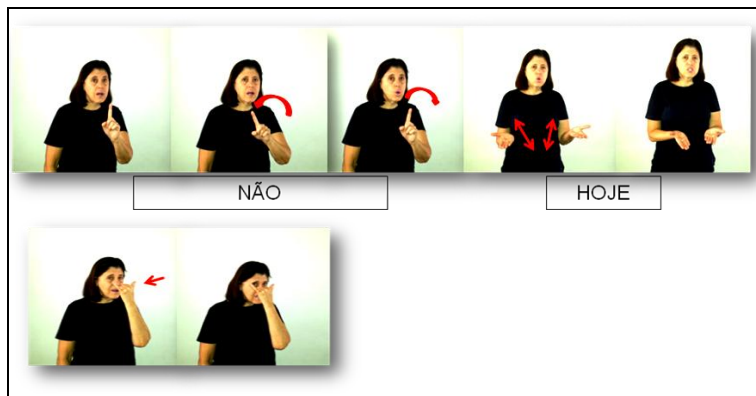


Figura 28 – Você não viajou hoje? Que azar!





Isto demonstra que as línguas de sinais possuem a mesma capacidade de possuir pares mínimos, como as línguas orais, logo possuem um nível fonológico (ou quirológico), nos termos de Stokoe, e morfológico. Entretanto, uma observação foi feita por Stokoe (1960) sobre a diferença do nível quirológico das línguas de sinais e o nível fonológico nas línguas orais: para ele, os queremas são compostos pela execução destes três aspectos ao mesmo tempo, enquanto que os fonemas são articulados sequencialmente.

Liddell (2003) atenta para o fato de que as línguas de sinais possuem muito mais possibilidade de construção de léxico do que as línguas orais, uma vez que há certa limitação nos tipos de contrastes articulatórios possibilitados pelo aparato vocal, comparativamente aos contrastes articulatórios possibilitados pelo aparato manual com o apoio do restante do corpo e todo o espaço.

Ferreira-Brito (1995) ainda afirma que todos os sinais que se incorporam ao léxico utilizam os parâmetros considerados gramaticais e convencionais dentro dessa língua. Isso constitui um dos aspectos que confirmam que a Libras é um sistema linguístico que se construiu a partir de regras, distanciando-a dos gestos naturais e das mímicas que parecem possuir muito menos restrições para a articulação. Mesmo os sinais com interferência da língua oral, que se tornam empréstimos da língua de sinais, obedecem às regras e restrições de sua estrutura.

2.2.2.2 Morfologia

A morfologia trata do estudo da composição interna dos sinais e das palavras, assim como as regras de formação destas palavras. A

palavra vem do grego *morphé*, que significa forma. São as menores unidades da língua dotadas de significado.

Segundo Quadros e Karnopp (2004), os classificadores⁸ fazem parte do núcleo lexical dentro da morfologia das línguas de sinais. A formação da maioria dos sinais e a criação de novos sinais ocorrem a partir dos classificadores. Por exemplo, os sinais nas figuras 29 e 30 abaixo é um classificador que se refere ao conceito de coisas finas e cumpridas, frequentemente usado para se referir a uma “pessoa”. Assim, esse sinal pode ser deslocado no espaço para indicar iconicamente o deslocamento de uma pessoa: por exemplo, alguém caminhando casualmente, se o movimento for do tipo “saltitante”, ou alguém se aproximando, se o movimento for retilíneo. A partir desse classificador, formou-se o sinal ENCONTRAR, um dos sinais convencionais da Libras que com o tempo passaram a significar outros tipos de encontro, não apenas de “pessoas”. Essa reflexão está ilustrada nas figuras abaixo, com frases criadas a partir da intuição da pesquisadora (figuras 29 a 33).

Figura 29 - CL: D - PESSOA-ANDAR

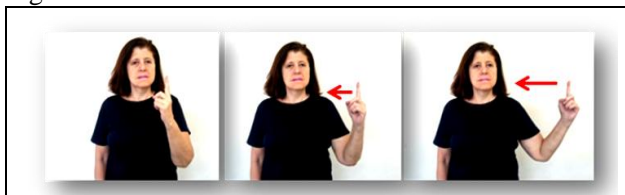


Figura 30 - CL: D - PESSOA-ENCONTRAR



⁸ A categoria gramatical “classificadores”, aplicada às línguas de sinais, tem sido questionada por muitos pesquisadores como inadequada para dar conta do fenômeno que se propõe a descrever e explicar – ver, por exemplo, a discussão de Schembri (2003).

Figura 31 – ENCONTRAR



Figura 32 – Hoje, encontrei o (a) meu (minha) amigo (a).

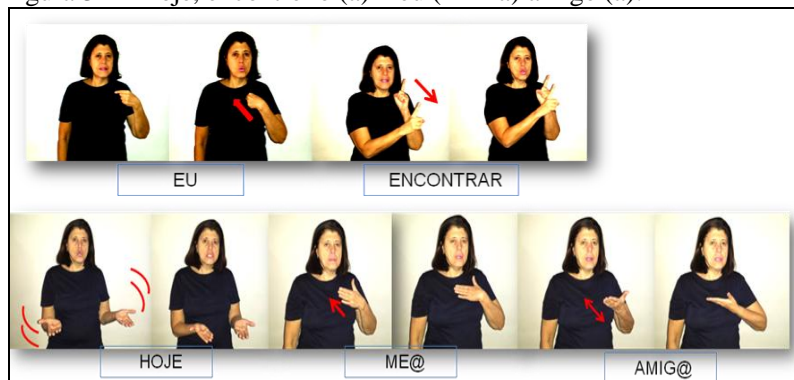


Figura 33 - Ele/Ela encontrou (achou) a chave do carro.



Isso ressalta a hipótese de que algumas das preposições aqui estudadas possam também ser frutos desta categoria lexical dos classificadores, demonstrando a importância metodológica de analisarmos as características formais dos sinais, tal como a configuração das mãos, para identificar a possível etimologia ou rede de relações formal e semântica dos sinais. Por exemplo, quando olhamos a configuração de mão, movimento e ponto de articulação do sinal ENCONTRAR, podemos identificar a sua relação formal (e também de sentido) com o classificador PESSOA-ANDAR.

Segundo Quadros (2004) existem morfemas que formam uma palavra por si só - outros não o fazem isoladamente, necessitando estar acompanhados para a constituir uma palavra.

Os primeiros são chamados morfemas livres, e os segundos são os morfemas presos. Pensando nisso, a autora afirma que as palavras podem ser unidades complexas, compostas de mais de um elemento. Nesse sentido, Leite (2008) afirma – com base numa observação de Evani Viotti – que a fonologia das línguas de sinais parece ser muito mais complexa do que a sua morfologia, sendo grande parte dos sinais em ASL monomorfêmicos, o que possivelmente também ocorre na Libras.

Este estudo também preconiza a observação das regularidades morfológicas das preposições. Para isso analisamos a literatura em busca do entendimento destas regularidades do Português a fim de compararmos com a Libras em um segundo momento.

Morais (2003) afirma que no Português as regularidades morfológicas podem ocorrer entre substantivos (riqueza/pobreza), adjetivos (portuguesa/francesa) e flexões verbais (caiu/bebeu/andou), onde podemos ver como o morfema final se mostra regular na classe gramatical mencionada. O Português, no entanto não menciona tal fato com preposições, o que torna ainda mais delicada nossa análise dos dados da Libras.

2.2.2.3 Sintaxe

Leite (2008) em sua tese faz um breve resumo sobre os estudos sintáticos das línguas de sinais e afirma que até a década de 1970 os pesquisadores acreditavam que a ordenação, nas sentenças da ASL, era livre, sem restrições, visto que os sinais relacionados ao sujeito e ao objeto eram aparentemente ordenados de forma aleatória em relação ao verbo. Só após os estudos de Baker (1976), Baker e Padden (1978) e Liddell (1978) que as primeiras observações contrárias a isto foram

feitas. Estas observações partiram dos aspectos não manuais da língua de sinais, e sim relacionados ao rosto e a cabeça, na identificação dos fenômenos sintáticos.

Todos estes estudos contribuíram para a compreensão de que a ordenação sintática é sim regrada e não livre como se acreditava. Baker e Padden (1978), por exemplo, identificaram que sequências de sinais eram acompanhadas por expressões faciais específicas, formando constituintes. Liddell (1980) afirmou que na oração principal a ordem não é variável porque a variação sintagmática de sujeito e objeto precisa ser acompanhada de algumas expressões faciais e corporais (LIDDEL, 1980).

Pesquisas recentes, como a de Wilbur (2000) corroboram essa ideia de que os aspectos não-manuais têm um papel fundamental para a sintaxe das línguas de sinais. Esta autora ainda completa dizendo que a região superior do rosto diz respeito principalmente às operações no nível de orações e sentenças, enquanto que a região inferior diz respeito principalmente às informações nos níveis adverbiais ou adjetivais.

Quadros & Karnopp (2004) ao dissertarem sobre a sintaxe da Libras, afirmam que ela possui uma sintaxe espacial, tão complexa quanto a sintaxe das línguas orais-auditivas. Elas também dissertam a respeito da importância do espaço para as relações gramaticais, assim como o estabelecimento nominal e o uso do sistema pronominal.

A organização espacial da Libras apresenta possibilidade de estabelecer relações gramaticais no espaço por meio de diferentes formas. Os surdos utilizam os referentes associados à localização no espaço, que podem ser presentes ou ausentes. Os referentes presentes, os pontos no espaço são baseados na posição real pelo referente. Os referentes ausentes da situação de enunciação são estabelecidos pontos abstratos no espaço.

Para Quadros e Karnopp (2004), no espaço em que são executados os sinais, o estabelecimento nominal e o uso do sistema pronominal são fundamentais para as relações sintáticas. Em qualquer discurso em língua de sinais, é necessário haver a definição de um local no espaço de sinalização à frente do sinalizador para o estabelecimento de referências dentro do discurso. A base para a sinalização no espaço irá depender da presença – ou não – do referente: caso esteja presente, os pontos no espaço serão delineados a partir da posição real ocupada pelo referente; caso contrário, serão escolhidos pontos abstratos no espaço (QUADROS E KARNOPP, 2004). (Figuras 34 e 35).

Figura 34 - Formas pronominais usadas com referentes presentes (Quadros; Karnopp, 2004, p. 131)

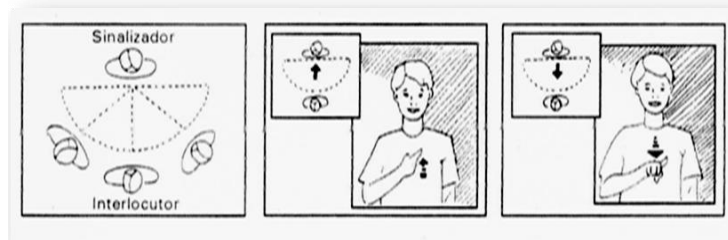


Figura 35 - Formas pronominais usadas com referentes ausentes (Quadros; Karnopp, 2004, p. 131)



Podemos observar alguns aspectos da sintaxe espacial da Libras em qualquer referência de local no espaço de sinalização usada no discurso, como por exemplo:

- 1 – Sinalização em um local particular. Exemplo, o sinal CASA pode referir ao local estabelecido para o referente;
- 2 – Direcionar a cabeça e os olhos e talvez o corpo em direção a uma localização particular simultaneamente com o sinal de um substantivo (essa é a estratégia exemplificada na figura 36 abaixo);
- 3 – Usar a apontação ostensiva antes do sinal de um referente específico. Exemplo, apontar para o ponto A associando a apontação com o sinal CASA para referir CASA;
- 4 – Usar um pronome numa localização particular quando a referência for clara no discurso;
- 5 – Usar um classificador que representa aquele referente em uma localização particular;
- 6 – Usar um verbo direcional com concordância incorporando os referentes previamente introduzidos no espaço.

Figura 36 - Casa (à direita) Casa (à esquerda) com a direção do olhar.



Em seu livro “*Por uma gramática de Língua de Sinais*”, Ferreira-Brito (1995) explica essa sintaxe espacial com o conceito de *verbos direcionais* ou *flexionados*, que fazem menção à direção do Movimento (M), marcando seu ponto inicial, que é o sujeito e marcando o ponto final do M, que é o objeto (p. 54-55), como mostram as figuras 37, 38 e 39 abaixo. Como fica evidente pela comparação entre o dado da Libras e a tradução para o Português, a Libras supre a função da preposição e a concordância verbal com o uso do espaço para marcação dos argumentos do verbo.

Figura 37 – 1s EMPRESTAR 2s “Eu empresto para você”



Figura 38 – 2s EMPRESTAR 1s “Você empresta para mim”

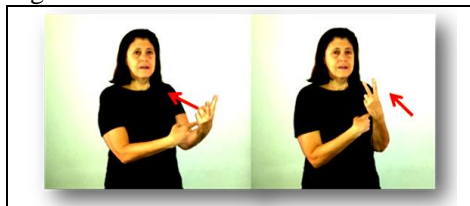
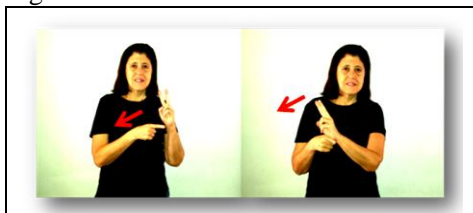
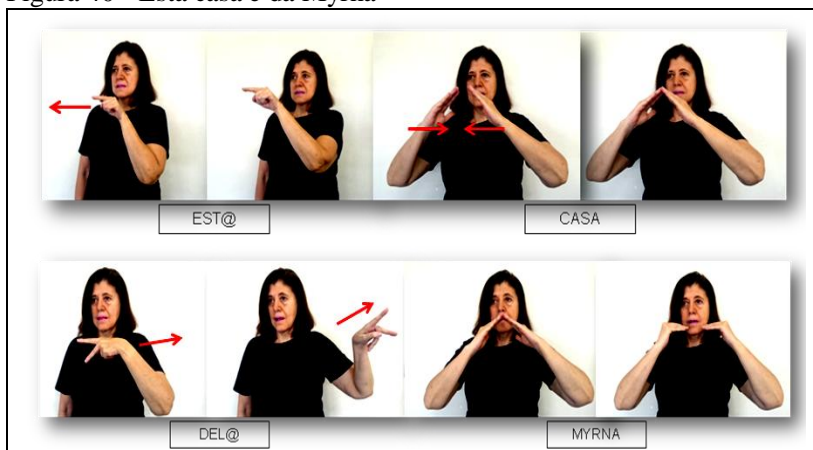


Figura 39 – 2s EMPRESTAR 3s “Você empresta para ele”



A sintaxe espacial aparece também no sistema pronominal, pois é através da articulação dos sinais no espaço que há o estabelecimento da referência dos pronomes e, conseqüentemente, a compreensão do contexto pragmático do discurso. Por exemplo, o pronome possessivo DEL@ (“dele/dela”) é utilizado para se referir à posse de determinada coisa por uma terceira pessoa, sendo produzido em direção ao ponto do espaço onde a pessoa está fisicamente localizada, se ela estiver presente, ou para um ponto abstrato do espaço marcado pelo sinalizador, se ela estiver ausente. Similarmente, a realização desse mesmo sinal com orientação direta para o interlocutor, que normalmente está à frente do falante, muda o significado do sinal para SE@ (“seu/sua”). Desta forma percebemos que o espaço é importante e fundamental para elaboração e compreensão do sistema pronominal na Libras, como mostra a figura abaixo (figura 40), em que o sinal DEL@ é direcionado para o espaço à esquerda do sinalizador, deste modo estabelecendo esse ponto do espaço para referência à “Myrna”.

Figura 40 - Esta casa é da Myrna



2.2.2.4 Preposições na Libras

A questão das línguas de sinais possuem ou não a categoria gramatical de preposição tem sido abordada em algumas pesquisas sobre a Libras, tais como Ferreira-Brito (1995), Quadros & Karnopp (2004) Fernandes, (1990), Fernandes e Strobel (1998), Felipe e Monteiro (2001), Salles (2004) e também, os autores dos dicionários Capovilla *et al.*, (2001), Felipe e Lira *et al* (2008) e Leite (2008).

Considerando esses estudos, notamos que há diferentes visões sobre preposições existirem ou não em Libras. Vejamos o que alguns autores mencionam sobre a existência das preposições na língua de sinais do Brasil.

1. **Gama, F. J. (1875)** – classifica as preposições e conjunções, na estampa XIX, à direita, colocou os números das figuras e são transcritas e na estampa 19 as figuras das preposições e conjunções incluindo a preposição PARA na figura 8, porém não transcrita.

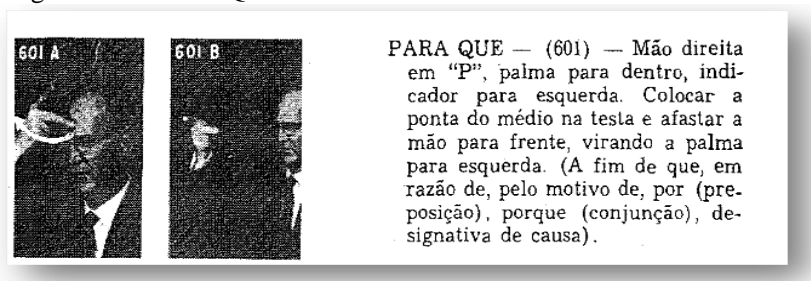
Observamos que a configuração da mão é o dedo indicador tocando no lado da testa e movimentada para frente. Este sinal indica finalidade (figura 41).

Figura 41 – PARA



2. **Oates, Eugênio (1983)** - O sinal PARA não foi encontrado na ilustração do livro *Linguagem das Mãos*, porém, consta a foto do sinal “PARA QUE” (figuras 601 A e 601 B, p.139) que se refere “a fim de que, em razão de, pelo motivo de, por (preposição), porque (conjunção), designativa de causa”. (Figura 42)

Figura 42 – PARA QUE



3. **Capovilla et al.** (2001) apresenta o sinal PARA em seu Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileiro, afirmando que esse sinal é “difícilmente usado na Língua de Sinais Brasileira”.

Para (preposição) (inglês: for, to, toward (preposition):

Prep. Em direção a (difícilmente usado na Língua de Sinais Brasileira). Ex. Vou para o litoral neste final de semana. Mão direita em **P**, ponta do médio tocando o lado direito da testa. Girar a mão pelo pulso para frente. (CAPOVILLA, 2001)

4. **Felipe e Lira et al** (2008), autores do Dicionário Digital da Língua Brasileira de Sinais da Acessibilidade Brasil, classificam explicitamente alguns sinais como pertencentes à categoria preposição. O sinal PARA, que é um desses sinais, aparece com a aceção: “Para que finalidade” (figura 43).

Figura 43 - PARA



Há outro sinal nesse dicionário que também é categorizado como preposição e que apresenta exatamente a mesma forma do sinal PARA, e está glosado como SOBRE-3, com a acepção “a respeito; com referência; acerca”.

Polissemia é uma realidade nas línguas naturais, e isto não dificulta a compreensão do discurso. Entretanto, fica a dúvida se o mesmo sinal foi incluído no dicionário com duas entradas com diferentes glosas, ou se são dois sinais homônimos, pois este dicionário apresenta casos de equívocos, como por exemplo, imagem do sinal de PARÁ como a preposição PARA.

Durante nosso estudo também observamos, como mencionado nos objetivos específicos (p. 47), que existe semelhança do sinal PARA com os sinais VOCÊ-QUE-SABE e SOBRE, que poderiam ser homônimos ou uma variante polissêmica, já que os parâmetros configuração de mãos, ponto de articulação, movimento e orientação são exatamente os mesmos, sendo os sentidos diferenciados no contexto da frase. Isto também ocorre no Português onde, por exemplo, a palavra “manga” que pode se tratar da fruta ou de manga de camisa.

5. Salles (2002: p. 169) afirma que, “diferentemente do Português Brasileiro, em Libras, a categoria das preposições possui número bastante reduzido de elementos, restritos sobretudo às relações de lugar” e também que “muitas das relações estabelecidas por preposições no Português Brasileiro são representadas na Libras por meio de mecanismos espaciais.

Para ilustrar a presença de preposições em Libras, a autora usa um exemplo do livro *Libras em Contexto* de Felipe e Monteiro (2001), referindo-se ao sinal ATÉ como uma preposição, porém sem uma análise que confirme essa interpretação, apenas citando o exemplo:

(01) QUANTA-HORA TREM SÃO PAULO ATÉ RIO?

“Quantas horas uma viagem de trem leva de São Paulo até o Rio?”

Num segundo momento, a autora apresenta dois contextos gramaticais em que o Português necessariamente emprega uma preposição, mas a Libras não: combinações “Verbo + Nome” e “Nome + Nome”. Por exemplo, no contexto da frase 01, VIAJAR não exige uma preposição que indique o destino, como no Português “Eu viajei para o Recife”. E nas frases 02 e 03 não há necessidade de preposição para estabelecer a relação entre REUNIÃO e TEATRO, embora as

autoras afirmem que exista uma ambiguidade entre a reunião ser “do teatro” ou “no teatro”:

(02) EU VIAJAR RECIFE, BO@. (LE: 28)

“A minha viagem para o Recife foi boa!”

(03) TUDO-BO@! HOJE TER REUNIÃO TEATRO

“Tudo bem! Hoje vai ter reunião do (no) teatro”

Numa seção intitulada, “Sinais com equivalências compostas em português”, Salles (2004: p. 172) fala de um contexto em que, de acordo com a visão das autoras, há “a incorporação da preposição no próprio verbo, formando um único sinal em Libras”. Citando alguns exemplos que ela traz:

A. Companhia

(04) QUEM IR-COM⁹ VOCÊ?

“Quem vai junto com você?”

B. Instrumento

(05) CORTAR-COM-FACA

Por fim, as autoras apresentam exemplos do que elas chamam de “composições” na Libras em que “encontramos as seguintes possibilidades estruturais”:

- **Nome + Preposição + Nome**

(06) PESSOA-EM-FILA

- **Preposição + Nome**

(07) ÀS-VEZES

6. Ferreira-Brito (1995), a pesquisadora pioneira no Brasil, não explicita em sua obra se a Libras possui ou não preposições.

7. Fernandes e Strobel (1998, p.16) afirmam que a Libras não pode ser estudada tendo como base a Língua Portuguesa porque ela tem

⁹ Como será discutido no capítulo de metodologia, quando as glosas aparecem unidas por um hífen, isso significa que se trata de um único sinal que foi nomeado por meio de duas ou mais glosas.

gramática diferente, independente da língua oral. A ordem dos sinais na construção de um enunciado obedece a regras próprias que refletem a forma do surdo processar suas ideias, com base em sua percepção visual-espacial da realidade. As autoras afirmam ainda sobre a estrutura da Libras e que esta possui regras próprias: não são usados artigos, preposições, conjunções porque esses conectivos estão incorporados ao sinal.

- Alguns exemplos dados por Fernandes e Strobel (1998) demonstram exatamente essa independência sintática do português. (Figura 44)

Figura 44 – Diferenças semânticas na mudança da direção do sinal IR



Exemplo em Libras (1) – EU IR CASA (verbo direcional)
Português – “Eu vou à sua casa”

Exemplo em Libras (2) – VOCÊ VIR CASA (verbo direcional)
Português – “Você vem à minha casa”

Usando os exemplos acima, as autoras afirmam que não há necessidade de sinal com função preposicional, pois a função de “destino” que a preposição “para” desempenha no Português é realizada na Libras por meio de um mecanismo espacial. Logo, segundo as autoras, a Libras não possui preposição.

8. Mesquita (2008, p. 90) reflete sobre a categoria preposição na Libras, relembando diversos estudos dos autores, que aqui também menciono, e as conclusões destes. Mesquita mostra que não há consenso em relação às línguas de sinais possuírem preposição. Distinguindo entre *preposições gramaticais* e *preposições lexicais*, a pesquisadora afirma que as preposições gramaticais não têm equivalente na Libras, ao passo que há na Libras, equivalentes de preposições lexicais do Português, embora não haja de fato um consenso sobre sua classificação gramatical. Mesquita reporta ainda o estudo de Emmorey et al. (2001), mostrando que os surdos preferem especializar um sinal para indicar relações espaciais entre objetos a utilizar sinais independentes com sentido espaciais, como IN e NEXT-TO, na língua de sinais americana.

Em sua própria análise, Mesquita (2008, p. 62 a 80) analisa ocorrências do sinal COM, frequentemente glosado também como JUNTO. Sob uma perspectiva da gramática gerativa, a autora compara a preposição “com” do Português com o sinal JUNTO, concluindo que não há uma equivalência nem semântica nem gramatical entre essas palavras, ainda que o sinal JUNTO apareça em alguns contextos similares ao do Português “com”. Em seguida, estudando o caso de verbos direcionais, ela analisa a possibilidade de a função preposicional na Libras ser exercida pelo uso do espaço nesses contextos, similares ao caso já discutido neste capítulo envolvendo o sinal EMPRESTAR. Como conclusão de suas análises, a autora afirma que “a categoria preposição está presente em LIBRAS, seja por meio de um elemento gramaticalmente nulo, seja por meio de um morfema codificado por um parâmetro do movimento direcional”, mas ressalta que são “necessárias outras análises para identificar se essa categoria pode ser representada por um item lexical da língua” (p. 80).

O trabalho de Mesquita nos parece ser o único que explicitamente aborda a possibilidade de identificação de sinais da Libras como preposições, de forma empiricamente fundamentada. No entanto, a sua conclusão de que a categoria preposição “está presente na Libras” deve ser tomada com cautela, já que a autora atribui essa categoria, em suas análises, a nenhum elemento morfológico independente, mas sim a *categorias nulas e movimentos direcionais* de verbos, cujo estatuto

morfológico tem sido fortemente questionado nas pesquisas com línguas de sinais (Liddell, 2003: p. 97 a 140). Por fim, vale destacar que, na discussão de Mesquita, fica evidente que a definição técnica da categoria das preposições não é consensual nem mesmo no estudo das línguas orais, sendo muitas vezes debatida a adequação do contraste entre preposição e advérbio.

9. Felipe e Monteiro (2001) em seu livro *Libras em Contexto*, voltado a professores que ensinam Libras, demonstram vários contextos em que a função da preposição do Português é desempenhada na Libras por meio de verbos, advérbios, classificadores e outras classes, com necessidade de adaptação para o Português dependendo do contexto. Por exemplo, na frase “VOCÊ VIAJAR SÃO PAULO, FICAR DIA QUANT@?” , não há necessidade de nenhum sinal específico para indicar o destino da viagem, mas a tradução para o português exige a preposição “para”: Você vai viajar para São Paulo? Quantos dias vão ficar? (FELIPE e MONTEIRO, 2001, p.145). Veja abaixo, a ilustração da frase em Libras traduzida pela autora, a figura 45.

Figura 45 – Você vai viajar para São Paulo? Quantos dias vão ficar?



2.2.2.5 Considerações Parciais

As divergências de opiniões acerca da existência das preposições exigem uma compreensão geral do termo e de pesquisas de línguas orais e línguas de sinais que permitem melhor entendimento da classe gramatical. Pelo fato de a Libras ser uma língua reconhecida recentemente, muito ainda deve ser descoberto e as discordâncias parecem ser comuns neste momento de estudo.

De maneira geral, na literatura das línguas de sinais, a maioria dos autores propõe que as línguas de sinais não possuem preposições. Os trabalhos que apresentam sinais como sendo preposições são dicionários (Capovilla, (2001) e Felipe (2008) ou compilações de sinais (Flausino (1875) e Oates (1983 e 1969) onde nenhuma análise é apresentada para justificar a categorização proposta. Apenas o trabalho de Mesquita (2008) apresenta uma proposta de existência de categoria preposicional na Libras fundamentada teórica e empiricamente, porém na conclusão da autora, curiosamente, essa categoria não seria expressa na Libras por nenhum sinal independente, mas sim por elementos nulos ou movimentos inerentes ao verbo. Além disso, a própria autora reconhece que sua análise não é suficiente para fazer afirmações a esse respeito e que novas pesquisas são necessárias.

Destacamos ainda uma observação importante referente ao trabalho de Salles et al. (2002). Essa obra parece ilustrar de maneira clara os riscos da interferência do Português escrito na análise da Libras. Quando as autoras afirmam que há contextos na Libras em que há “incorporação da preposição no próprio verbo, formando um único sinal em Libras”, parece haver uma confusão entre o que as glosas indicam e a sinalização de fato. O sinal PESSOAS-EM-FILA, por exemplo, é apresentado com a estrutura “nome + preposição + nome”, porém essa estrutura se refere à frase em Português, “pessoas em fila”, não à sinalização, que neste caso envolve um único sinal.¹⁰ Essa discussão será retomada no capítulo sobre metodologia, onde discutiremos o modo como as glosas deveriam ser utilizadas na pesquisa com as línguas de sinais, e ao mesmo tempo os riscos de vieses que o uso de glosas em Português impõem aos pesquisadores.

¹⁰ Cabe destacar que o livro de Salles et al. não é um livro de gramática da Libras, mas sim um livro de ensino de língua portuguesa para surdos. Assim, fica a dúvida se as autoras estão comparando a Libras com a estrutura do Português nesses exemplos, ao invés de estarem propondo uma análise da Libras propriamente dita.

Nesta pesquisa buscamos verificar a existência de determinados itens preposicionais, mas não com o objetivo de tornar seu uso uma norma, mas sim de compreender a complexidade da língua e suas constantes mudanças para suprir necessidades iminentes. Em especial, este estudo trata apenas da análise de um sinal que pode estar representando ou não preposições em Libras: o vocábulo PARA, pois nosso objetivo não será o de confirmar ou não a categorização desse sinal, mas sim explorar métodos de análise gramatical da Libras que evitem a imposição de categorias das línguas orais sobre os dados sinalizados, como ressaltam BAKER E PADDEN (1978).

2.3 QUESTÕES SOCIOLINGÜÍSTICAS

Iremos conjecturar a respeito da possível interferência do Português sobre a Libras, falando sobre os aspectos sociais e históricos da relação da comunidade ouvinte com a comunidade surda, assim como sobre a relação entre a língua oral e a língua de sinais, refletindo então sobre a possível influência do Português sobre a Libras.

Não nos esqueçamos de que até hoje ainda existem profissionais que não respeitam a Libras e não compreendem a sua importância para o desenvolvimento integral da pessoa surda, orientando as famílias a seguirem pelo caminho mais difícil e tortuoso de aquisição de línguas orais sem nenhum apoio das línguas de sinais. Todavia, há um forte movimento da comunidade surda para findar com este domínio, garantindo a liberdade de comunicação através da língua de sinais para as pessoas surdas como primeira língua que possibilita o tanto o seu desenvolvimento global quanto facilita a aprendizagem das línguas orais como segunda língua.

Nesta seção, vamos abordar alguns tópicos relevantes para a discussão da interferência do Português na Libras: primeiro, vamos falar de alguns contextos sociais comuns em que surdos e ouvintes entram em contato diariamente, o que faz com que diferentes identidades de surdos e variedades da Libras possam ser observadas na comunidade surda; segundo, vamos falar sobre o histórico da educação de surdos, mostrando como as línguas de sinais sofreram interferências intencionais ou não ao longo dos séculos por parte de ouvintes no processo de escolarização de surdos; terceiro, vamos discutir como o contato entre o Português e a Libras está se modificando desde a virada do milênio, com o surgimento das novas tecnologias; e por último vamos analisar alguns conceitos sociolinguísticos ligados à interferência

e o modo como podem aparecer no contato entre o Português e a Libras. Essa reflexão teórica será base de uma breve discussão dos dados, onde poderemos conjecturar sobre possíveis motivações da interferência do Português sobre a Libras.

2.3.1 O contato social entre surdos e ouvintes

A comunidade surda está inserida na sociedade majoritariamente ouvinte. Isto faz com que essa esteja sempre inserida na cultura e no ambiente de uso da língua dos ouvintes. Este contato frequente gera impactos diretos na comunicação dos indivíduos surdos, seja entre seus pares ou no contato surdo-ouvinte. Para que possamos melhor compreender a realidade social do surdo, devemos compreender como esta comunidade se organiza e como ela se relaciona com a sociedade majoritária.

Os autores surdos americanos Padden e Humphries (2000, p.5) afirmam que:

Uma comunidade surda é um grupo de pessoas que vivem em um determinado local, partilham objetivos comuns de seus membros, e que por diversos meios trabalham no sentido de alcançar estes objetivos. Uma comunidade surda pode incluir pessoas que não são elas próprias surdas, mas que apoiam ativamente os objetivos da comunidade e trabalham em conjunto com as pessoas surdas para alcançá-los. (PADDEN E HUMPHRIES, 2000, p.5)

Os surdos tinham que encontrar alguma estratégia para interagirem com as demais pessoas, pois a necessidade de comunicação com seus pares e com ouvintes era e ainda é uma necessidade existencial do ser humano. A todo o momento esta necessidade emerge a partir de requerimentos das mais diversas ordens práticas como trabalho, lazer, educação ou simplesmente pela necessidade de socialização, como ter que conversar com alguém.

Sabemos que o Brasil é um país de enormes dimensões, diversificado e as comunidades surdas estão espalhadas por várias cidades em todas as regiões. Dentro dessa grande diversidade, percebemos ao longo da história o desenvolvimento de alguns perfis de

pessoas surdas relacionados aos seus contextos de vida e a seus interesses sociais, como por exemplo:¹¹

a) Surdos das cidades de médio e principalmente grande porte combinavam de se encontrar em diversos lugares estratégicos, tais como nas associações e organizações esportivas de surdos. Eles se reuniam porque tinham uma língua em comum: a Libras. Promoviam festas, campeonato, desfiles, campanhas em prol da Libras. Com isto, os surdos sempre encontravam outros surdos de cidades ou estados diferentes e esses espaços surdos tem sido importante fonte de desenvolvimento da Libras;

b) Surdos que têm uma vida social mais em comum com pessoas ouvintes, não necessariamente ligadas às associações de surdos, tais como frequentadores de igrejas, clubes ou até mesmo bares. Muitos deles são proficientes em Libras, mas também há nestes ambientes muitos surdos oralizados, isto é, que utilizam a língua oral para se comunicar. Porém, esses contextos em geral não são espaços com objetivo de promover o modo de ser surdo, como as associações são, o que faz com que as características dos surdos frequentadores desses espaços sejam diferentes dos surdos mais politizados das associações;

c) Surdos que são de cidades do interior ou zonas rurais, que não têm contato com a comunidade surda e em geral vivem isolados em meio ao mundo ouvinte. Esses surdos em geral utilizam os gestos caseiros, mímicas e pantomimas para se comunicarem por não terem tido acesso a uma comunidade surda usuária de Libras. São grupos que não costumam ter muita instrução formal (escolar) e por isso permanecem à margem da sociedade em grande medida;

d) Surdos oralizados que não utilizam e não se identificam com a Libras e preferem interagir com outros surdos oralizados e com pessoas ouvintes.

A convivência social do surdo irá depender do grupo em que ele está inserido. No caso dos surdos que participam de associações de surdos, é de se esperar que a língua utilizada mais fortemente seja a língua de sinais, uma vez que a luta pelos direitos surdos e o direito a utilizar sua língua natural normalmente está vinculado nas associações, que tem a luta pela Libras como um de seus focos. O segundo grupo,

¹¹ Esta é uma classificação geral sobre os perfis mais comuns. Entretanto é importante mencionar que muitos surdos transitam de um grupo ao outro, participando assim de diferentes categorias. Por exemplo, um surdo oralizado que frequenta associações de surdos, fazendo uso da língua de sinais, mas que também possui amigos ouvintes, estando inserido, então, nos dois mundos.

que se relaciona a surdos que participam de outros grupos que não associações, como por exemplo, grupos de igreja, permitem maior flexibilidade do uso das línguas, uma vez que não há imposição nem tentativa de convencimento a respeito da melhor língua a ser utilizada, já que o foco do grupo é outro que não a língua ou questões específicas da vida dos surdos.

Já o terceiro grupo fala a respeito dos surdos isolados em pequenas comunidades. É um grupo que merece atenção, pois os surdos não estão gramaticalmente estruturados, fazendo uso de gestos caseiros e mímicas, o que permite uma comunicação restrita com sua família e amigos. Por último temos o quarto grupo, que é o grupo dos surdos oralizados, que possuem a língua oral como primeira língua e convivem diretamente com ouvintes, e caso tenham a língua de sinais também, ainda assim a interferência da língua oral sobre a língua de sinais é possível.

Refletindo então sobre as diversas comunidades entre os surdos usuários da língua de sinais ou não, fica claro que desde o seu nascimento, as pessoas surdas estão em contato contínuo com pessoas ouvintes, e diariamente experimentam situações comunicativas com pessoas que não compartilham em parte ou integralmente o conhecimento da língua de sinais.

Sabemos que ter um mediador linguístico não é a realidade de muitos surdos, como por exemplo, aqueles que moram no interior do país e que tenderiam a ter uma comunicação baseada em gestos e sinais caseiros. Por isso, pode-se perceber que apesar das barreiras impostas à comunidade surda para a sua comunicação, os usuários da Libras sempre buscam estratégias facilitadoras da troca comunicativa, o que enriquece a língua de sinais e promove o conhecimento de sua estrutura e suas variações.

Contudo, a grande questão a ser abordada é o contato entre a comunidade surda na sociedade majoritariamente ouvinte. Infelizmente existe a falta de conhecimento e de informação da sociedade sobre o que é a surdez e sobre a língua de sinais, o que diminui o interesse dos ouvintes em desvendar a população surda.

Dentro de um viés de desconhecimento, abrem-se lacunas para a criação de mitos e crenças que pouco descrevem a realidade da maioria dos surdos, como por exemplo, a crença de que os surdos são deficientes mentais, como cita Moreira (2007), nos casos de surdos que tiveram um grande atraso linguístico-cognitivo que foi tomado como caso geral da comunidade surda. Este tipo de crença só faz com que os ouvintes se

desinteressem pela comunidade surda, o que aumenta a falta de desejo em se comunicar com um surdo ou até mesmo de aprender a Libras.

Num ambiente receoso como este, só resta à comunidade surda se adaptar a uma sociedade ouvinte para que seja aceita, visto que o contrário ainda não é uma possibilidade de curto prazo. Desta forma, os surdos são educados de forma a possuírem a melhor compreensão possível das duas línguas: a língua utilizada pela sociedade e a língua de sinais.

Entretanto, o surdo sempre será uma minoria - sempre será visto como aquele que deve se adequar a sociedade e não o contrário. Desta maneira, fica clara a forte dominação da língua oral sobre a língua de sinais, e neste contexto de dominação as pessoas surdas se vêem pressionadas para suprir as necessidades comunicativas que diariamente vão surgindo na sociedade. Em muitos contextos, como por exemplo, surdos querendo facilitar a compreensão de ouvintes sobre a Libras, ou ouvintes pouco proficientes tentando se comunicar com surdos, as pessoas buscam aproximar a estrutura da língua de sinais à estrutura da língua oral. Assim usos da Libras marcados pela interferência da língua oral vão fazendo parte do cotidiano de vida dos surdos.

O contato entre a língua oral e a língua de sinais é um fenômeno diário que ocorre, na maioria das vezes, a partir da necessidade do surdo em se comunicar com o ouvinte. Essa troca pode influenciar as duas línguas, mas como existe atrelado a isso uma relação de poder de uma sociedade majoritária sobre a minoria surda, os impactos são muito maiores na língua de sinais. Este fenômeno linguístico deve ser reconhecido e analisado a fim de ser conhecer como as línguas de sinais são modificadas a partir das línguas orais.

Essa variação linguística faz surgir uma identidade entre os grupos, pois cada um deles possui características linguísticas, sua cultura, seus comportamentos. Os quatro grupos gerais mencionados (surdos usuários da Libras de espaços de surdos tais como associações; surdos usuários da Libras de espaços mistos tais como igrejas; surdos isolados em pequenas cidades; e surdos oralizados) acabam constituindo diferentes identidades e modos de ser, e essas identidades se revelam também nas diferentes línguas de sinais faladas por esses diferentes grupos.

Devido à falta de inclusão social, o ideal para o desenvolvimento do surdo é o modelo surdo filho de pais surdos, pois a criança adquire a língua de sinais como primeira língua, a experiência visual e os conhecimentos sociais da surdez da sua própria cultura no local familiar. Porém, como a grande maioria dos surdos nasce em famílias de

ouvintes, a interação com a sociedade ouvinte acontece inevitavelmente. Além disso, nem sempre a família é bem orientada sobre o papel da língua de sinais na vida do surdo. Por causa de toda a grande diversidade de contextos em que os surdos se desenvolvem, nós surdos devemos respeitar as diferentes identidades e não podemos discriminar as opiniões individuais, pois as escolhas são feitas pelas famílias visando o bem estar de cada um.

No caso particular dos surdos protetizados, implantados ou oralizados, existe uma tendência a um contato maior com a língua oral, a língua da maior parte da sociedade, uma vez que a compreensão da mesma será para este grupo mais fácil do que para surdos que não possuem as mesmas tecnologias ou não foram oralizados, seja por escolha própria ou da família. Por possuir um contato mais facilitado com os ouvintes, estes grupos podem sofrer maior influência do Português em sua vida, e ainda que utilizem a língua de sinais, esta pode sofrer maior impacto pela influência gramatical do português.

Este processo não ocorrerá da mesma maneira com um surdo falante da língua de sinais e usuário da língua portuguesa apenas em sua modalidade escrita - neste caso é de se esperar uma influência menor da língua portuguesa em sua sinalização, uma vez que ele não possuirá a gramática da língua oral como referência, tendendo a sinalizar naturalmente utilizando muito mais características próprias da Libras, como por exemplo, os classificadores. Entretanto, são raras as pessoas surdas que não passaram um período de sua vida em trabalho fonoaudiológico de oralização, e também como o contato com o Português escrito é muito grande, tanto na escola como na sociedade em geral, é difícil imaginar pessoas surdas sem nenhum nível de influência do Português em sua produção em Libras.

2.3.2 Impacto da educação formal na Libras

Resgataremos a memória da educação de surdos, assim como as filosofias educacionais seguidas no Brasil e no mundo, na tentativa de buscar o que a sociedade considerava aceitável para os padrões da época em que o oralismo era dominante. Acredito ser este um tópico importante, pois revela como o Português sempre esteve interferindo sobre a Libras através dos ideais e do modo de atuação dos profissionais ouvintes que educavam os surdos.

Os surdos foram discriminados e marginalizados desde os tempos mais remotos da sociedade, sendo já na antiguidade assassinados por seus pais (BERTHIER, 1984, p.165), ou vistos apenas como oráculos de

comunicação dos deuses (STROBEL, 2009, p.18), mas nunca como seres humanos iguais aos ouvintes.

O monge Ponce de Léon (1520-1584) foi o primeiro a se interessar pela educação desta população com a intenção de integrá-los na sociedade e dar-lhes cidadania, que em sua visão só poderia ser obtida através da “fala”, entendida como uso da voz. Este monge se dedicava a ensinar a fala para os filhos de nobres para que pudessem herdar os bens da família, o que não poderia acontecer se o surdo não utilizasse a língua oral (MOURA, 2000). Após isto, diversos estudiosos se propuseram a buscar meios de educar os surdos, a grande maioria acreditando na total supremacia da língua oral, como único meio de abstração e obtenção de conhecimento.

Uma exceção a essa supremacia da língua oral foi o trabalho do Abade Charles Michel de L'Epée, mais conhecido como abade L'Epée (1712-1789), em Paris. Ele conheceu duas irmãs gêmeas surdas que se comunicavam através de uma língua de sinais e, a partir disso, iniciou e manteve contato com os surdos carentes e humildes, procurando aprender seu meio de comunicação e considerar seriamente a língua de sinais. Em 1760 o abade L'Epée, iniciou a instrução formal com as duas surdas a partir da Língua de Sinais que se falava pelas ruas de Paris utilizando para esse fim além da Língua de Sinais, a datilologia (alfabeto manual) e sinais criados artificialmente por ele. O êxito desse trabalho o levou a dar prosseguimento à sua abordagem.

Em 1775, L'Epée fundou a primeira escola pública para o ensino da pessoa surda, em Paris. Para o abade, o essencial na educação de surdos era a possibilidade que possuíam em aprender a ler e a escrever por meio da língua de sinais, pois essa seria a melhor maneira de expressarem as suas ideias, devido à mesma ser a essência de seu processo pedagógico (SILVA *et al.*, 2006). O processo de aprendizagem proposto previa que os educadores teriam que aprender os sinais com os surdos, com o objetivo de ensinarem a língua falada e a escrita do grupo socialmente majoritário, isto é, dos ouvintes (LACERDA, 1998).

Com base na observação de grupos de surdos, o abade desenvolveu um método educacional denominado de "sinais metódicos", apoiado na língua de sinais da comunidade de surdos. O sistema de sinais metódicos era formado por uma combinação dos sinais dos surdos com sinais inventados pelo abade. Isso aconteceu porque, embora L'Epée tivesse percebido a importância da língua de sinais para o surdo, ele também tinha a crença equivocada de que essa língua carecia de gramática, e por causa disso criou sinais para diversas palavras do

francês que não tinham correspondentes na língua de sinais dos surdos franceses. Em 1776, L'Épée publicou um livro para relatar as suas técnicas e em 1789, quando morreu, ele já tinha fundado 21 escolas para surdos na França e na Europa (LACERDA, 1998), e sua abordagem iria influenciar a educação de surdos de inúmeros países em diversos continentes.

O Brasil foi um dos locais que tiveram essa influência da tradição criada por L'Épée. Segundo Campello (2011), Dom Pedro II em parceria com o Ministro de Instrução Pública, Drouyn de Louys, e o embaixador de França no Brasil, Monsieur Saint George, se preocuparam com a questão dos deficientes auditivos e planejaram, então, dar educação aos então chamados “surdos-mudos”. Foi então que o Conde e ex-diretor do Instituto de Bourges na França, Ernest Huet, foi convidado para criar o Instituto Imperial de Surdos Mudos (IISM), atual Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES) com sede no Rio de Janeiro. O Instituto reuniu surdos de diferentes localidades no Brasil na forma de internato, permitindo assim o florescimento da Libras no Brasil.

Diniz (2011) em sua pesquisa também faz reflexão à educação dos surdos e os impactos desta na língua de sinais, recordando o dicionário de LSF criado em 1875 com o nome de Iconografia dos Sinais dos Surdos-Mudos, de Flausino José da Gama. Ele era desenhista e se interessou pela versão francesa dessa obra, ilustrada por Pierre Pélissier, professor e poeta surdo do Instituto de Jovens Surdos-Mudos de Paris (IJSMP). Assim, fez uma adaptação da obra para o Brasil, apenas trocando as palavras em francês por palavras em português (CAMPELLO, 2011). Percebe-se que os surdos brasileiros foram levados diretamente a considerar sinais franceses e começar a utilizá-los para sua escolarização, embora os surdos brasileiros devam também ter trazido sinais originais de suas cidades-natal para o INES.

Entretanto, os avanços a respeito da adoção das línguas de sinais na educação de surdos foram interrompidos após a decisão do Congresso de Educação de Surdos de Milão, em 1880, onde especialistas de todo o mundo recomendaram o abandono das línguas de sinais nos ambientes escolares e adoção do método oralista puro, por considerarem este superior ao método sinalizado. E no Brasil não foi diferente: a língua de sinais, que estava sendo usada ininterruptamente por décadas foi ignorada, se impondo a obrigatoriedade da comunicação oral (ROCHA, 2007).

Essa situação acabou por prejudicar imensuravelmente a Libras, pois a partir deste fato a sociedade passou a desvalorizar e desprezar a

língua. Entretanto, a língua não morreu. Isto porque os alunos continuavam a utilizá-la clandestinamente pelos corredores das instituições, o que possibilitou seu desenvolvimento linguístico. Assim, a Libras continuou se espalhando por todo país, ao ser levada pelos alunos internos que passavam as férias em suas cidades do interior ensinando os surdos que lá moravam (ROCHA, 2007). Nesse período, a oralização passou a ter grande importância na história dos surdos, pois todo surdo que frequentava a educação formal era obrigado a oralizar, o que constituiu outra forma de interferência do Português na experiência linguística dos surdos.

Assim, desde o final do século XIX até a segunda metade do século XX, o oralismo predominou como corrente educacional de surdos no mundo. Após cerca 100 anos, porém, a língua de sinais começa a ser um pouco mais valorizada com o surgimento da abordagem conhecida como *Comunicação Total*, onde o objetivo era o desenvolvimento do ser humano através de todas as formas de comunicação, mas que ainda assim, não rompiam com a necessidade da língua oral (PERLIN e STROBEL, 2006).

A comunicação total fazia uso de diversos recursos, como os manuais, orais, e até mesmo auditivos para atingir seu objetivo: a comunicação do indivíduo surdo, tanto com seus pares, como com os ouvintes. A grande ideologia por trás da comunicação total era de que os aspectos cognitivos e emocionais dos surdos não poderiam ser negligenciados em prol da aquisição da língua oral. Foi um período de maior liberdade para a comunidade surda, pois era permitido o uso da língua de sinais, mas ainda assim o uso da língua oral ainda era muito requisitado. Segundo Capovilla (2000) os métodos para a língua falada objetivavam a língua escrita, o que demonstra claramente que a língua de sinais não era vista ainda como capaz de permitir o aprendizado da língua escrita através dela. Além disso, a comunicação total estimulava o uso simultâneo de sinais subordinados à estrutura da língua oral, isto é, enquanto se falava português, realizavam-se sinais supostamente equivalentes às palavras e estrutura dessa língua. Esse período então promoveu um alto nível de interferência da língua oral sobre a língua de sinais no contexto escolar, uma interferência possivelmente maior do que no período do oralismo, onde as duas línguas eram utilizadas em contextos separados.

A língua de sinais só foi reconhecida como um sistema linguístico independente, completo e de valor com a difusão da educação bilíngue a partir dos anos 1980. Nela, a língua de sinais deve ser adquirida como primeira língua por ser a língua natural dos surdos,

isto é, sem empecilhos para aquisição de todos os surdos, e a mesma serve como mediadora linguística (língua de instrução) para a aquisição da segunda língua, utilizada pela sociedade majoritária, seja ela na modalidade oral e escrita ou apenas na escrita.

Contudo, a transição entre os modelos antigos e o novo modelo bilíngue não tem sido simples, pois toda a estrutura educacional está ainda enraizada nas abordagens oralistas e da comunicação total. Na década de 1990, ao refletir sobre melhorias em sala de aula, o INES criou o cargo de monitor surdo, como mediador da interação entre os alunos surdos e os professores ouvintes durante o processo de ensino e aprendizagem. Esses monitores eram elo de ligação entre o corpo docente e o corpo discente, devendo ter com os dois grupos uma comunicação efetiva. Mas, no contexto de muitas escolas de surdos, a realidade ainda na década de 2000 era a de professores ouvintes que não dominavam a Libras e precisavam aprendê-la com seus próprios alunos surdos.

Por isso, ainda hoje os surdos estão lutando pelas escolas bilíngues plenas, que valorizem a Libras em pé de igualdade com o Português, para que os surdos tenham o aprendizado de qualidade das duas línguas, e não onde haja sobreposição de uma língua a outra. Na educação bilíngue, as línguas são respeitadas e utilizadas nos contextos esperados para cada uma, não gerando situações de interferência explícita na Libras pela sensação de incompletude ou até mesmo de exclusão completa dessa língua, como aconteceu ao longo de toda a história da educação de surdos.

2.3.3 A Libras na virada do milênio

Em muitos aspectos, a vida dos surdos retratada nas seções anteriores não é muito diferente nos dias atuais. Como discutido na seção 2.3.2, o contato social e linguístico entre surdos e ouvintes continua sendo intenso e cotidiano, e variedades da Libras relacionadas a diferentes identidades surdas são encontradas em todo o Brasil. As escolas ainda estão despreparadas para receber os surdos e a Libras ainda não está totalmente implementada no currículo como uma língua de tanto valor quanto o Português. Entretanto, não podemos negar que a virada do milênio trouxe grandes transformações na vida dos surdos. Vamos comentar duas transformações principais: uma relacionada à legislação e políticas públicas; a outra relacionada às tecnologias. Esses

dois fatores têm trazido um impacto forte na Libras e na questão da interferência do Português na língua dos surdos.

No início do século XXI, após uma luta histórica da Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS) e outros setores do movimento político surdo, a Lei nº 10.436 de 2002 reconheceu a Libras como língua da comunidade surda brasileira. Em seguida, com o Decreto nº 5.626, de 2005, regulamentando a lei de 2002, políticas públicas de preservação e difusão da Libras na sociedade brasileira começaram a ser implementadas em vários setores da sociedade. A comunidade surda conquistou uma grande vitória com essas legislações, que estão permitindo um reconhecimento cada vez maior da Libras como língua independente que deve ser valorizada pela sociedade brasileira. Como exemplo dos efeitos da lei, podemos citar a criação de cursos de Letras-Libras por todo o Brasil para formação de professores e intérpretes de Libras, além da inclusão da Libras como disciplina em inúmeros cursos. Hoje também há um número cada vez maior de surdos ingressando nas pós-graduações, impulsionando as pesquisas da Libras e o conhecimento sobre a sua estrutura e sua relação com outras línguas orais e línguas de sinais. Tudo isso está contribuindo para o fortalecimento da Libras e a aceitação das pessoas surdas como uma minoria linguística, ao invés da visão de deficiência.

Outro fator que tem tido um impacto profundo na vida linguística dos surdos são as novas tecnologias, que influenciam o cotidiano dos surdos e interferem em sua língua de sinais, tanto ao promover maior interação da comunidade surda, por ter suas barreiras físicas diminuídas, como um contato com o Português escrito, que antes parecia estar muito vinculado à escolarização e pouco vinculado as práticas sociais, o que já começa a mudar atualmente. Com o surgimento das redes sociais e principalmente a comunicação escrita de bate-papo medida por celulares, os surdos começaram a utilizar a escrita de forma muito mais presente em seu cotidiano. Assim o advento das tecnologias mudou essa relação com o Português escrito, pois as trocas comunicativas e o acesso à informação, principalmente na internet, são feitos em grande parte através da escrita.

Este uso da segunda língua em sua modalidade escrita influencia o modo de viver dos surdos e os instiga a aprender e compreender melhor a necessidade desta língua, podendo esta ajudar a enriquecer a Libras, uma vez que ao possuir contato efetivo com a leitura, a comunidade surda percebe a necessidade de enriquecer lexicalmente a língua de sinais para abordar vários conceitos relevantes para a vida

social e educacional. Ao mesmo tempo, é de se esperar que esse uso crie novas situações de interferência do Português sobre a Libras.

O engajamento político e a luta dos surdos pela Libras também foi intensificado pelo advento das tecnologias de comunicação, que permitem a interação dos surdos por todo o país por meio de vídeos em Libras, diminuindo o isolamento que fortemente existia no passado, uma vez que para haver trocas linguísticas os surdos necessitavam de encontros presenciais, e atualmente a internet promove estes encontros de maneira virtual. Atualmente, os surdos gravam vídeos com diferentes objetivos, desde a divulgar sinais, a realizar manifestos, e estes são divulgados e acessados maciçamente pela comunidade surda, facilitando o acesso à informação por esta população e o rápido caminho informativo nas necessidades de mobilização da comunidade surda. Ao mesmo tempo, essa tecnologia permite aos pesquisadores da Libras coletar os seus dados diretamente da internet, pois o registro da Libras é benéfico para a língua e para a pesquisa (VERAS, 2014).

Esta facilidade de comunicação também nos permitiu ter acesso às variações linguísticas da Libras por todo o país, assim como o aprendizado dos neologismos criados para atender a vocabulários novos e de uso cotidiano na comunidade surda e na ouvinte também. Ressalto aqui que ao participar do curso de Letras-Libras na modalidade de Educação à Distância (EaD), entre os anos de 2006 e 2009, tive acesso aos mais variados sinais utilizados nas diferentes regiões do país, o que enriquece nosso conhecimento a respeito da Libras e sua complexidade.

Uma última observação sobre o impacto da virada do século na vida linguística dos surdos diz respeito a descobertas e novas possibilidades tecnológicas sobre tecnologias auditivas. Há avanços tecnológicos na área médica, fonoaudiologia e na reabilitação auditiva, através dos implantes cocleares para a comunicação entre os surdos e ouvintes. No caso dessas tecnologias auditivas, pode-se esperar ainda maior influência do Português, pois não haverá apenas o contato com a escrita dessa língua, mas também contato com sua forma oral.

Havendo essa influência dupla, os surdos que possuem esta identidade podem comunicar-se fazendo uso de produção gramatical tanto na língua de sinais como na língua oral. Alguns autores falam até sobre o risco de extinção das línguas de sinais se as tecnologias auditivas tais como o implante coclear forem muito desenvolvidas e as pessoas considerarem as línguas de sinais obsoletas. Assim, as rápidas mudanças sociais e tecnológicas que surgiram a partir da virada do milênio também vão impactar diretamente a Libras, bem como terão

diferentes efeitos, ainda não possíveis de ser totalmente previstos, sobre possíveis interferências do Português sobre a Libras.

2.3.4 O contato linguístico Libras-Português

A Libras, como a maioria das línguas de sinais, é uma língua que está sempre em contato com outras línguas, principalmente línguas orais, por estarmos numa sociedade majoritariamente ouvinte, mas também com línguas de sinais, pois a comunidade surda sempre está em contato com surdos de diferentes partes do mundo, principalmente em congressos e seminários de valorização das línguas de sinais, e atualmente também devido a internet.

O contato entre línguas pode ocorrer entre pessoas que falam línguas diferentes, quando se encontram para interagir, ou pode ser o contato e interação entre duas línguas usadas por uma pessoa bilíngue. A experiência de nascer, viver e crescer em meio ambiente familiar, social, cultural, político e linguístico em fronteiras de línguas de contato na relação entre surdos e ouvintes, influencia as construções linguísticas. As convivências no cotidiano dos sujeitos envolvidos nas relações destes grupos geram interferências sobre a língua, cultura e identidade.

A interferência linguística é o fenômeno que ocorre da interação entre duas ou mais línguas, na qual os traços característicos de uma são transferidos integral ou parcialmente para outra língua. Entendemos o conceito de “interferência” como a ocorrência de formas de uma língua na outra, causando modificações no léxico ou nas estruturas de frases, isto é, afetando o vocabulário e as regras gramaticais de alguma língua em jogo. (MENDONÇA, 2014)

Segundo Mackey (1970, p. 569), “interferência é o uso de traços pertencentes a uma língua enquanto falando ou escrevendo outra, podendo ocorrer nos níveis fonológico, gramatical ou cultural”. Grosjean (1982, p. 299) “estudando as características da fala de bilíngues”, define interferência como a influência involuntária de uma língua na outra, de modo a distingui-la de outras características frequentemente presentes na fala de bilíngues, como empréstimo e alternância de códigos (*codeswitching*), que são menos involuntários.

McCleary (2007) discute diferentes tipos de interferência linguística relevantes para o presente estudo, tais como alternância de códigos, pidgins e crioulos e empréstimos. O primeiro tipo, a alternância de códigos ou *codeswitching*, acontece quando elementos oriundos de duas ou mais línguas podem aparecer dentro da mesma sentença ou em sentenças diferentes, de uma conversa ou de um texto escrito. Esse é um

fenômeno típico na conversa entre pessoas de uma comunidade bilíngue, onde os falantes sabem que o outro interlocutor também é bilíngue.

Gostaria de relatar como exemplo de alternância de códigos um diálogo vivenciado por mim, envolvendo um surdo oralizado (A), um surdo falante da Libras (B) e uma pessoa ouvinte (C), em que ocorre a apresentação de um amigo. Para melhor perceber a dinâmica da alternância de códigos, reproduzimos primeiro o diálogo apenas na forma de glosas, e em seguida apresentamos as imagens reproduzindo a sequência envolvendo alternância na figura 46. Os sinais da Libras estão representados pelas glosas em maiúsculas (como será explicado no capítulo de metodologia) e as falas em Português estão representadas pelas letras minúsculas. A alternância de códigos aparece na fala de A, quando ela inclui numa única sentença um sinal em Libras FALAR e uma palavra oralizada em português, “normal”.

Apresentação de um amigo:

A: O-I TUDO-BEM?

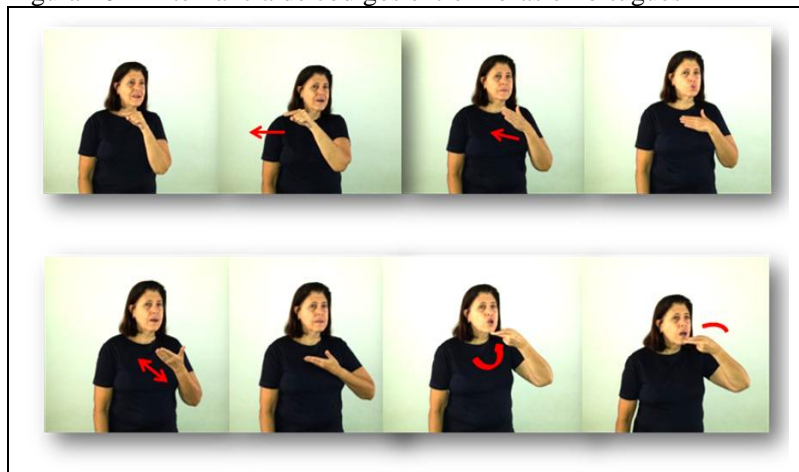
B: O-I TUDO BEM?

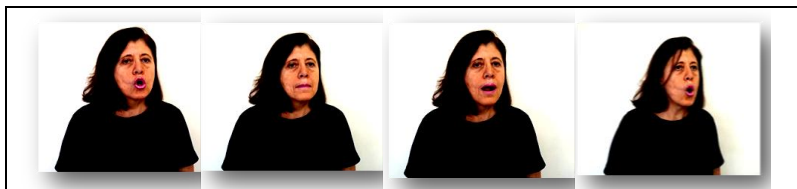
QUEM EL@? (*aponta para a pessoa ouvinte C*)

A: EL@ ME@ AMIG@ FALAR (*oraliza a palavra “normal” em Português*)

C: Tudo bem, muito prazer, sou Maria.

Figura 46 – Alternância de códigos entre Libras e Português





Um segundo tipo de interferência relevante ao presente estudo é o pidgin. Hall Jr. (1966) afirma que pidgin é uma língua de contato que surge da necessidade de comunicação entre falantes de línguas ininteligíveis mutuamente. Este fenômeno é muito observado em diversas pesquisas, e estas deixam claro que a utilização do pidgin só ocorre nesta situação de contato interpessoal, não sendo utilizado no contexto diário dos falantes. Tradicionalmente, o pidgin emergia em um contexto comercial entre dois falantes de línguas distintas e só era utilizado neste momento relacional, se tornando sem uso para as demais situações comunicativas destes falantes.

O pidgin é criado quando a situação de crise comunicacional é prolongada e onde os falantes de línguas diferentes necessitam se comunicar por um tempo indeterminado, mas sem a possibilidade de um aprender a língua do outro. Ele se origina a partir de um registro simplificado, um sistema de comunicação precário e não uma língua natural, já que um pidgin é aprendido por um falante que já tem língua materna, não podendo ser adquirido como primeira língua.

Na situação dos falantes da Libras, por possuírem uma comunidade repleta de diversas identidades e, por estarem inseridos numa sociedade de grande maioria ouvinte, a necessidade de comunicação com outra pessoa que não possui uma língua em comum é altamente recorrente. Por exemplo, numa família ouvinte com uma criança surda, quando a família não opta por uma língua de sinais ou tem muita dificuldade de aprender essa língua, é comum que a criança passe muitos anos exposta a formas pidginizadas, registros simplificados, que no contexto de estudos da surdez são chamados gestos caseiros. Por causa disso, o contexto social dos surdos parece ser diferente do contexto social entre ouvintes, pois o pidgin muitas vezes é sim usado no cotidiano da vida das pessoas surdas.

Mesmo depois das pessoas surdas descobrirem a comunidade surda e aprenderem a Libras de forma plena, ainda assim a necessidade de contato diário com ouvintes pode fazer com que o surdo usuário da Libras altere e simplifique a gramática da Libras para se aproximar o máximo possível da língua do outro, no caso, do ouvinte. Nesses

contextos, a língua de sinais em geral se aproxima da estrutura linear da Língua Portuguesa para gerar compreensão. Ou ainda no caso de um surdo proficiente em Libras interagir com um interlocutor surdo com pouco desenvolvimento linguístico da Libras, a língua de sinais do primeiro será mais simples em suas regras para atingir a compreensão do outro. Como o contato de surdos com ouvintes nessas situações precárias de comunicação é muito recorrente, a Libras passa por um processo contínuo de pidginização, que não é restrito a relações comerciais, mas envolve todos os contextos da vida da pessoa surda. Esse contexto social favorece um alto nível de interferência do Português sobre a Libras e esse tipo de produção pidginizada costuma ser abordado na comunidade surda como “português sinalizado”.

É importante, porém destacar que o português sinalizado ainda não foi objeto de pesquisa científica, até onde sabemos, por isso não é clara a definição desse tipo de registro. Em alguns países existem sistemas de sinalização que seguem totalmente a língua oral, como o Sign Exact English (SEE), por exemplo, em que um complexo sistema manual foi elaborado para reproduzir exatamente a estrutura da língua oral. Esse seria um caso evidente de “inglês sinalizado”, por exemplo. Entretanto, tal sistema não existe em português e são necessárias mais pesquisas para poder definir com maior clareza quando estamos diante de um uso de português sinalizado e quando estamos diante de uma mera interferência momentânea do português na Libras, ou até mesmo alguma interferência do português que já foi incorporada e acomodada pela gramática da Libras.

Esse ponto nos leva a um terceiro fenômeno relacionado ao contato linguístico relevante a esse estudo, que é o da crioulização. Segundo Lima (2011), a língua crioula é originada quando um pidgin se torna a língua nativa de uma comunidade, ou seja, quando o uso do pidgin é tão fortemente necessário em determinada comunidade que as crianças começam a adquiri-lo como língua materna (TODD, 1990; BICKERTON, 1977, 1981; ANDERSEN, 1983; HYMES, 1971).

As línguas crioulas se originam onde inicialmente existia uma língua franca que era um pidgin e os adultos têm como línguas maternas diferentes línguas, mas se comunicam entre si com a língua franca, o pidgin. Contudo, seus filhos não podem ter como primeira língua uma língua pidgin, pois essa possibilidade não existe. Assim, as crianças criam uma nova língua, regularizando e gramaticalizando a língua pidgin, tornando-a mais completa e expressiva.

Uma língua crioula pode existir em qualquer modalidade linguística, logo existem também as línguas de sinais crioulas. Assim, a

respeito das línguas de sinais, a história das comunidades surdas mostra que escolas especiais e criação de associação de surdos, com o ingresso de falantes de outras línguas de sinais, podem influenciar na formação de um pidgin, que sofre uma gramaticalização pelas crianças se tornando, então, uma língua com características de criouliização. Por exemplo, Fischer (1978), Woodward (1978) e Gee & Goodhart (1988) argumentam que as línguas de sinais crioulas têm suas propriedades estruturais pelo compartilhamento entre línguas de sinais e que isso não é acidental. Por exemplo, há a hipótese de que a Libras, assim como muitas outras línguas de sinais, tenha sofrido um processo de criouliização quando o Instituto Nacional de Educação de Surdos foi criado, pois lá foi introduzida formalmente a língua de sinais francesa, e os alunos surdos reunidos de todos os cantos do Brasil devem também ter trazido consigo línguas de sinais originárias das regiões de onde vieram.

Além disso, existem crianças surdas filhas de pais surdos que têm a aquisição da língua de forma natural e normal, por ter acesso à língua de sinais pelos pais desde o nascimento. Entretanto, cerca de 90% dos casos são de crianças que estão em contato com pessoas ouvintes com pouco ou nenhum conhecimento sobre a língua de sinais. Esses pais ouvintes utilizam sinais para se comunicar com os filhos surdos e esse sistema de comunicação muito se assemelha em sua estrutura aos pidgins, pois também é irregular, arbitrário e assistemático Senghas *et al.* (1997). Contudo, como mostra Goldin-Meadow (2003), as crianças surdas rapidamente começam a regularizar e gramaticalizar os gestos caseiros aproximando a sua sinalização das características plenas dos sistemas linguísticos sinalizados.

Por último, considerando o contexto educacional dos surdos já discutidos, podemos colocar a hipótese de que processos de pidginização e criouliização também acontecem na escola. Quando professores ouvintes usam sinais simultaneamente à fala, ou quando explicitamente criam sinais que equivocadamente consideram necessários para “complementar as línguas de sinais”, essas produções com características de pidgins são vivenciadas pelos alunos surdos, e depois eles podem passar por um processo de criouliização e certas estruturas serem absorvidas e gramaticalizadas na Libras. Assim, tanto o contexto familiar, quanto educacional, podem ser uma fonte contínua de processos de pidginização e criouliização da Libras.

Um último tipo de interferência relevante ao presente estudo são os empréstimos. McCleary (2007) explica que empréstimos são palavras que os falantes de uma língua incorporam de outra língua. Em contextos

de sociedades bilíngues, os falantes que possuem mais contato com outra língua podem por motivos diversos optar por utilizar uma palavra de outra língua no contexto de sua própria língua, como por exemplo, no caso da alternância de códigos. Se o uso da palavra estrangeira for recorrente, com o tempo essa palavra pode passar a ser incorporada no léxico da língua, até o ponto em que os falantes da língua naturalizam de tal forma essa palavra que eles nem mais reconhecem que se tratava de um empréstimo.

Um aspecto importante do empréstimo é que, uma vez que a palavra estrangeira passa a ser usada no contexto da primeira língua dos falantes, ela gradualmente vai perdendo suas características estrangeiras. O seu significado na língua-alvo, por exemplo, pode estar relacionado a um contexto diferente do contexto de uso da língua de origem, ou ainda ele pode perder as várias nuances de significado da língua de origem e ficar restrito a um único contexto. O exemplo dado por McCleary (2007) é da palavra *chofer*, que no francês, *chofeur* designa qualquer tipo de motorista, enquanto no português a palavra se tornou restrita exclusivamente ao contexto de um motorista particular, de pessoas ricas, em contraste com a palavra *motorista*, que designa o conceito geral de quem dirige. De forma similar, a pronúncia da palavra também sofre alterações para se adaptar à fonologia da língua-alvo, já que cada língua possui uma fonologia diferente.

Uma justificativa mais geral para a influência do Português sobre a Libras na forma de empréstimos é que surdos e ouvintes compartilham muitos dos hábitos cotidianos (por exemplo, alimentação), pois moram no mesmo lugar. Além disso, vimos que há um histórico de interferência de ouvintes na língua de sinais, em especial no contexto da escolarização de surdos, com a invenção de sinais por professores ouvintes, mas também em outros contextos, como igrejas por exemplo. Esses sinais podem vir a ser incorporados no léxico da Libras pelos surdos no decorrer do tempo.

Entretanto, há também contextos sociais específicos que podem favorecer os empréstimos, por exemplo, quando eles contribuem para o desenvolvimento de uma determinada língua em situação de defasagem.

Devido ao reconhecimento tardio de seu *status* linguístico e da oficialização de seu uso como direito da comunidade surda brasileira, o desenvolvimento do vocabulário da Libras esteve defasado e, de fato, os surdos hoje precisam “correr” para acompanhar os novos conceitos que surgem diariamente em grande escala, por exemplo no contexto acadêmico. Este pode ser um dos motivos para que a Libras tome palavras emprestadas do Português: para abraçar o mundo que se abriu

recentemente, através do acesso às informações que as línguas de sinais devem proporcionar aos surdos.

A aceitação ou não dos empréstimos de outras línguas pode estar ligada a questões políticas, emocionais, culturais, de identidades, pois os usuários da língua se preocupam com as mudanças estruturais que poderão acarretar em sua língua. Muitos surdos puristas rejeitam alguns tipos de empréstimos que presenciamos na Libras. De acordo com Ferreira-Brito (1995), os empréstimos de línguas orais para as línguas de sinais podem ser dos seguintes tipos: 1) empréstimos lexicais (por meio de soletração manual 2) empréstimos lexicais (por meio de sinais soletrados) 3) inicialização, 4) empréstimos de itens lexicais de outras línguas de sinais, 5) empréstimos de domínio semântico, 6) empréstimos de ordem fonética.

1) Empréstimos por meio de soletração manual: esse tipo ocorre quando a datilologia ou soletração manual é utilizada para traduzir um verbete que não existe na Libras, para expressar um novo conceito e/ou para representar nomes próprios, tais como pessoas, lugares, estabelecimentos comerciais e industriais e marcas de produtos em geral.

Segundo a mesma autora, a soletração manual das letras de uma palavra em português como no exemplo abaixo, é a mera transposição para o espaço, através das mãos, dos grafemas da palavra da língua oral. Seria um processo similar ao da palavra “xerox” do Português, que é um empréstimo do inglês, porém na Libras há uma diferença modal, pois a palavra do Português é produzida não com a boca, mas com as mãos, utilizando o alfabeto manual.

O exemplo abaixo ilustra a soletração do nome de uma pessoa, isto é, de um nome próprio em Português porque os nomes próprios, em Libras, são diferentes. Assim, quando uma pessoa quer apresentar alguém a outra pessoa, soletrará seu nome em Português (M-Y-R-N-A) e, se ele tiver um nome em Libras, este será articulado juntamente com o nome em Português, como mostra as figuras 47 e 48.

Figura 47 - Vou apresentá-la a você. Seu sinal é MYRNA



Figura 48 - Seu nome é Myrna.



2) Empréstimo por meio de sinais Soletrados: na Libras, esse tipo tem uma origem semelhante aos empréstimos acima apresentados, pois ocorrem quando uma palavra da língua oral é soletrada com as mãos por meio do alfabeto manual. A diferença é que, no caso dos sinais soletrados, esse processo levou à criação de um novo sinal devido à evolução diacrônica da soletração, considerando um uso muito frequente do sinal.

Algumas variedades da Libras, como a dos surdos da cidade do Rio de Janeiro, possuem muitos sinais soletrados. Esses sinais em geral mostram um processo de redução fonética, como no exemplo abaixo, em que a soletração completa, N-U-N-C-A, se reduz até praticamente restar apenas o movimento da letra N e U, como mostra as figuras 49 e 50 abaixo.

Figura 49 - N – U – N – C – A

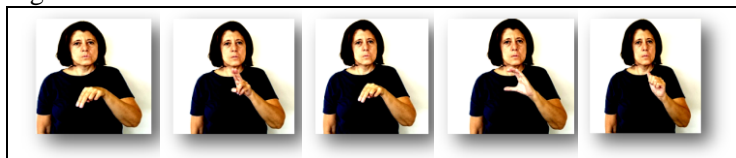


Figura 50- NUNCA



3) Empréstimo por meio de inicialização da configuração de mão: esse tipo envolve a utilização de uma configuração de mão que corresponde no alfabeto manual, à primeira letra de uma palavra correspondente em Português. Como por exemplo, os sinais

IMPORTANTE e PROFESSOR envolvem, respectivamente, a configuração de mão em I e P, como mostram as figuras 51 e 52 abaixo.

Figura 51 – IMPORTANTE



Figura 52 – PROFESSOR.



Os empréstimos são comuns na Libras e através deles pode-se transmitir conceitos novos e inserir novos vocábulos que enriquecem a língua de sinais. É válido se discutir a dominação do Português sobre a língua de sinais, assim como também deve ser válida a discussão sobre os benefícios que essa interferência pode trazer na constituição da Libras.

2.4 QUESTÕES METODOLÓGICAS

A presente pesquisa surgiu com a motivação de verificar se sinais da Libras tais como o PARA se enquadram na categoria gramatical de preposição. Como foi discutida anteriormente, a maioria dos pesquisadores das línguas de sinais afirmam que nessas línguas não há preposições, mas alguns pesquisadores classificam sinais encontrados na Libras como preposições. Sendo assim, o objetivo inicial era fazer uma análise desses sinais com dados de uso da Libras em contextos espontâneos, a fim de para verificar se essa interpretação gramatical estava ou não correta.

Ao longo da pesquisa, porém, foi ficando evidente a dificuldade metodológica de responder a essa questão diante da carência de dados

espontâneos da Libras que permitem uma análise ampla. Além disso, ficou evidente também o modo como a interferência do Português na Libras poderia comprometer análises desse tipo. Quando falamos dessa interferência, não estamos dizendo a interferência do Português na própria sinalização dos surdos, mas sim a interferência do Português escrito como instrumento de registro e apresentação de dados nas pesquisas científicas.

Por esse motivo, a metodologia desta pesquisa foi gradualmente sendo modificada para evitar ao máximo que o Português escrito compromettesse a nossa análise gramatical da Libras. Sentimos a necessidade de levantar critérios metodológicos para garantir que a Libras possa ser analisada no contexto de seu próprio sistema gramatical, e por isso mesmo tendo dados limitados nós consideramos esses dados o principal ponto de referência sobre a gramática da Libras; depois, comparamos esses dados com as informações de compilações de sinais e dicionários; e discutimos de forma crítica como as glosas podem influenciar nossas análises. O objeto da análise, o sinal PARA, é apenas um caso ilustrativo desse processo, e pesquisas no futuro serão necessárias para aprofundar tanto a análise desse sinal quanto de outros sinais que alguns pesquisadores estão categorizando como preposição.

A discussão metodológica desta pesquisa neste capítulo aborda inicialmente a natureza da pesquisa e a sua relação com a orientação teórica e metodológica funcionalista que adotamos. Em seguida, será discutido o cuidado metodológico desta pesquisa, que envolve compreender a relação entre a Libras e as diferentes formas de transcrição e apresentação de dados, tais como o uso de glosas em Português, associadas a fotos de sinais colocados em sequência para reproduzir a ordem desses sinais no discurso dos surdos. Vamos neste ponto aprofundar a discussão sobre a diferença entre a glosa em Português e o significado do sinal na Libras. Essa discussão é essencial porque a pesquisa está explorando a hipótese de que o uso de glosas para transcrever as línguas de sinais pode ocasionar uma transferência equivocada de nosso conhecimento gramatical e semântico de palavras do Português sobre os sinais da Libras – uma preocupação que circunda a pesquisa com línguas de sinais desde os primeiros estudos dessas línguas (BAKER E PADDEN, 1978).

Quando tivermos esclarecido essa questão da transcrição e das glosas, então podemos apresentar os procedimentos da pesquisa, contextualizando e descrevendo os dados da Libras que foram coletados ao longo do trabalho e que serviram de base para as análises, explicitando os procedimentos de coleta e tratamento dos dados, e

também discutindo alguns aspectos éticos importantes. Nesta parte, vamos mostrar como os dados da Libras em uso foram coletados, organizados e como serão apresentados. Apresentaremos também os documentos de caráter mais acadêmico (livros e dicionários) que foram pesquisados e que também serão objeto de reflexão no capítulo de análise. A discussão metodológica encerra com considerações éticas relacionadas aos surdos que produziram os vídeos em Libras que estão sendo analisados nesta dissertação.

2.4.1 Processo de glosagem e transcrição de línguas de sinais

Nas pesquisas sobre línguas orais e línguas de sinais são utilizados gravadores e vídeos para a realização de transcrição de dados. Há um conjunto de convenções para transcrever o discurso tanto nas línguas faladas como nas línguas de sinais. Para desempenhar um papel importante no desenvolvimento da pesquisa e avançar na compreensão da língua de sinais como sistemas linguísticos, sistemas de notações têm sido desenvolvidos, sobretudo para o estudo descritivo de uma língua de sinais particular. O objetivo é descrever as línguas de sinais em todo o mundo com maior profundidade e precisão. Neste ponto, trabalho e sucesso do tipológico descritivo necessitam urgentemente de um consenso sobre as notações padronizadas de forma e função.

Faz-se necessário ressaltar aqui que os sistemas de transcrição se distinguem dos sistemas de escrita. Os sistemas de escrita são uma parte muito importante da vida de quem lê e escreve com facilidade, sendo utilizado para a comunicação cotidiana de vários povos. Às vezes parece ser difícil nos lembrarmos de que a escrita é realmente uma forma secundária da língua, porque ao longo do tempo a escrita passou a desempenhar um papel cada vez mais importante nas grandes civilizações. Quanto aos sistemas de transcrição, eles são uma notação científica que visa incluir símbolos suficientes para representar qualquer aspecto de uma língua natural que o pesquisador necessite. Por exemplo, um sistema de transcrição pode desenvolver notações para gestos e prosódia, se esse for o interesse de pesquisa, porém é comum que sistemas de transcrição utilizem também a escrita como base, quando a língua estudada possui um sistema assim.

O pioneiro na linguística da descrição de línguas de sinais foi Stokoe (1960), na Universidade Gallaudet, em Washington. Essa mesma Universidade também foi marcada por codificar o dicionário da língua de sinais americana (ASL). A análise de Stokoe (e seu dicionário)

influenciou a análise de muitas outras línguas de sinais, e serviu de modelo para outros dicionários. Para fazer sua pesquisa, Stokoe precisou desenvolver um sistema de notação para a ASL, pois o estudo de qualquer língua requer alguma forma de notação ou transcrição que permita o registro mais permanente da língua para que ela possa ser estudada. Amaral (2012) considera que “o sistema de transcrição de Stokoe é baseado no alfabeto latino e foi criado para descrever a ASL na busca de mostrar que ela seria uma língua natural”.

Depois de Stokoe, outros sistemas de notação e transcrição para as línguas de sinais foram desenvolvidos por vários pesquisadores. Um exemplo é um sistema que apresenta forte iconicidade, a escrita *signwriting* desenvolvida por Valerie Sutton, originalmente uma notação de dança, mais tarde expandida a partir do ballet para outras formas de dança, artes marciais, exercícios e finalmente, para as línguas de sinais. Porém até os dias de hoje não há um sistema de escrita de língua de sinais que tenha se disseminado largamente no dia-a-dia da comunidade surda, e os sistemas existentes são voltados principalmente à pesquisa.

O sistema de transcrição descreve os sinais através de suas características com o intuito de fazer uma análise linguística dos sinais. Em geral, os sistemas de transcrição são uma forma de registrar os sinais de maneira escrita (AMARAL, 2012). Contudo, a escrita de sinais não é difundida suficientemente e também ainda não está adaptada de forma eficiente (rápida) na tecnologia da informática para dar suporte a um sistema de transcrição e à pesquisa. Por questões históricas e políticas, o sistema de transcrição de línguas de sinais tem usado o registro em escrita da língua oral (falada no país) por meio de glosas associadas aos sinais, o que pode ser confundido com um processo de tradução. Por exemplo, para transcrever a Libras, glosas em Português são utilizadas como base, enquanto para transcrever a ASL, glosas em inglês são utilizadas.

Pesquisadores relatam o complexo processo de transcrição e tradução de línguas de sinais registradas com base numa escrita de línguas orais:

A etapa mais trabalhosa foi a tradução e transcrição dos sinais. Sabia-se o que deveria ser ilustrado em sinais, mas nem sempre se tinha certeza de como se poderia fazer a transcrição e a tradução para o Português. Esses processos são altamente complexos quando se utiliza a escrita correspondente que já existe em uma determinada

língua. Esse não foi o caso, uma vez que se optou por utilizar glosas com palavras do Português nas transcrições, tornando o trabalho ainda mais complexo. Cuidou-se a tradução no momento da transcrição, ou seja, foram escolhidas palavras do Português que se aproximassem mais do sentido expresso através do sinal e foram utilizados outros recursos gráficos para garantir a lembrança mais próxima do que se estava ilustrando através da foto. Em uma etapa seguinte, fez-se a tradução. Vale destacar que, embora as autoras desse livro sejam intérpretes da língua de sinais brasileira, encontrou-se dificuldade em expressar através da transcrição e da tradução exatamente o que estava expresso nas fotos, o que justifica a imprescindível presença delas. (QUADROS e KARNOPP, 2004, p.37-38)

Uma grande variedade de sistemas de transcrição surgiu desde então.¹² Porém, segundo McCleary e Viotti (2007), os sistemas de transcrição disponíveis atualmente não têm atingido aceitação ampla na literatura linguística pela dificuldade de leitura que apresentam para pessoas não especialmente treinadas. Apesar de as línguas sinalizadas serem estudadas pelos linguistas por mais de meio século, o problema de sua transcrição continua sendo um desafio sem solução clara.

Para Ferreira Brito (1995, p. 207-209) o sistema de transcrição de dados de línguas de sinais utiliza as palavras de uma língua oral para representar aproximadamente os sinais. Esse uso das palavras é conhecido pelos linguistas como a prática de glosar. A glosa é atribuída a cada sinal por meio de um estudo do registro da língua de sinais em vídeos. Contudo, McCleary e Viotti (2007) alertam que a prática de

¹² Na década de 1990 quando estava estudando no curso de Especialização, eu possuía bolsa de estudos e colaborava com os trabalhos da equipe da Prof^a Lucinda Ferreira Brito, a pioneira da pesquisa com a Libras no Brasil, no Laboratório *Linguagem e Surdez*. Eu fazia transcrições de dados à mão, ou seja, os dados eram retirados de filmes de VHS. Eu observava os filmes gravados nos vídeos de VHS na TV e transcrevia glosas em Libras, seguindo as regras dadas pela Prof^a Lucinda. Além do método dessa professora, eu também transcrevia glosas pelo método da Prof^a Tanya Felipe. Alguns pesquisadores, na época, não sabiam transcrever glosas e traduziam os vídeos diretamente e gramaticalmente para o Português. Vou relatar em mais detalhes sobre alguns desses sistemas mais a frente nesse capítulo.

glosagem tem sido feita com base exclusivamente na semântica dos sinais, e que isso traz prejuízos para a pesquisa sobre o léxico da Libras. Esses autores propõem grande cautela para a prática de glosagem: embora se busque um sentido aproximado da palavra do Português usado como glosa em relação ao sinal, é fundamental que cada sinal seja vinculado estritamente a uma única glosa. Em outras palavras, não se pode glosar dois sinais diferentes como uma única glosa, pois assim perde-se nas pesquisas a possibilidade de identificar qual sinal está sendo representado na transcrição. Assim, McCleary e Viotti destacam que os pesquisadores devem separar a prática de glosagem da prática de tradução: a glosa seria como um nome convencionado pelos pesquisadores para os sinais – como hoje já está sendo sistematizado no projeto Identificador de Sinais - IDSinais, desenvolvido pela profa. Ronice Quadros – e o sentido do sinal no contexto deve ser traduzido com plena adaptação aos contextos e gramática do Português de forma independente da glosagem.

Essa discussão é essencial para a presente pesquisa. Pois quando glosamos um sinal como PARA, nossa tendência é a de associar a semântica desse sinal com a semântica da palavra “para”, do Português, e também de atribuir um papel gramatical para esse sinal idêntico ou similar ao papel da palavra “para” no Português. É dessa maneira que o Português escrito interfere negativamente nas pesquisas em Libras, impedindo os pesquisadores de compreenderem a Libras no contexto de seu próprio sistema linguístico independente. Por causa disso, é essencial que o leitor compreenda que quando usamos a glosagem PARA em nossa referência a um sinal, precisamos cuidado para não confundir esse sinal com a preposição do Português. Precisamos explorar outras possíveis formas de glosar esse mesmo sinal para decidir qual é a mais adequada e, mesmo assim, nenhuma glosa escolhida será totalmente adequada, porque sempre vai captar apenas uma parte e uma aproximação da semântica do sinal, ao mesmo tempo em que também distorce a própria semântica do sinal, já que Português e Libras são línguas independentes e com gramáticas e vocabulários bastante distintos.

2.4.1.1 Proposta de transcrição e apresentação dos dados da libras

Na história das pesquisas com línguas de sinais, nunca houve um grande consenso sobre a forma de transcrever. A grande maioria dos pesquisadores usam sistemas de transcrição baseados em glosas, mas os detalhes variam sobre como as glosas se combinam com outras marcas,

já que apenas as glosas não são suficientes. Tudo depende do objetivo da pesquisa e também da visão teórica do pesquisador. Para melhor organização deste tópico e pela grande diversificação nos modos de transcrever a Libras optamos por dividir os trabalhos compilados em dois grupos: transcrições com uso exclusivo da escrita e transcrições com uso da escrita e imagens. Apresentaremos abaixo alguns dos autores e os sistemas de transcrição adotados que nos parecem necessários para entender essa discussão e, a partir disso, podermos definir mais tarde a nossa própria proposta.

2.4.1.1.1 Transcrições com uso exclusivo da escrita

As línguas orais desde muito tempo foram transcritas por meio do registro em língua escrita. Desta forma, os primeiros linguistas também assim o fizeram com a Libras, já que ainda não foram desenvolvidos sistemas de escrita eficientes para as línguas de sinais, como mencionado anteriormente. As primeiras tentativas brasileiras foram inspiradas em sistemas de transcrição de línguas de sinais de outros países.

Podemos citar Ferreira Brito (1995, p. 207-209) como pioneira no processo de transcrição da Libras. Ela fez uso de um sistema de glosas associadas a diversas marcações (diacríticos) para indicar funções específicas. Na **tabela 1**, apresentamos o sistema criado pela autora, como por exemplo, a letra maiúscula em Língua Portuguesa como glosa para representar os itens lexicais da Libras. Outro exemplo, os verbos são transcritos no infinitivo, pois o objetivo é mostrar que o sinal da Libras não é flexionado de alguma maneira. Essa e demais convenções adotadas por Ferreira-Brito aparecem na **tabela 1**.

Tabela 1

CAPÍTULO 11

SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO DE ENUNCIADOS E TEXTOS DE LÍNGUAS DE SINAIS

Para transcrever enunciados e textos maiores em línguas de sinais, usamos o seguinte sistema de notação:

- 1) Letra maiúscula em português para conceitos da LIBRAS:

Ex.: **HOMEM TRABALHAR MUITO**

O verbo vem sempre na forma infinitiva, posto que não há flexão para modo e tempo verbal em LIBRAS. Também, alguns determinantes que normalmente aparecem em português, como os artigos, não se fazem presentes nesta língua de sinais, não sendo, pois, representados na transcrição.

- 2) Quando duas ou mais palavras que em português são necessárias para traduzir o conceito que é representado por um único sinal em LIBRAS, elas devem vir ligadas por um hífen.

Ex.: **NÃO-QUERER, BEBER-PINGA, COMER-MAÇÃ**

- 3) Usamos letras separadas por hífen, quando se trata de soletração digital:

Ex.: # J-O-Ã-O # R-I-O

Este tipo de soletração é usado quando se trata de nome próprio de pessoa e de lugar ou então quando não há sinal para o conceito expresso na palavra da língua portuguesa. É o caso dos empréstimos, marcado por #.

- 4) Quando o verbo é direcional, isto é, apresenta flexão marcando sujeito e objeto, usamos números de 1 a 3 para marcar as pessoas no singular ou 1p, 2p e 3p para as pessoas do plural.

Ex.: ¹DAR₂ LIVRO (Eu dei o livro para você)
^{3p}TELEFONAR₁ ONTEM (Elas/cles me telefonaram ontem)
³PERGUNTAR_{1p} VERDADE (Ele/Ela nos disse a verdade)

- 5) Os pronomes em LIBRAS são representados da seguinte forma:

Ex.: pro3 NÃO-GOSTAR pro1 (Ela/ele não gosta de mim)

- 6) Como se pode observar em 4 e em 5, não há marcação de gênero nem nos verbos com flexão ou direcionais e nem nos pronomes. Assim, se a pessoa é do sexo feminino, esta informação deverá ser inferida através do contexto. No caso de ambigüidade, o enunciador pode se servir do sinal "feminino" (sinal que aparece nas expressões "menina" em oposição a "menino") após ou antes do pronome.

- 7) Os pronomes demonstrativos e os advérbios de lugar são representados por Loc i, Loc j, Loc k, quando significam respectivamente: este/aqui, esse/aí, aquele/aquela ali/lá. Loc é o símbolo para locativo.

- 8) As expressões faciais e corporais podem expressar interrogação (--?--), exclamação (--!--), topicalização (--t--), negação (--ñ--), intensidade (--int--), força ilocucionária (--EFp--), no caso de um pedido, (--EFo--), no caso de uma ordem, etc. e serão representadas, respectivamente, pelos símbolos abaixo, entre os pontilhados acima da porção do enunciado onde elas aparecem:

Ex.: --t--

CARRO, EU COMPRAR NOVO (Eu comprei um carro novo)

--?--

NOME, pro2 (Qual é o seu nome?)

--!--

BONITO Loc i (Que bonito isto aí!)

-----ñ-----

ACREDITAR VOCÊ (Não acredito em você)

- 9) Os classificadores são representados pelas iniciais CL: acompanhadas de símbolos de configuração de mãos que são utilizadas para representar a classe semântica que representam.

Ex.: CARRO CL: V BATER CL: G₁ POSTE (O carro bateu no poste)

10) Quando um único enunciado é realizado com ambas as mãos ao mesmo tempo, colocam-se os sinais simultâneos um acima do outro, isto é, em linhas diferentes, vindo na primeira linha o(s) sinal(is) realizado(s) com a mão dominante (mão direita para os destros).

Outras estratégias podem ser utilizadas na transcrição de enunciados e textos, porém estas são as mais básicas e nos limitaremos a elas neste livro.

FERREIRA-BRITO, L. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ. Departamento de Linguística e Filologia, 1995, p.207-209.

Consideramos que este sistema de transcrição foi uma tentativa de registrar outros elementos da língua de sinais por meio da escrita, como uso do espaço e sinais não manuais, mas ainda insuficiente para o registro total do espaço de sinalização e da simultaneidade, da expressão facial que acompanha a sinalização. Ferreira-Brito também usou desenhos da sinalização em alguns exemplos, mas não associados à transcrição das glosas e sim em exemplos de sinais isolados. Sendo assim, outros autores também se dedicaram ao estudo da Libras fazendo uso de outros sistemas de transcrição.

Felipe (1998) desenvolveu outros tipos de símbolos em vários exemplos de frases em Libras, sem fotos, como por exemplo, o marcador “@” (arroba) para designar ausência de desinência de gênero e número (item 6 das convenções na tabela 3). Ela também usou o símbolo “^” para representar os sinais compostos da Libras; traços não manuais com expressão facial e corporal simultaneamente aos sinais, representando os tipos de frases; marcas para intensificadores e concordância verbal, entre outras estratégias. Segue a **tabela 2** abaixo com as convenções de Felipe

Tabela 2

SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO PARA A LIBRAS

As línguas de sinais têm características próprias e por isso vem sendo utilizado mais o vídeo para sua reprodução à distância. Existem sistemas de convenções para escrevê-las, mas como geralmente eles exigem um período de estudo para serem aprendidos, neste livro, estamos utilizando um "**Sistema de notação em palavras**".

Este sistema, que vem sendo adotado por pesquisadores de línguas de sinais em outros países e aqui no Brasil, tem este nome porque as palavras de uma língua oral-auditiva são utilizadas para representar aproximadamente os sinais.

Assim, a Libras será representada a partir das seguintes convenções:

1. Os sinais da Libras, para efeito de simplificação, serão representados por itens lexicais da Língua Portuguesa (LP) em letras maiúsculas.

Exemplos: CASA, ESTUDAR, CRIANÇA, etc.;

2. Um sinal que é traduzido por duas ou mais palavras em Língua Portuguesa será representado pelas palavras correspondentes separadas por hífen.

Exemplos: CORTAR-COM-FACA, QUERER-NÃO "não querer", MEIO-DIA, AINDA-NÃO, etc.;

3. Um sinal composto, formado por dois ou mais sinais, que será representado por duas ou mais palavras, mas com a ideia de uma única coisa, serão separados pelo símbolo ^.

Exemplos: CAVALO^LISTRA "zebra";

4. A datilologia (alfabeto manual), que é usada para expressar nome de pessoas, de localidades e de outras palavras que não possuem um sinal, está representada pela palavra separada, letra por letra por hífen.

Exemplos: J-O-Ã-O, A-N-E-S-T-E-S-I-A;

5. O sinal soletrado, ou seja, uma palavra da Língua Portuguesa, que, por empréstimo, passou a pertencer à LIBRAS por ser expressa pelo alfabeto manual com uma incorporação de movimento próprio desta língua, está sendo representado pela

datilologia do sinal em *itálico*.

Exemplos: *R-S* “reais”, *A-C-H-O*, *QUM* “quem”, *N-U-N-C-A*, etc.;

6. Na LIBRAS não há desinências para gêneros (masculino e feminino) e número (plural); o sinal, representado por palavra da Língua Portuguesa que possui estas marcas, está terminado com o símbolo @ para reforçar a ideia de ausência e não haver confusão.

Exemplos: AMIG@ “amiga(s) e amigo(s)”, FRI@ “fria(s) e frio(s)”, MUIT@ “muita(s) e muito(s)”, TOD@, “toda(s) e todo(s)”, EL@ “ela(s), ele(s)”, ME@ “minha(s) e meu(s)” etc.;

7. Os traços não-manuais: expressões facial e corporal, que são feitos simultaneamente com um sinal, estão representados acima do sinal ao qual está acrescentando alguma ideia, que pode ser em relação ao:

a) tipo de frase ou advérbio de modo: interrogativa ou... i ... negativa ou ... neg ... etc.

Para simplificação, serão utilizados, para a representação de frases nas formas exclamativas e interrogativas, os sinais de pontuação utilizados na escrita das línguas oral-auditivas, ou seja: !, ? e ?!

b) advérbio de modo ou um intensificador: muito rapidamente exp.f(expressão facial) "espantado" etc.;

	interrogativa	exclamativo	muito
Exemplos:	NOME	ADMIRAR	LONGE

8. Os verbos que possuem concordância de gênero (pessoa, coisa, animal), através de classificadores, estão representados tipo de classificador em subscrito.

Exemplos: pessoaANDAR, veículoANDAR, coisa-arredondadaCOLOCAR, etc.;

9. Os verbos que possuem concordância de lugar ou número-pessoal, através do movimento direcionado, estão representados pela palavra correspondente com uma letra em subscrito que indicará:

a) a variável para o lugar:

i = ponto próximo à 1ª pessoa,

j = ponto próximo à 2ª pessoa,
 k = pontos próximos à 3ª pessoa,
 e = esquerda,
 d = direita;

b) as pessoas gramaticais:

1s, 2s, 3s = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular;
 1d, 2d, 3d = 1a, 2a e 3a pessoas do dual;
 1p, 2p, 3p = 1a, 2a e 3a pessoas do plural;

Exemplos: 1s DAR2S "eu dou para "você".

2sPERGUNTAR3p "você pergunta para eles/elas",
 kdANDARke "andar da direita (d) para à esquerda (e).

10. Às vezes há uma marca de plural pela repetição do sinal. Esta marca será representada por uma cruz no lado direito acima do sinal que está sendo repetido:

Exemplo: GAROTA +

11. Quando um sinal, que geralmente é feito somente com uma das mãos, ou dois sinais estão sendo feitos pelas duas mãos simultaneamente, serão representados um abaixo do outro com indicação das mãos: direita (md) e esquerda (me).

Exemplos: IGUAL (md) PESSOA@-MUIT@ANDAR (me)
 IGUAL (me) PESSOA-EM-PÉ (md)

Estas convenções vêm sendo utilizadas para poder representar, linearmente, uma língua espaço-visual, que é tridimensional.
 FELIPE (1988, 1991, 1993, 1994, 1995,1996)

Verificamos que Felipe (1988) amplia um pouco o que outrora fora proposto por Ferreira-Brito (1995). A grande maioria dos pesquisadores do campo da linguística, linguística aplicada, educação e estudos da tradução têm utilizado algum sistema de notação da Libras geralmente com base nestes pioneiros sistemas desenvolvidos pelas

pesquisadoras Ferreira-Brito (1995), e Felipe (1988), às vezes com pequenas diferenças.

Por exemplo, em Quadros (1997) podemos ver algumas formas alternativas de representação da Libras em pesquisas, baseadas nas autoras acima referidas, como mostra a **tabela 3**.

Tabela 3

	<p>(3) PRONOME_a -CONVERSAR-PRONOME_b 'Ele conversou com ele'.</p> <p>(4) PAULO_a CONTAR JOÃO_b MULHER DELE_a CAIR. 'Paulo contou a João que sua mulher caiu.'</p> <p>(5) PAULO_a CONTAR JOÃO_b MULHER DELE_b CAIR. 'Paulo contou a João que sua mulher caiu.'</p>	
	<p>QUADROS, Ronice Müller de. <i>Educação de Surdos: a aquisição da linguagem</i>. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p. 57.</p>	

Essa autora usa a letra maiúscula para a glosa dos sinais manuais, como Ferreira-Brito e Felipe, porém, na tentativa de explicitar a espacialidade dos sinais, Quadros utiliza também letras minúsculas subscritas como (a) e (b) indicando os espaços de direção do sinal. Para que fique mais explícita a relação entre a transcrição e a tradução, a autora fez uso da tradução abaixo da transcrição, o que é muito bom porque reforça a questão de as glosas não serem a tradução. Então, há uma integração entre transcrição e tradução nessa proposta.

Outros autores, pesquisando interações em espaços educacionais fizeram uso de transcrições destas interações em Libras para estudar processos de ensino-aprendizagem, como apresentado abaixo. Souza (1998, p. 70) utilizou a glosa com letra maiúscula e a Língua Portuguesa com a letra minúscula, representando o diálogo entre duas pessoas, uma Surda e outra ouvinte, como segue abaixo o trecho. Segue a **tabela 4**.

Tabela 4

<p>Marina: HOMEM ROUBAR MATAR FACA ENFIAR GAR- GANTA SANGUE</p> <p>Carmem: Faca? Faca? É dele? Outro homem?</p> <p>Marina: SIM PEQUENO SNpp²⁹ MALANDRO</p>
<p>SOUZA, Regina Maria. <i>Que Palavra que te fala? Linguística e Educação: considerações epistemológicas a partir da Surdez</i>. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 70.</p>

Muitas dificuldades são apontadas pelos próprios pesquisadores no processo de transcrição. Há ocasiões em que os pesquisadores não encontram uma palavra para representar os sinais. Por exemplo, na **tabela 05**, Souza (1998) fez uso de uma nota de rodapé para complementar a informação que faltou na transcrição (“SNpp”): “Sinal conferido por Marina para nomear o malandro: Palma da mão para baixo, mão direita em “b” (datilológico) movimenta-se linearmente, de trás para frente, parcialmente ao ombro direito.” (SOUZA, 1998, p. 70). Isso revela a complexidade do processo de transcrição e a incapacidade desses sistemas de transcrição representarem por completo uma língua de sinais. No mesmo livro, a autora Souza (1998, p. 78) utilizou também tradução para o Português separada da glosa em letra maiúscula, colocando o símbolo Ø para representar palavras do Português que não tinham sinal correspondente na sinalização em Libras, e algumas vezes descrevendo verbalmente a linguagem corporal do surdo, quando não havia um sinal que pudesse ser glosado, como mostra, por exemplo, a referencia a “mímica alusiva a uma briga”, na **tabela 05**.

Tabela 5

Carmem:	Um	homem	forte	σ*	brigando
	σ	HOMEM	FORTE	σ	σ
	σ	σ	σ	mímica alusiva	σ
				a uma briga	
	brigando	bateu a	faca	aqui,	não foi?
	σ	σ σ	σ	σ	σ
	idem: mímica	σ σ	σ	mímica alusiva a	σ
				receber uma facada	
				no pescoço	

SOUZA, Regina Maria. *Que Palavra que te fala? Linguística e Educação: considerações epistemológicas a partir da Surdez*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 70.

Dando continuidade a nossa busca por formas de transcrição, identificamos que outros linguistas buscaram um maior detalhamento. Bernardino (2000) utilizou várias linhas para a transcrição. O objetivo da autora foi o de trazer mais detalhes sobre outros marcadores corporais – sinais não-manuais – que são essenciais para a gramática da Libras, como apresentado na **tabela 06**:

Tabela 6

(1)		
Cont.: C+_____C-_____		
Mãos: [HOMEM-GORDO INDEX ₀ , AMIGO RAIVA INDEX ₀]		
Boca: raiva		
Olhar: c/c		
E.fac: bochechas infladas		
Trad.: O homem gordo, ele (à direita), o amigo, (estava) com raiva dele (à esquerda)		
(2)		(3)
Cont.: C-_____C+_____C-_____		
Mãos: [PENSAR INDEX ₀ , GALINHA HOMEM NÃO]		
Boca: .. pensa galinha		
Olhar: c/d c/d		
E.fac: sobrancelhas franzidas		
Trad.: pensava que ele (à esquerda) (era) uma galinha, e não um homem.		

BERNARDINO, Elidéa Lúcia. *Absurdo ou lógica? A produção linguística dos surdos*. Belo Horizonte: Editora Profetizando Vida, 2000, p. 148.

A glosa é marcada com letra maiúscula novamente e este trecho não possui fotos para sua análise. A autora explicita as convenções de cada linha, os seus detalhes das formas de transcrever, tais como: a primeira linha mostra “Cont.” se refere a “contato”: o símbolo “C+”, o contato positivo (direção do olhar do sinalizador voltado para o interlocutor ou para câmera) e “C-” o contato negativo (sinalizador não olha para interlocutor ou câmera). A segunda linha, as mãos, sinais representados por glosas e o “INDEX”, que se referem às apontações para a direita (“D”) e para a esquerda (“E”). Assim a autora apresenta outras convenções, para a boca, o olhar; a expressão facial e por fim a tradução em Português.

Examinamos os códigos utilizados pela autora e o complexo processo de apresentação dos dados em seu livro. Consideramos que houve uma grande preocupação em registrar os detalhes da expressão em Libras e de tornar o mais explícito possível para o leitor o fenômeno linguístico. Mas, não é uma tarefa fácil compreender todo o sistema e as linhas apresentadas. Mesmo com todo o detalhamento, a essência visual da língua de sinais se perde, e é muito difícil recuperar a sinalização com precisão.

Lodi *et al.* (2002, p.45) desenvolveram o uso da glosa com a letra maiúscula, sem a tradução do Português, com algumas convenções específicas (por exemplo, PRO e parênteses com descrição da referência do pronome), mas sem mostrar as fotos, somente um texto. Além disso, eles não apresentam tradução separada, o que pode confundir ainda mais a questão da diferença entre glosas e transcrição, como alertam McCleary e Viotti (2007), como mostra a **tabela 07**.

Tabela 7

<p>Exemplo 2:</p> <p>I₁: PRO₁, PRO₃(OUTRO INSTRUCTOR) AGORA CONVERSAR... PERGUNTAR, COMO DIFÍCIL ALUNO ADOLESCENTE ESCREVER! FALAR₃ PRO_{3P}(ALUNOS) NÃO-SABER ESCREVER NÃO-SABER ESCREVER NÃO-QUERER ESCREVER... ESCOLHER FIGURA MOSTRAR "O QUE SER?" "NÃO-SABER ESCREVER... NÃO-QUERER ESCREVER" (...) [é preciso] VIVER PESSOALMENTE PALAVRA ESCRITA... O-QUE SER? NÃO-SABER ESCREVER... NADA... CONHECER NÃO NUNCA... PENSAR PRO_{3P} PROBLEMA... PRO_{1P}(GRUPO) PRECISAR PENSAR, COMPARAR... SINAIS PASSAR... DEPOIS EXPERIÊNCIA PESSOAL...</p>	<p>(LODI <i>et al.</i>, 2002, p.45).</p> <p>LODI, Ana Claudia Balieiro; HARRISON, Kathryn Marie Pacheco; CAMPOS, Sandra Rl Leite de. <i>Letramento e Surdez: um olhar sobre as particularidades dentro do contexto educacional</i>. 1ª edição. Porto Alegre: Mediação, 2002, p. 35-46.</p>
---	---

Assim, consideramos que estes vários sistemas de transcrição ainda se apresentam pouco claros, principalmente para um leitor que desconheça a língua de sinais. Nenhum sistema baseado apenas na escrita se mostra satisfatório para o leitor conseguir recuperar em sua mente a sinalização que o dado apresenta. Muitos marcadores do corpo são perdidos, há muitos códigos para os leitores decifram, nem sempre se separa a transcrição da tradução. Todos esses aspectos tornam mais difícil a análise da Libras de forma independência e autônoma em relação ao Português. Por causa disso, mais recentemente outros trabalhos têm buscado ao máximo incorporar novas tecnologias para poder representar os surdos por meio de imagens, seja em desenhos ou fotos.

2.4.1.1.2 Transcrições com uso da escrita e imagens

O uso do computador para escrita, de equipamentos para escanear imagens e o desenvolvimento de câmeras digitais fez ser possível utilizar também de fotos com a imagem dos sinais “congelados”. Antes disso, muitos pesquisadores usavam desenhos para representar os sinais, mas em geral não como transcrição de dados sinalizados e sim como

exemplos de sinais isolados. Há muitos exemplos desse procedimento dos desenhos nas primeiras pesquisas com línguas de sinais. Veremos um desses exemplos.

Quadros (1997, p.61) desenvolveu os trechos das figuras (desenhos) dos sinais utilizando a glosa e a tradução em Português, como mostra a **tabela 8**, mas aqui não é uma transcrição de um trecho de sinalização e sim exemplos isolados de como um sinal da Libras, DIZER, é direcionado no espaço dependendo do contexto.

Tabela 8

a) DIZER (forma infinitiva)	b) „DIZER _{mim} Ele disse a mim.
c) „DIZER _{ele} Tu disseste a ele.	d) „DIZER _{vocês} Eu disse a vocês.

(QUADROS, 1997, p.61).

QUADROS, Ronice Muller de. *Educação de Surdos: A aquisição da Linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p. 61.

Em trabalho mais recente, Quadros (2004) optou por uma estratégia de notação que associa imagens com glosas e tradução para o português. Ela apresentou vários exemplos da Língua de Sinais Brasileira para ilustrar os aspectos linguísticos abordados. O uso combinado de fotos com sistema de transcrição é uma alternativa muito melhor para representar a Libras na mídia impressa, pois é possível recuperar muito mais informações da sinalização. Segue a **tabela 9**:

Tabela 9





<p>QUADROS, R.; KARNOPP, L. <i>Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos</i>. Porto Alegre: Artmed, 2004.</p>

Estas ilustrações (fotos) com a transcrição em Libras foram os registros mais completos dentre os anteriormente citados, pois a autora desenvolveu vários trechos dos discursos em cada exemplo com mais clareza. A foto permite que a transcrição escrita não precise trazer tantas informações sobre os sinais não manuais, deixando a transcrição escrita mais limpa. Porém, mesmo fotos nunca são perfeitas, pois algumas informações dos sinais, como aspectos relacionados ao movimento, como por exemplo, velocidade (rápido/lento, extensão no espaço, entre outros) não ficam claros, podendo somente ser recuperados com vídeo. Mas essa já é uma solução muito mais adequada para o estudo de línguas de sinais do que apenas o uso da escrita.

Leite (2008, p. 192) filmou os dois usuários em Libras conversando e analisou a sua conversa, e sua forma de apresentação dos dados traz outros detalhes. Ele combinou um sistema de transcrição desenvolvido por McCleary e Viotti (2007) com fotos de sinais, assim procurando assim trazer o máximo de detalhes e clareza sobre o discurso sinalizado. A transcrição escrita é rica, porém também é complexa para o leitor acompanhar. A vantagem do sistema adotado por Leite (2008) é a representação de trechos maiores do discurso, pois a maioria dos pesquisadores trabalha apenas com dados sinalizados no nível sintático

da frase, e a pesquisa desse autor abordou aspectos que envolvem trechos maiores do discurso. Segue a **tabela 10**:

Tabela: 10

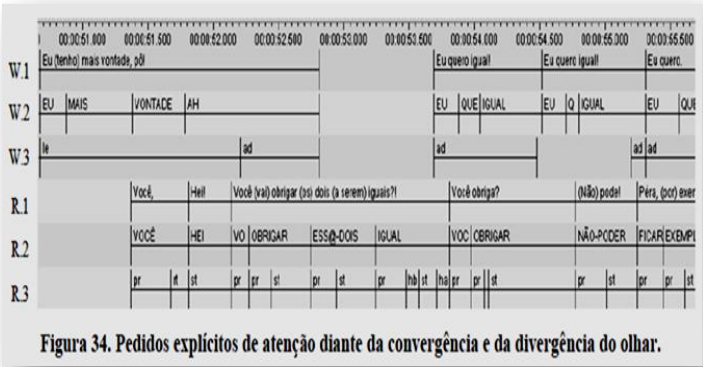
	<table><tr><td>v</td><td>V</td></tr><tr><td colspan="2">[p]</td></tr><tr><td>2.</td><td>DENTE DENTISTA DAR</td></tr><tr><td colspan="2">Dão (plano) odontológico,</td></tr></table>	v	V	[p]		2.	DENTE DENTISTA DAR	Dão (plano) odontológico,	
v	V								
[p]									
2.	DENTE DENTISTA DAR								
Dão (plano) odontológico,									
	<table><tr><td>v</td><td>V</td></tr><tr><td colspan="2">[p]</td></tr><tr><td>3.</td><td>ÔNIBUS METRÔ DAR</td></tr><tr><td colspan="2">Dão transporte,</td></tr></table>	v	V	[p]		3.	ÔNIBUS METRÔ DAR	Dão transporte,	
v	V								
[p]									
3.	ÔNIBUS METRÔ DAR								
Dão transporte,									
	<table><tr><td colspan="2">v</td></tr><tr><td colspan="2">[p]</td></tr><tr><td>4.</td><td>ALIMENTO CAIXA DAR-OBJETO-GRANDE</td></tr><tr><td colspan="2">Dão cesta básica,</td></tr></table>	v		[p]		4.	ALIMENTO CAIXA DAR-OBJETO-GRANDE	Dão cesta básica,	
v									
[p]									
4.	ALIMENTO CAIXA DAR-OBJETO-GRANDE								
Dão cesta básica,									

(LEITE, 2008, p. 192)

LEITE, Tarcisio A. *A Segmentação da Língua de Sinais Brasileira (Libras) estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. Tese de Doutorado em Letras. São Paulo: USP, 2008.

Em outros momentos, Leite (2008) optou por apresentar a transcrição tirada diretamente do programa ELAN, tal como mostra a **tabela 11** abaixo. O autor justifica essa escolha porque apenas a transcrição no ELAN pode representar a temporalidade da sinalização, pois nesse programa a transcrição é realizada de forma alinhada ao tempo do vídeo, o que não poderia ser capturado pelo sistema de transcrição de McCleary e Viotti (2007) apresentado anteriormente.

Tabela 11



(LEITE, 2008, p. 195)

LEITE, Tarcisio A. *A segmentação da Língua de Sinais Brasileira (Libras) estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. Tese de Doutorado em Letras. São Paulo: USP, 2008.

Em resumo, nesta pesquisa adotaremos também a estratégia metodológica de combinar fotos com transcrição. Vamos trabalhar principalmente com trechos de discurso no limite de sentenças, e por isso vamos combinar sequencias de fotos associadas a glosas dos sinais, como Quadros e Karnopp (2004) e Leite (2008) exemplificam, e também manteremos essa prática de separar a tradução da prática de glosagem. Nesse sentido, é importante perceber que não há qualquer necessidade de uma correspondência direta entre o sinal PARA, no contexto enunciativo original da Libras, e a palavra “para” do Português, de modo que a tradução das frases em Libras para o Português vão ser feitas com a liberdade necessária para adequá-las a cada contexto. Na seção abaixo, vamos mostrar o exemplo de como os dados naturais desta pesquisa, tirados de sinalizações de surdos no *YouTube*, foram tratados e apresentados para análise.

2.5 CONCLUSÃO

Ao compreendermos um pouco mais sobre o mundo dos surdos, suas particularidades, sua história e suas lutas, principalmente as linguísticas, podemos analisar com mais rigor e cuidado as informações aqui pesquisadas e, desta forma, buscar mais reconhecimento da língua de sinais, assim como o seu entendimento, maior divulgação e promoção desta como língua oficial da comunidade surda.

De maneira clara não se pode negar a necessidade comunicativa dos surdos adquirirem também o Português para, desta forma, poderem se inserir em contextos divididos com os ouvintes e assim terem acesso igualitário às informações disponibilizadas. Esse contato inevitável entre as línguas é a grande curiosidade deste estudo, pois ele pode ou não gerar itens preposicionais.

Em minha dissertação, vou procurar analisar, sobretudo, a interferência no nível gramatical, especificamente no que concerne a preposições, um fenômeno pouco pesquisado, mas que teve e ainda tem muita repercussão na educação do surdo dentro do sistema escolar e que vai influenciar o surdo mais tarde em sua vida social. Acredito que a interferência é inevitável e muitas vezes benéfica, pois contribui para o fortalecimento de uma língua e sua evolução social. Entretanto, há ocasiões em que essa interferência tem algo de domínio que uma língua impõe sobre a outra, sem nada contribuir, mas apenas dominar. Por isso é importante uma análise, em nível gramatical, para ver em que contexto esta interferência se deu em Libras.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 NATUREZA DA PESQUISA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa e descritiva, isto significa descrever dados de uso que incluem o sinal PARA na Libras, bem como analisar criticamente a possível caracterização desse sinal como uma preposição. Neste caso, ao utilizar uma abordagem de base qualitativa, terei condições de observar a língua em uso identificando possíveis funções preposicionais na Libras através de vídeos selecionados. Assim, analisarei as produções de surdos usuários da Libras e para isso tomarei como base teórica algumas referências do funcionalismo que levam em conta a língua em uso nos mais diversos contextos interacionais e discursivos.

Como discute Leite (2008), os dados que servem de análise linguística estão diretamente relacionados à abordagem teórica e metodológica de cada estudo. Chafe (1994) analisa quatro tipos de dados básicos nos estudos linguísticos, que dependem da combinação das seguintes variáveis: se os dados são *públicos* (acessíveis a qualquer um que quiser observar) ou *privados* (restritos a um único observador) e se são *manipulados* (criados por iniciativa do pesquisador) ou *naturais* (ocorrendo espontaneamente em contextos comunicativos). Essas quatro variáveis se recombinaem de diferentes maneiras para produzir os principais tipos de dados nos estudos linguísticos, como mostra a tabela abaixo adaptada de CHAFE (1994: 18):

Tabela 12 - Tipos de dados linguísticos discutidos por Chafe (1994).

Dados	Públicos	Privados
Manipulados	Elicitação Experimentação	Julgamento de gramaticalidade Julgamentos semânticos
Naturais	Etnografia da fala Análise de corpus	Fluxo do pensamento Observação introspectiva

Cada tipo de dado tem suas vantagens e desvantagens, que devem ser consideradas. Dados *públicos* e *manipulados* são resultado de experiências e eliciações linguísticas elaboradas por pesquisadores com

o intuito específico de responder a certas questões de pesquisa, permitindo assim responder mais facilmente a essas questões. Porém, esse tipo de dado corre o risco de ser influenciado pelo contexto experimental de uma maneira que não reflete o uso espontâneo dos falantes. Dados *públicos* e *naturais*, ao contrário, são registros de usos espontâneos da língua por meio de gravadores de áudio ou vídeo, o que garante a confiabilidade dos dados, porém com a desvantagem de dificultar a busca das informações que são objeto de estudo dos pesquisadores.

Dados *privados* e *manipulados* são os julgamentos semânticos e gramaticais feitos pelo pesquisador por meio de sua intuição, com base em situações hipotéticas que ele imagina. Sendo também *manipulados*, novamente se vê a vantagem de o pesquisador responder diretamente à questão teórica que lhe interessa, porém precisamos confiar que a intuição do pesquisador é fidedigna e corresponde aos fatos. Dados *privados* e *naturais* são os mais difíceis de serem obtidos e analisados, uma vez que envolvem aquilo que se passa na mente de forma natural. Não é comum que pesquisas utilizem esse tipo de dado, mas é evidente que muitas questões de análise surgem inicialmente a partir de introspecções desse tipo.

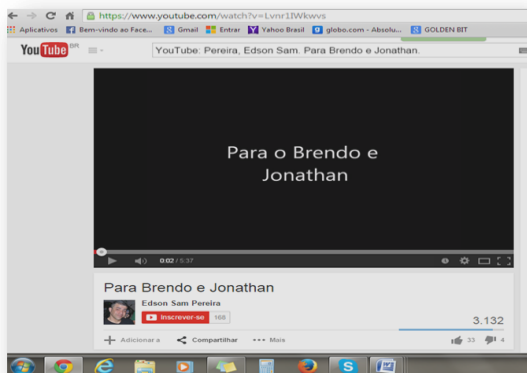
No capítulo 2 citamos a visão de Cunha (2008, p. 157) sobre o funcionalismo e a importância do estudo das línguas nessa perspectiva serem baseados em diferentes contextos dialógicos. Castilho (2012, p. 21) e Neves (2004) confirmam essa compreensão. Segundo Neves (2004), o funcionalismo se interessa em analisar como se dá a comunicação a partir de uma língua natural, ou seja, como os usuários desta língua se comunicam com eficiência. Para analisar uma situação comunicativa são observados todos os envolvidos no processo, o contexto da fala através da interação entre os falantes.

Assim, tendo em vista que a presente pesquisa apresenta uma orientação funcionalista, iremos privilegiar *dados públicos e naturais* como base de análise. A grande vantagem é que poderemos observar como os próprios surdos utilizam espontaneamente o sinal PARA em contextos comunicativos reais, o que traz grande confiabilidade para os dados. A desvantagem é que a obtenção dos dados que interessam, envolvendo o sinal PARA e outros relevantes torna-se bastante trabalhosa e os dados obtidos são limitados. O vídeo, por sua característica midiática, não pode ser processado em busca de sinais específicos tal como uma palavra do Português pode ser processada em textos escritos eletrônicos. Por causa disso, precisamos reconhecer que essa pesquisa não poderá responder de forma conclusiva à questão do

sinal PARA ser ou não preposição, mas apenas indicar critérios de análise consistentes para que futuramente outras pesquisas possam retomar essa questão com esse e outros sinais.

Os dados públicos e naturais estudados nesta pesquisa foram tirados do *YouTube*, um site de compartilhamento de vídeos que vem sendo progressivamente utilizado pelos surdos como meio de comunicação remota e debates públicos sobre questões de interesse da comunidade surda. Na figura abaixo vemos um exemplo da tela do *YouTube* contendo um vídeo produzido por uma pessoa surda no contexto de uma discussão com outros surdos. O contexto é uma discussão com outros surdos.

Figura 53 – Exemplo de vídeo do *YouTube* contendo um discurso em Libras.



Porém, os dados da pesquisa não ficarão restritos somente a dados públicos e naturais. O motivo é que algumas fontes de estudos da Libras que fazem referência a preposições nessa língua são dicionários e outros materiais que não foram baseados em dados públicos e naturais, mas sim em dados principalmente elicitados ou baseados na intuição dos pesquisadores. Para poder discutir a categorização gramatical do sinal PARA, vamos comparar a descrição do seu uso nos vídeos espontâneos com os dados apresentados nesses documentos, porém os dados públicos e naturais provenientes do *YouTube* serão privilegiados devido à perspectiva funcionalista da presente pesquisa.

Além disso, nas considerações finais apresentaremos alguns exemplos de frases com o sinal VOCÊ-QUE-SABE, que possui

características semelhantes em sua produção (configuração de mão, orientação e movimento) ao sinal PARA, que está sendo estudado nesta pesquisa. Para isto utilizamos vídeos com produções de surdos, cujos termos de consentimento estão anexados ao fim deste estudo. A análise destes vídeos do sinal VOCÊ-QUE-SABE foi necessária para que pudéssemos refletir a função gramatical deste sinal, assim como compará-lo ou diferenciá-lo do da possível preposição PARA.

Devido à dificuldade de se localizarem ocorrências do sinal VOCÊ-QUE-SABE com os dados naturais, estes dados apresentados pelos falantes surdos foram produzidos de forma elicitada e não são produções espontâneas. A pesquisadora pediu aos surdos que produzissem exemplos de contexto de uso do sinal VOCÊ QUE SABE e esse foram filmados e registrados para que pudessem ser estudados.

A necessidade de melhor observação deste sinal também se fez necessária para o entendimento do surgimento do mesmo como próprio da Libras ou como interferência do Português. Todas estas questões serão discutidas a fundo no capítulo 5 desta pesquisa.

3.2 PROCESSO DE COLETA DOS DADOS PÚBLICOS E NATURAIS

Os procedimentos metodológicos da pesquisa vão desde o processo dos filmes selecionados no *YouTube* e o tratamento dos dados até chegar às figuras (imagens) utilizadas neste trabalho. De forma resumida, as etapas foram: buscar ocorrências de sinais relevantes à pesquisa na sinalização espontânea de surdos através de vídeos postados no site *YouTube*; baixar e catalogar os vídeos, coletando também algumas de suas informações contextuais básicas; transformar os vídeos em sequências de imagens para apresentação na análise.

Os vídeos do *YouTube* possuem três tipos de postagens, sendo: uma como “pública” onde o vídeo está acessível para qualquer pessoa; a segunda é como “não listado” onde somente uma pessoa detentora do link pode acessar, mas o vídeo não pode ser encontrado publicamente; e a terceira seria como “privado” onde somente o dono da postagem tem acesso. Assim, todos os vídeos que serviram de base para análise são vídeos que os próprios autores classificaram como públicos.

As etapas do trabalho acima apresentadas foram realizadas não de maneira sequencial, mas sim paralela. A primeira etapa foi buscar ocorrências do sinal PARA, sendo esta etapa uma das mais demoradas. Foi necessário assistir a cada vídeo na íntegra, em tempo real, pois não era possível saber em qual vídeo e em que momento um sinal que nos

interessa iria aparecer. Assim, essa etapa demandou um grande tempo, pois foi necessário assistir a inúmeros vídeos que nem sempre possuíam os sinais de interesse. Quando os sinais relevantes apareciam, então os dados do vídeo (nome do vídeo, nome do autor, data de publicação, entre outros) eram registrados, o vídeo era baixado e catalogado, e o tempo em que o sinal aparecia no vídeo era anotado.

Uma vez que os vídeos foram identificados, foram capturados e salvos com a utilização do programa “aTube Catcher”. Em seguida todos os vídeos foram salvos e foi aberta uma pasta “Filmes YouTube”. Depois, os vídeos foram processados no editor de vídeos *Windows Live Movie Maker* para trabalhar com os cortes em trechos nos contextos principais em que os sinais relevantes apareciam, clicando em “Adicionar vídeos e fotos” para que o filme fosse executado. Ao localizar a passagem do vídeo contendo o sinal desejado, identificamos um contexto imediato antes e após o mesmo, para recuperar o contexto sintático próprio desse sinal na Libras. Em seguida, pausamos em cada sinal desse contexto, logo após clicamos no comando “instantâneo” para registrar o movimento de cada sinal e permitir a produção de sequências de imagens que correspondessem à sinalização do vídeo. Então pudemos isolar do vídeo os trechos nos quais aparecia a realização dos sinais que nos interessavam, editando o trecho do vídeo analisado e registrando o tempo de início e término. As figuras (54 e 55) abaixo mostram os programas utilizados neste trabalho.

Figura 54 – Tela de download de vídeos no aTube Catcher

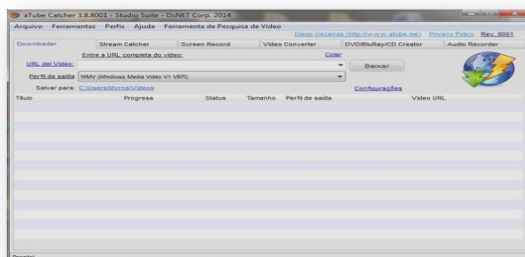
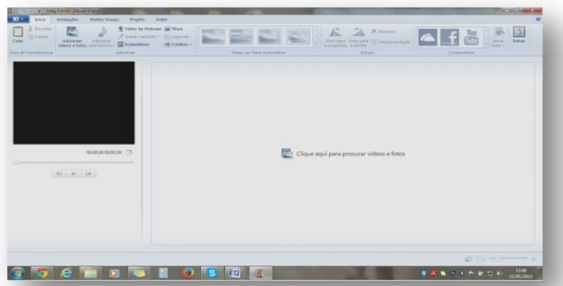
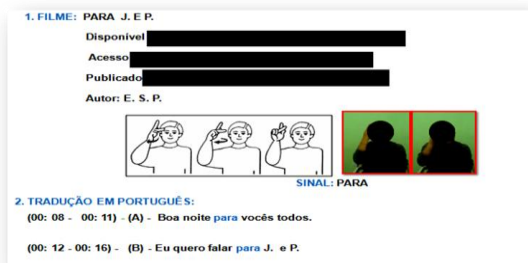


Figura 55 – Tela de edição de vídeos no Movie Maker



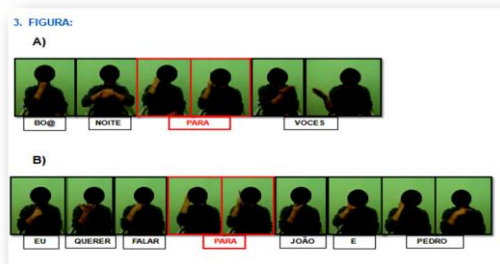
Cada figura do filme foi transferida para o programa Power Point Microsoft Office 2007 para padronização do tamanho, cor e tempo. Colocamos as figuras (imagens) do vídeo e procuramos “Inserir” e também “Formas” para fazer as molduras dos sinais. Escrevemos as glosas embaixo de cada sinal da Libras em letra maiúscula e por último a tradução em Português, separada da glosa. A figura abaixo mostra um exemplo de imagens produzidas tanto para a catalogação dos dados como para a análise¹³

Figura 56 - Modelo Power Point (1)



¹³ O rosto do autor está oculto para preservar o anonimato dos autores, assim como o título e o nome dos autores foram colocados na forma de sigla.

Figura 57 - Modelo Power Point (2)



Nas figuras 56 e 57, apresentamos as informações contextuais do vídeo, acompanhadas do sinal relevante que ele contém – neste caso, o sinal PARA. Usamos tanto a imagem do dicionário de Capovilla quanto o sinal produzido pelo surdo no contexto para ilustrar qual sinal está sendo catalogado. Em seguida foi apresentado o contexto imediato de sinalização, apresentando uma foto para cada sinal que precedeu e sucedeu o sinal PARA no contexto. A foto contendo o sinal relevante é destacada em vermelho, e abaixo de todos os sinais, incluímos glosas. Por último, abaixo de tudo, incluímos uma tradução das frases da Libras para o Português. Esse padrão de imagens foi base das análises do capítulo seguinte.

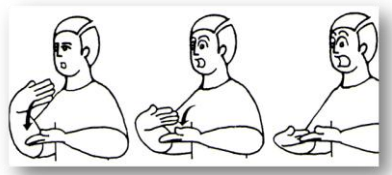


Para preservar a identidade dos autores surdos, tendo em vista que não podemos reproduzir a imagem dos autores dos vídeos sem a sua autorização, mesmo que seu vídeo esteja postado no *YouTube* (Veras, 2014), pensamos inicialmente em ocultar o rosto dos sinalizadores. Porém, nas línguas de sinais a expressão facial é um aspecto importante da sinalização e achamos melhor refilmar os exemplos com a própria pesquisadora, reproduzindo assim os dados coletados do *YouTube*. Assim, em todos os exemplos que vem a seguir nesta dissertação apresentaremos os dados replicados pela filmagem da própria pesquisadora, para preservar a identidade dos autores dos vídeos.

Vários filmes foram retirados do *YouTube*, para averiguar a possível existência de sinais categorizáveis como *preposições* por surdos fluentes em Libras. As fotos envolvendo o sinal PARA acima apresentadas são um exemplo de sinais usadas por um usuário da Libras fluente na mesma (o que) que possibilita a análise que queremos. Contudo, os critérios de coleta de vídeo foram gradualmente modificados.

Agora iremos apresentar a justificativa dos vídeos que foram coletados e qual é a importância deles para a nossa análise.

Inicialmente, como já afirmado anteriormente, pretendíamos pesquisar a ocorrência de preposições na Libras, e para isso foi sugerida uma série de sinais supostamente categorizáveis como preposição. Apresentamos abaixo a lista desses sinais para que o leitor compreenda o percurso reflexivo desta pesquisa e como ele foi mudado ao longo do tempo.

Figura 58 - Coleta do sinal ATÉ-AGORA

Sinal ATÉ-AGORA dicionarizado			
			
ATÉ-AGORA (glosado em Capovilla como AINDA) Fonte: Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe - Língua Brasileira de Sinais, p. 169.			
Exemplo de dado natural com sinal ATÉ-AGORA (05: 22 - 05: 27)			
			
EU		LARGAR	
			
DIFÍCIL		EU	
		PENSAR	



Tradução para o português:
 “É difícil eu largar. **Até agora** só penso em jogar futebol como esporte!”

Figura 59 - Coleta do sinal ATÉ (1)

Sinal ATÉ (1) dicionarizado



ATÉ (1) glosado em Capovilla

Fonte: Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe - Língua Brasileira de Sinais, p.239.

Exemplo de dado natural com sinal ATÉ (1) (01: 21 - 01: 35)



5	ATÉ	7	NOITE

Tradução para o português

“O curso será duas semanas, à tarde, mais ou menos das 17h **até** às 19 h.”

Figura 60 - Coleta do sinal ATÉ (2)

Sinal ATÉ (2) dicionarizado

DURAÇÃO; DIA INTEIRO glosado em Capovilla
 Fonte: Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe - Língua Brasileira de Sinais, p. 54.

Exemplo de dado natural com sinal ATÉ (2) – (00: 41- 00: 52)

QUAL	D-I-A

HORA



DIA

3-1



M-A-I-O



HORA

1

MEIA



ATÉ



6

MEIA


TARDE

Tradução para o português

“Qual dia e hora? Dia 31 de maio, da 1: 30 h até às 6: 30 h da tarde”.

Figura 61 - Coleta do sinal COM

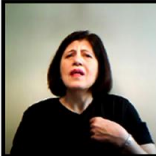
Sinal COM dicionarizado




COM glosado em Capovilla

Fonte: Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe - Língua Brasileira de Sinais, p.431.


Exemplo de dado natural com sinal COM (02: 28 - 02: 35)



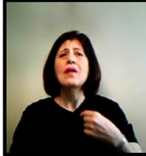
EU




QUERER



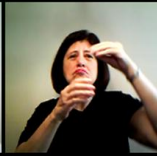
FUTURO




EU




MORAR





DENTRO




<JUNTO>
COM









SURD@



TOD@

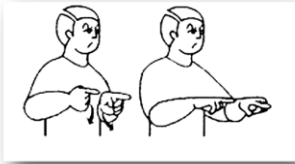
CONVERSAR

POR FAVOR

Tradução para o português
 “No futuro eu quero morar (junto) **com** todos surdos para conversar, por favor.”


Figura 62 - Coleta do sinal CONTRA (1)

Sinal CONTRA (1) dicionarizado



CONTRA (1) glosado em Capovilla
 Fonte: Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe - Língua Brasileira de Sinais, p. 458.

Exemplo de dado natural com sinal CONTRA (1) – ((01: 46 - 02: 00))



COMO

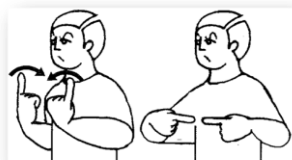
EU

CONTRA



Figura 63 – Coleta do sinal CONTRA (2)

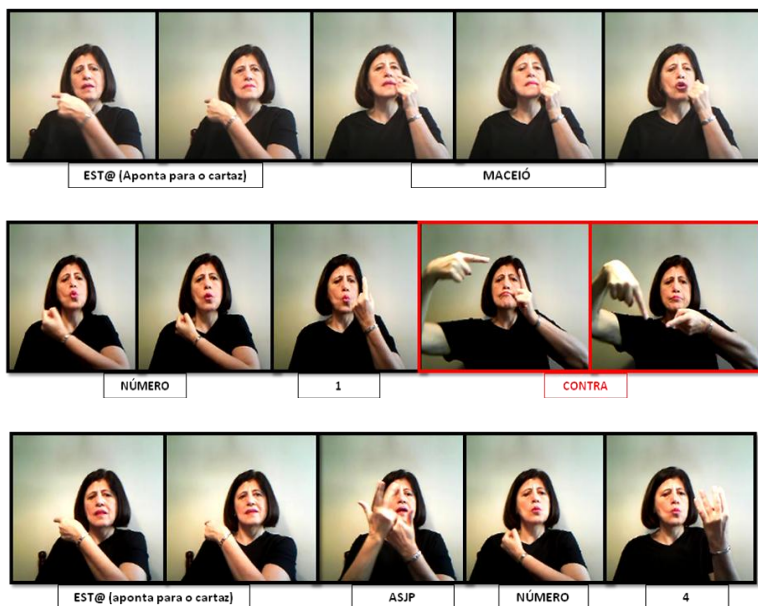
Sinal CONTRA (2) dicionarizado



CONTRA (2) glosado em Capovilla

Fonte: Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe - Língua Brasileira de Sinais, p. 458.

Exemplo de dado natural com sinal CONTRA (2) – (04: 17 - 04: 27)



Tradução para o português

“(Aponta para o cartaz) Associação de Maceió, número um, **contra** a Associação de ASJP, número quatro”.

Figura 64 – Coleta do sinal DENTRO

Sinal DENTRO dicionarizado



DENTRO glosado em Capovilla

Fonte: Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe - Língua Brasileira de Sinais, p. 513.

Exemplo de dado natural com sinal DENTRO – (01: 12 - 01: 17)



ASSOCIAÇÃO

TER

SIGNIFICADO

VÁRI@


DENTRO

PROFUND@

Tradução para o português
 “Existem vários significados profundos **na** associação”.

Figura 65 - Coleta do sinal EM FRENTE

Sinal EM FRENTE dicionarizado




DIANTE DE glosado em Capovilla
 Fonte: Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe - Língua Brasileira de Sinais, p. 541.

Exemplo de dado natural com sinal EM FRENTE – (00: 56 - 01: 16)



Figura 66 - Coleta do sinal ENTRE

Sinal ENTRE dicionarizado



ENTRE --- (458) --- (Preposição) ---

Mão esquerda aberta diante do tronco, palma para dentro, dedos separados e apontando para a direita. Mão direita em “D” horizontal, palma para a esquerda. Mover o indicador direito ao longo dos dedos esquerdos em curvas, contornando-os.

ENTRE glosado em Padre Eugênio
Fonte: Linguagem das Mãos, p. 112.

Exemplo de dado natural com sinal ENTRE – (00: 00- 00: 13)



FILME

MARIA



CHEIA

GRAÇA



SENHOR

IR-JUNTO



DIZER

SE@



ENTRE

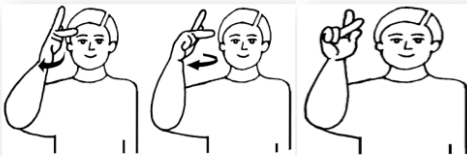
MULHER

Tradução para o português

“Ave Maria cheia de graças e o senhor convosco bem dizer **entre** as mulheres.”





Figura 67 - Coleta do sinal PARA

Sinal PARA dicionarizado







PARA glosado em Capovilla
Fonte: Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe - Língua Brasileira de Sinais, p. 1004.

Exemplo de dado natural com sinal PARA – (00: 06 - 00: 19)








ME@

NOME




A-L-E-X



EU

SINAL

ALEX

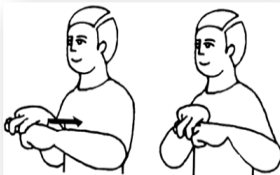
				
EU		FALAR		O-QUE
				
SOBRE		CONCURSO		
				
EST@ - me CONCURSO - md		IMPORTANTE		
				
PARA		SURD@		

Tradução para o português

“Meu nome é A-l-e-x, sinal ALEX. Eu vou falar sobre o concurso. Este é importante **para** os surdos”.

Figura 68 - Coleta do sinal POR CAUSA


Sinal POR-CAUSA dicionarizado



POR CAUSA glosado em Capovilla

Fonte: Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe - Língua Brasileira de Sinais, p. 1060.


Exemplo de dado natural com sinal POR CAUSA – (01: 25 - 01: 32)



MAS


EU

S-I-M



TRISTE

POR-CAUSA



VOCES

SURD@



Figura 69 - Coleta do sinal SEM (1)/ NADA (1)

Sinal SEM (1) / NADA (1) dicionarizado



SEM (1)/ NADA (1) glosado em Capovilla

Fonte: Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe - Língua Brasileira de Sinais, p. 1179.

Exemplo de dado natural com sinal SEM (1) – (00: 50 - 00: 58)



EU	ENTENDER	NADA	
	PROFESSOR		35 ENSEINAR 15

Tradução para o português

“No passado, eu estava na 3ª série e não tinha intérprete, eu não entendia **nada** que o professor quando me ensinava”.

Figura 70 - Coleta do sinal SOBRE (2)

Sinal SOBRE (2) dicionarizado
<p>SOBRE (2) glosado em Capovilla</p> <p>Fonte: Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe - Língua Brasileira de Sinais, p. 1203.</p>
<p>Exemplo de dado natural com sinal SOBRE (2) – (00: 35 - 00: 46)</p>

					
EU	1s AVISAR 3p	MUIT@			
					
IMPORTANTE			PROBLEMA		
					
GRANDE		AQUI			
					
BRASIL		SOBRE			
					
O-QUE		TEMA			
					
O-QUE	EDUCAÇÃO		SURD@		

Tradução para o português

Eu estou divulgando a importância do problema sobre a Educação do Surdo que no Brasil, é grande”

No total, foram coletados **49** vídeos, sendo: **4** vídeos envolvendo o sinal ATÉ-AGORA; **5** vídeos envolvendo o sinal ATÉ1; **3** vídeos envolvendo o sinal ATÉ2; **6** vídeos envolvendo o sinal COM; **3** vídeos envolvendo o sinal CONTRA1; **3** vídeos envolvendo o sinal CONTRA2; **3** vídeos envolvendo o sinal DENTRO; **1** vídeo envolvendo o sinal DIANTE DE; **1** vídeo envolvendo o sinal ENTRE; **7** vídeos envolvendo o sinal PARA; **5** vídeos envolvendo o sinal POR CAUSA; **5** vídeos envolvendo o sinal SEM1; **4** vídeos envolvendo o sinal SOBRE.

Como já foi discutido, este trabalho demandou um longo tempo de coleta, já que os vídeos exigem que sejam assistidos em tempo real, e muitos vídeos assistidos não possuíam os sinais de nosso interesse porque ainda não há um corpus da Libras constituído.¹⁴ Além disso, pudemos perceber nesse processo de coleta uma inconsistência, pois diferentes sinais da Libras estavam sendo glosados da mesma maneira, como é o caso do sinal aqui chamado de ATÉ. Isso indicava a interferência do Português escrito sobre a pesquisa com a Libras, o que queremos evitar. Por último, entendemos que seria difícil aprofundar a análise abordando tantos sinais, já que o período de coleta era muito longo diante da limitação do material coletado. Com tudo isso em questão, decidimos mudar o percurso da pesquisa: ao invés de buscar responder à questão se a Libras possuía ou não preposições, analisando diferentes sinais que pudessem ser incluídos nesta categoria, optamos por escolher apenas um desses sinais – o sinal PARA – e buscamos explicitar critérios para a análise de preposições na Libras, fazendo todos os esforços para evitar que o Português escrito interferisse em nossas análises.

¹⁴ O primeiro corpus da Libras em formato eletrônico que possibilitará uma pesquisa eletrônica tal qual os textos escritos permitem vem sendo desenvolvido pela profa. Ronice Quadros desde 2014, mas ainda não está concluído. A presente pesquisa mostra como esse tipo de constituição de corpus é importante para impulsionar as pesquisas com a Libras.

Desse modo, focando no sinal PARA, apresentamos abaixo a lista descritiva dos 7 vídeos que foram coletados e que servirão como base da nossa análise. Os sete filmes totalizam 13 ocorrências do sinal PARA.

- Filme (1) - Do *YouTube*: P, E. S. **P. J. e P.** Três ocorrências. Tempo: 00: 08 - 00: 11 e 00: 12 – 00: 16 e 5: 24 – 5: 27. Publicado em 08 de maio de 2012.
- Filme (2) - Do *YouTube*: (autor desconhecido) - ***Isso é mais importante para Surdos nacional***. Uma ocorrência. Tempo: 02: 57 - 3: 04. Publicado em setembro 2013. Acesso 21 de setembro de 2013. (*deletado do YouTube*)
- Filme (3) - Do *YouTube*: Barros, Alex Curione. ***Crítica de concurso para surdos***. Quatro ocorrências. Tempo: 00: 06 - 00: 19; 01: 44 - 01: 51; 02: 32 - 02: 42. Publicado em 23 de maio de 2011. Disponível em: <http://youtu.be/ufc2DvEFW_w>. Acesso em 03 de dezembro de 2014.
- Filme (4) - Do *YouTube*: Vídeo Cederj. ***Sofrimento do Surdo***. Uma ocorrência. Tempo: 02: 57 - 3: 04. Publicado em 22 de agosto de 2009. Disponível em < <http://youtu.be/e6LV04VLLr4>>. Acesso 03 de dezembro de 2014.
- Filme (5) - Do *YouTube*: Duduleta. ***Deaf travel brazil – about us***. Uma ocorrência. Tempo: 03: 09 - 03: 18. Publicado em 21 de abril de 2012. Disponível em <<http://youtu.be/2AhSAaHvq5w>>. Acesso em 03 de dezembro de 2014.
- Filme (6) - Do *YouTube*: Pimenta, Nelson. ***Professores Surdos discursam sobre Educação dos Surdos. (parte2)***. Uma ocorrência. Tempo: 07: 41 - 07: 53. Publicado em 11 de abril de 2011. Disponível em <http://youtu.be/HVoQ_ZTLOgc>. Acesso em 03 de dezembro de 2014.
- Filme (7) - Do *YouTube*: Gaspar, Priscilla. ***Educação bilíngue de/para surdos I***. Duas ocorrências. Tempo: 01: 19 - 01: 30 e 00: 02 - 00: 16. Publicado em 27 de outubro de 2014. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=OzKUyLHr7XQ>. Acesso em 01 de fevereiro de 2015.

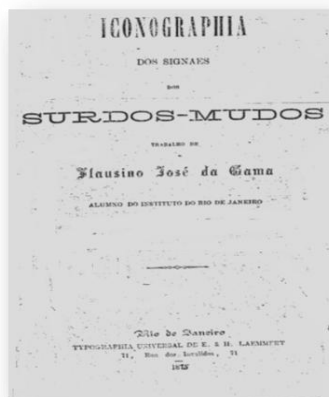
Com esses materiais em mãos, iremos, no capítulo de análise, explorar os contextos de uso do sinal PARA nos dados espontâneos da Libras e verificar se esse sinal apresenta mesmo características de preposição, tomando como base o conceito de Neves (2000). Em seguida vamos comparar os usos desse sinal nos dados espontâneos com as obras que documentaram o sinal PARA ao longo da história da Libras. Na seção a seguir vamos apresentar quais são essas obras que serão analisadas criticamente na análise.

3.3 COMPILAÇÕES DE SINAIS E DICIONÁRIOS

Além da busca dos vídeos no *YouTube*, também foram analisados dados documentais, tais como compilações de sinais de grande importância histórica na Libras (Diniz, 2011) e alguns dicionários de Libras. O motivo é que alguns desses documentos sugerem ou explicitamente colocam alguns sinais da Libras na categoria de preposições, incluindo o sinal PARA. Portanto queremos verificar com base em análises, quais evidências esses documentos trazem para fazer essa afirmação. As obras que foram levantadas estão relacionadas abaixo:

a) Livro: GAMA, F. J. Iconographia dos Signaes dos Surdos Mudos: Rio de Janeiro. Typographia Universal de E & Laemmert, 1875, p. 121-124. Gama (1875) conta com 399 sinais, dentre esses alguns sinais que o autor categoriza como “preposições” e “preposições e conjunções” (figura 71).

Figura 71- Gama, J. F. A capa do livro - Iconographia dos Signaes dos Surdos Mudos, 1875



b) (1) **Livro:** OATES, E. Linguagem das Mãos. 1ª edição. Rio de Janeiro: Gráfica Editora, 1969.

(2) **Livro:** OATES, E. Linguagem das Mãos. 2ª edição. Aparecida: Editora: Santuário, 1983. Oates (1983) conta com 325 páginas e com 1300 sinais (figuras 72 e 73).

Figura 72 – Oates, E (1969) - A capa do livro - Linguagem das Mãos (1).

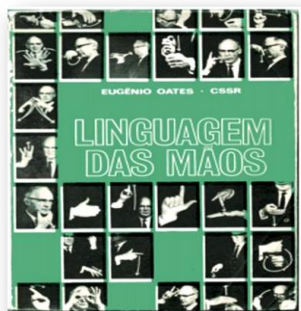
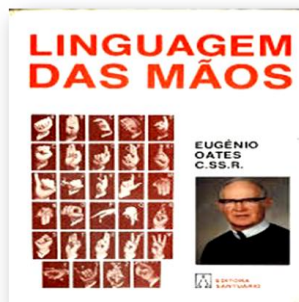
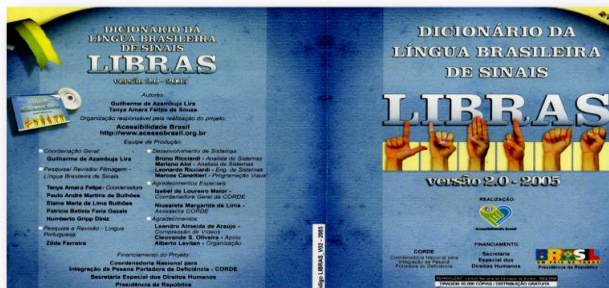


Figura 73 – Oates, E. (1983). A capa do livro - Linguagem das mãos (2).



c) (1) **CD – ROM - FELIPE, T.A; AZAMBUJA, G. L. Dicionário da Língua Brasileira de Sinais/LIBRAS.** Versão 2.0, 2005 e 2006. Conta mais de três mil sinais (figura 74).

Figura: 74 – A capa do CD - ROM – versão 2.0 - 2005 e 2006



(2) **SITE:** *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais – Libras*, INES Acessibilidade Brasil, Rio de Janeiro, 2ª edição, versão 2.1, web 2008. Disponível em: <www.ines.gov.br> e <<http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras/>>. Acesso em: 29/05/2015. Conta com 5863 sinais. (Figura 75).

Figura 75 - A capa do site – Dicionário Acessibilidade do Brasil.



d) **Dicionário:** CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. *et al.* *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingüe da Língua de Sinais Brasileira – Libras*. São Paulo: Edusp, vol. I e II, 2001. Conta com 9.500 verbetes (figura 76).

Figura 76 - A capa do Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais Brasileira



e) Dicionário: CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. *et.al.* *Novo Deit-Libras*. 2ª edição. São Paulo: Edusp, vol. I e II, 2012. Conta com 9.828 verbetes (figura 77).

Figura 77 - A capa do Novo Deit-Libras.



Para elaboração do presente trabalho, tomou-se como base a comparação destes materiais, para verificar a hipótese da existência ou não de elementos preposicionais na Libras. Estes livros e dicionários foram escolhidos por dois motivos. Primeiro, porque representam registros históricos da educação de surdos e, por isso, são relevantes

para a Comunidade Surda no Brasil, como mostra a argumentação de Diniz (2011, p. 68-81) que baseou o seu estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais na história da Libras utilizando como fonte de pesquisa as obras: *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos* (1875); *Linguagem das Mãos* (1969); e *Dicionário Digital da Libras* (2006). Diniz justifica a escolha dizendo que *Iconographia* foi o primeiro documento histórico brasileiro a registrar a Libras, que *Linguagem das Mãos* foi o segundo documento com mais amplo registro de sinais da Libras, quase um século após a publicação do primeiro, e que o dicionário do INES, além de ser um dos dicionários mais consultados no Brasil, apresenta a vantagem de mostrar a sinalização em formato digital, ao contrário de outros materiais que apresentam sinais em documentos impressos. O segundo motivo para escolher essas obras é verificar como eles apresentam o sinal PARA e se categorizam como “preposição”. Sendo assim poderemos explorar as evidências que eles trazem para essa análise, comparando com nossos dados públicos e naturais. Assim, foram coletadas supostas preposições sinalizadas no livro *Linguagem das Mãos* (1969), dicionários bilíngues (LIBRAS-Português, 2001) e um dicionário trilingue (Novo Deit-Libras, vol. 1 e 2, 2012) e no site da Acessibilidade da Libras (2008). Estes campos de pesquisa foram escolhidos pelo fato de serem publicações elaboradas a partir da pesquisa acadêmica.

3.4 QUESTÕES ÉTICAS SOBRE OS DADOS DA LIBRAS EM USO

Esta dissertação segue preceitos e condutas éticas adotados na elaboração de trabalhos científicos. Há um cuidado muito grande com questões que envolvem a ética nas produções intelectuais em diversas áreas do conhecimento. Na linguística, não poderia ser diferente e, em trabalhos com línguas de sinais mais recentes, há alguns procedimentos específicos além de se observar aos procedimentos comuns pelo fato de os dados em libras envolverem a imagem de pessoas.

Como apresentado acima, nesta pesquisa a principal base de dados para análise foi retirada de vídeos de surdos sinalizantes registrados no *YouTube* de forma pública, tendo em vista a orientação funcionalista que privilegia uma compreensão da gramática a partir do uso espontâneo entre os seus usuários. Sendo assim, devemos considerar com cuidado as questões éticas que envolvem a imagem dos usuários de modo a garantir que a pesquisa não gere prejuízos a essas pessoas.

Rocha *et al.* (2009) afirmam que a reprodução de imagens sem o consentimento formal, ou seja, a assinatura dos sujeitos pesquisados

pode ocorrer, mas que isto está restrito ao interesse da produção científica, cultura e informativa. Contudo, é sabido que o direito de imagem é assegurado pela Constituição Federal (1988) bem como pela Lei dos Direitos Autorais (1998). Entretanto, com o advento da *Internet* e a divulgação maciça de imagens pelos próprios sujeitos tem se tornado possível utilizá-los como instrumento de pesquisas, principalmente quando refletimos sobre aspectos culturais e linguísticos. Logo, os vídeos produzidos desse modo se revelam como uma fonte rica na língua de sinais, sendo então excelentes campos de pesquisa.

Assim, para garantir que os direitos éticos dos sinalizadores que estão sendo objeto de estudo nesta pesquisa não sejam transgredidos (Veras, 2014), optamos em primeiro lugar por ocultar ou disfarçar informações explícitas sobre os vídeos coletados no *YouTube*. Fizemos isso colocando o nome dos autores do material na forma de siglas, e também ocultando algumas informações chave que permitam localizar o vídeo no *YouTube*. Além disso, optamos por regravar os vídeos com a imagem da própria pesquisadora, para que os sinalizadores surdos não possam ser identificados. Optamos por proceder assim porque não conseguimos contato com todos os surdos sinalizadores dos vídeos e também porque conseguir as autorizações de cessão de imagens com pessoas de diferentes lugares do Brasil é bem difícil.

Apesar disso, como forma de garantir a existência dos dados, todos os vídeos identificados e analisados foram baixados, catalogados com suas informações contextuais fidedignas, incluindo o endereço eletrônico original. Esse procedimento também é importante porque a qualquer momento um usuário pode retirar o seu vídeo o *YouTube* se assim desejar – o que de fato já aconteceu com um dos materiais coletados. Os vídeos e suas informações contextuais estão arquivados sob a guarda da pesquisadora.

As pessoas surdas cuja produção foi analisada nesta pesquisa, em sua maioria, são conhecidas através de participação em associações de surdos, escolas, congressos, e demais locais de convívio comum de surdos. Os surdos desconhecidos se declararam surdos nos vídeos, e isso foi considerado importante para que não se corresse o risco de obter dados de pessoas ouvintes que não possuem a Libras como a sua L1. Todos os surdos sinalizantes se mostram proficientes na Libras, embora possamos perceber que algumas produções apresentam mais influência do Português, e outras menos.

Os vídeos são discursos diretamente direcionados a interlocutores surdos, ou então abordam temas que estão sendo debatidos diretamente pela comunidade surda. Isso prova que foram retirados de contextos

comunicativos reais entre surdos, que envolvem produções espontâneas da Libras e que poderão revelar de que modo o sinal PARA é usado em tais contextos.

4 ANÁLISE DE DADOS

4.1 INTRODUÇÃO

Conforme discutido na introdução desta dissertação, o que motivou essa pesquisa foi a curiosidade de verificar a possível existência de preposições na Libras. Ainda que muitos trabalhos afirmem que as línguas de sinais não possuem categorias gramaticais, tais como preposições e artigos, algumas contradições precisam ser esclarecidas. No aspecto teórico, diversas obras classificam alguns sinais da Libras como preposições, principalmente compilações de sinais e dicionários. No aspecto prático, observei em minha própria experiência como professora e pesquisadora da Libras, a influência de professores ouvintes nas salas de aula promovendo a introdução de sinais que os surdos não utilizavam em seu cotidiano, mas que, por influência da escola, mais tarde passavam a integrar seus discursos em Libras. Assim, tanto no aspecto teórico quanto no prático, a possível existência de preposições me instigou a investigar esse tema com maior profundidade.

A determinação da classe gramatical dos sinais é um aspecto bastante complexo e difícil de ser investigado. De modo geral, percebemos que a classe gramatical das palavras tem sido atribuída em pesquisas sobre as línguas de sinais de forma bastante intuitiva, com base na semântica dos sinais. Os poucos trabalhos que abordam a questão da identificação de classes gramaticais na Libras reportam que o critério morfológico – isto é, a distinção entre certas classes com base na forma do sinal, como propõem Supalla e Newport (1978) para os nomes e verbos – não é conclusivo e suficiente para fazer a distinção (PIZZIO, 2011).

Como agravante, a prática de glosar os sinais com palavras da língua oral pode facilmente levar o pesquisador a atribuir características do Português a dados da Libras. Assim, ainda hoje carecemos de pesquisas que explorem a questão das classes gramaticais com base em descrições de dados empíricos naturais, o que será possível apenas quando tivermos um corpus amplamente documentado da Libras. Esse trabalho está em curso, sendo desenvolvido pela profa. Ronice Quadros, mas ainda deverá levar alguns anos para ser viabilizado.

Por esses motivos, nesta análise não conseguiremos aprofundar a discussão gramatical da Libras, nem pretendemos decidir se o sinal PARA é ou não uma preposição. Entendemos que essa questão é complexa demais para ser resolvida apenas em uma dissertação com os poucos dados naturais que pudemos obter. Assim, a proposta desta

análise é a de fazer um percurso de análise de preposição que seja replicável para explorar evidências favoráveis ou contrárias para que o sinal PARA seja considerado uma preposição em Libras. Esse percurso de análise poderá então ser replicado para o caso de outros sinais que também foram categorizados como preposições, e também poderá ser aprofundado em pesquisas futuras, ampliando e aprimorando ainda mais a metodologia que estamos propondo.

A análise vai iniciar com a descrição mais objetiva possível dos contextos morfossintáticos em que o sinal PARA aparece. Para isso, analisamos 12 ocorrências desse sinal a partir de vídeos produzidos por surdos no *YouTube*, em contextos naturais de monólogos e diálogos produzidos por surdos nessa plataforma. Como discutido no capítulo 2, de fundamentação teórica, com o surgimento das novas tecnologias tais como a internet e a mídia digital em vídeo, espaços virtuais como esse têm possibilitado a socialização diária de produções em Libras por parte dos surdos, oferecendo um excelente espaço para a pesquisa acadêmica com base em dados naturais da Libras.

Após a descrição dessas ocorrências, passamos a analisar de que modo está documentado o sinal PARA nas seguintes compilações de sinais e dicionários da Libras: *Iconographia dos Signaes dos Surdos Mudos* (2011 [1875]), *Linguagem das Mãos* (1983, 2ª edição), *Acessibilidade Brasil - Língua Brasileira de Sinais*, versão 2.1. web 2008, Capovilla *et al.* (2001) e Deit-LIBRAS, Capovilla *et al.* (2012). Vamos verificar quais contextos de uso são associados a esse sinal nessas obras e se há alguma informação sobre critérios para classificação desses sinais como preposições.

Em seguida, vamos fazer a discussão dos dados baseados nesses materiais empíricos. Vamos apresentar as principais regularidades morfossintáticas encontradas nos dados e discutir até que ponto elas são sólidas o suficiente para afirmarmos que PARA é uma preposição na Libras. A partir disso, vamos discutir se há evidências para a afirmação de que a Libras possui a categoria gramatical de preposição. Nesse processo de análise, vamos também discutir como as glosas em Português podem enviesar a nossa interpretação semântica e gramatical de sinais na Libras.

Considerando a dificuldade de identificar esses sinais em vídeos, devido à falta de um corpus eletrônico que permitisse buscas computadorizadas, precisaremos em alguns momentos recorrer à intuição sem respaldo empírico para certas análises. Quando isso for feito, vamos explicitar essa informação para o leitor. Embora não seja conclusiva sobre a categorização do sinal PARA e sobre a questão das

preposições na Libras, essa pesquisa vai mostrar que as descrições gramaticais da Libras precisam proceder com maior cautela se não quisermos impor o nosso conhecimento do Português sobre os dados da Libras.

4.2 DESCRIÇÃO DE DADOS NATURAIS ENVOLVENDO O SINAL PARA

Sabemos que os surdos sinalizam naturalmente em língua de sinais quando estão em contato pessoal face-a-face. Da mesma maneira, o contexto de comunicação mediada por vídeo hoje possibilita que os surdos sinalizem naturalmente uns com os outros, usando plataformas virtuais como o *YouTube*. Os vídeos em que captamos ocorrências naturais do sinal PARA foram encontrados em contextos de vários tipos de produções de surdos: debates sobre educação bilíngue, divulgação de informações de interesse ao público surdo, discursos políticos entre outros.

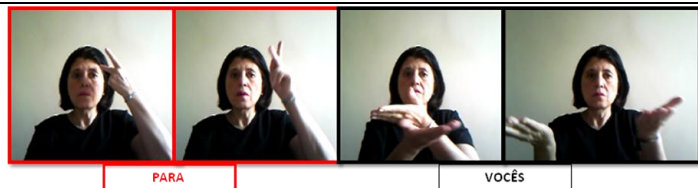
Vamos então analisar os contextos naturais em que o sinal PARA aparece na Libras, já agrupando alguns dos filmes de acordo com semelhanças que apresentam entre si:

- **Filme (1)**

Contexto: O filme (1) é uma mensagem do autor, E. S., direcionado a dois outros surdos que, segundo o autor, estavam brigando entre si por meio do facebook. Nesse vídeo, o autor E. S. pede que os dois surdos parem de brigar e fiquem em paz. O sinal PARA aparece nesse vídeo em três momentos diferentes. Duas vezes bem no início do vídeo, nas duas frases de abertura, e uma terceira vez, na frase de despedida, como mostra a figura 78 abaixo:

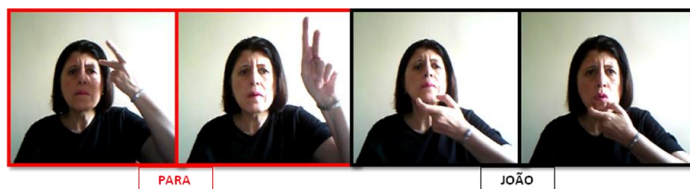
Figura 78 - Ocorrências do sinal PARA no filme (1).





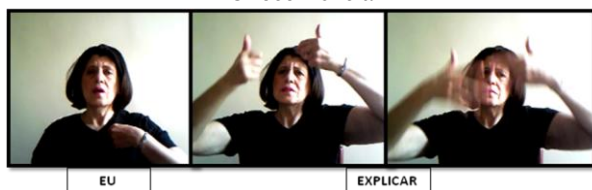
Tradução para o Português: *Boa noite a todos.*

2ª ocorrência



Tradução para o português: *Eu quero falar para o João e Pedro.*

3ª ocorrência



DE-NOVO FILMAR

EXPLICAR PARA

VOCÊS

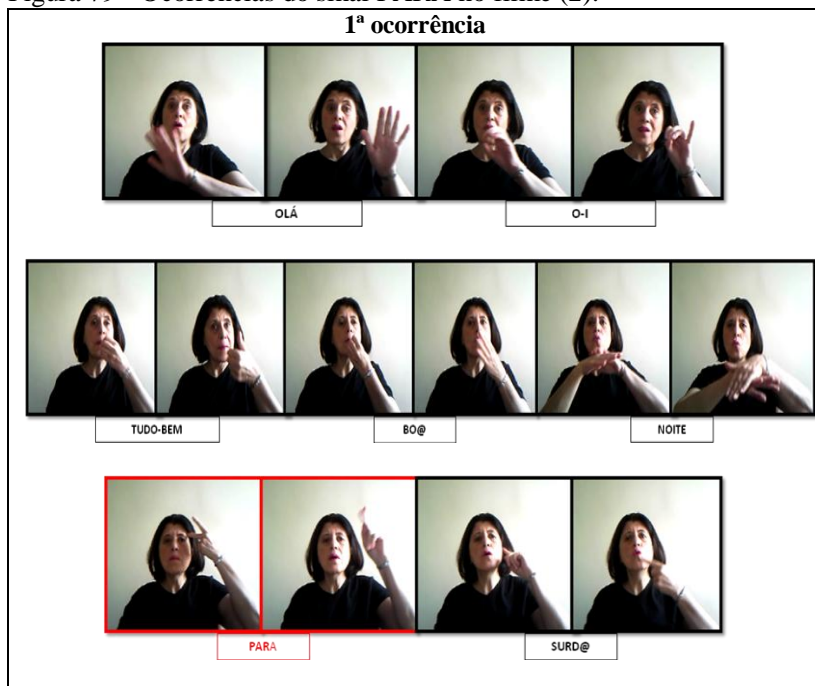
Tradução para o português: *Eu filmo de novo e explico a vocês.*

Nessas três ocorrências, no aspecto morfológico, não há alteração do sinal PARA. Ele é direcionado sempre para o espaço neutro à frente. No aspecto sintático, o sinal PARA introduz referentes pessoais nas três ocorrências. Na primeira, E.S. parece fazer uma saudação a todo o público (*BO@ NOITE PARA TOD@S-VOCÊS*), considerando o sinal TOD@S-VOCÊS, que é em geral utilizado em palestras e eventos que envolvem um grande público. Na segunda, E.S. se refere especificamente aos dois surdos em questão (*FALAR PARA JOAO E PEDRO*). Na última ocorrência, E.S. usa um apontamento que, pelo modo específico como é direcionado no espaço, parece se referir novamente aos dois surdos com quem ele está dialogando (*EXPLICAR PARA VOCÊS*). Assim, o sinal PARA aparece aqui num contexto bastante restrito, de introdução a determinados *receptores* da mensagem, em suas três ocorrências

- **Filme (2)**¹⁵

Contexto: Esse autor aproveita a plataforma *YouTube* para divulgar informações que ele considera importantes à toda a comunidade surda, entre outros tipos de vídeo. Neste vídeo, ele vem divulgar novas informações, e o sinal PARA aparece em três ocorrências distintas, mas todas elas nos instantes iniciais do vídeo, como mostra a figura 79 abaixo:

Figura 79 - Ocorrências do sinal PARA no filme (2).



¹⁵ Este filme foi deletado do *YouTube*, porém como já dispúnhamos do seu registro em nosso arquivo por meio de fotos da sinalização do autor e como o dado nos ajuda a identificar regularidades, considerando a limitação do corpus desta pesquisa, optamos por manter a análise do dado.



BRASIL

TOD@

Tradução para o português: *Olá, oi, tudo bem? Boa noite aos surdos de todo o Brasil.*

2ª ocorrência



MUIT@

OBRIGAD@



PARA

VOCÊ

Tradução para o português: *Muito obrigado a você.*

3ª ocorrência



EU

TER

1

MUIT@



COISA

INFORMAÇÃO



Nessas três novas ocorrências, no aspecto morfológico, novamente não constatamos nenhuma alteração do sinal PARA. Ele é direcionado sempre para o espaço neutro à frente. No aspecto sintático, mais uma vez, o sinal PARA é utilizado para introduzir referentes pessoais na 1ª e 2ª ocorrência: primeiro o público surdo em geral (BO@ NOITE PARA SURD@ BRASIL TOD@), e depois ao espectador do vídeo especificamente (OBRIGAD@ PARA VOCÊ), introduzindo **receptores** à sua mensagem. A 3ª ocorrência é um pouco diferente: introduz a ação de “falar/contar/transmitir” (INFORMAÇÃO PARA FALAR VOCÊ), isto é, trata-se de veicular uma informação com a **finalidade** de repassá-la a quem assiste ao vídeo, no caso identificado como o público surdo de todo o Brasil.

• Filme (3)

Contexto: O filme 3 é um discurso político de um professor surdo de uma importante instituição de educação de surdos do Brasil. Nesse discurso, o professor fala sobre a importância dos concursos voltados à atuação com a Libras abrirem espaço para os professores surdos, pois muitas vezes as instituições educacionais preferem empregar professores ouvintes para essa função pela questão comunicacional, prejudicando a comunidade surda. Nesse vídeo, o sinal PARA apresenta quatro ocorrências: novamente ao início e ao final do vídeo aparecem três das

quatro ocorrências, e uma última ocorrência aparece no meio, como mostra a figura 80 abaixo:

Figura 80 – Ocorrências do sinal PARA no filme (3).



EST@ - me
CONCURSO - md

IMPORTANTE



PARA

SURD@

Tradução para o português: *Meu nome é Alex. O meu sinal é ALEX. Eu vou falar sobre o concurso. Este é (um tema) muito importante para os surdos.*

2ª ocorrência



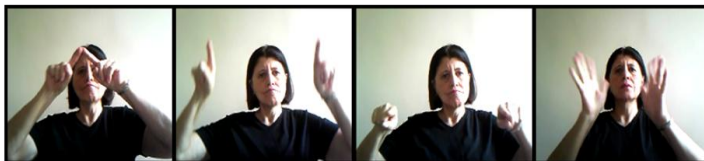
EST@

CONCURSO



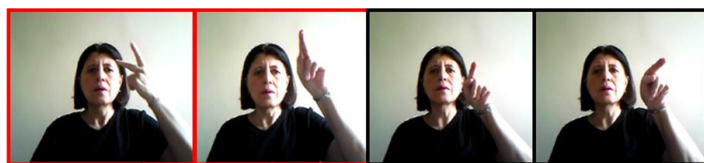
PRÓPRI@

SURD@



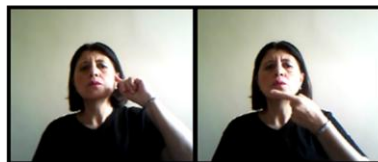
CL: D - POSTER

LÍNGUA-DE-SINAIS



PARA

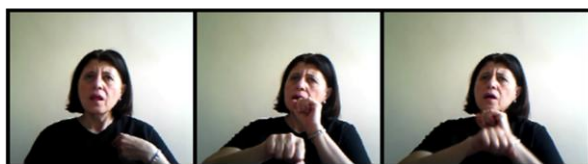
EL@



SURD@

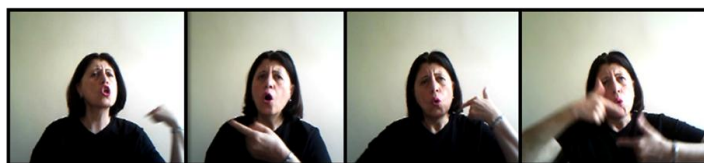
Tradução para o português: *Esse concurso é dos surdos. Deve estar postado lá: “Língua de sinais para os surdos”.*

3ª ocorrência



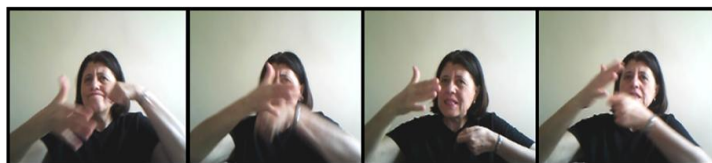
EU

ESPERAR



TOD@

LUTAR



BATALHAR

PRESSIONAR



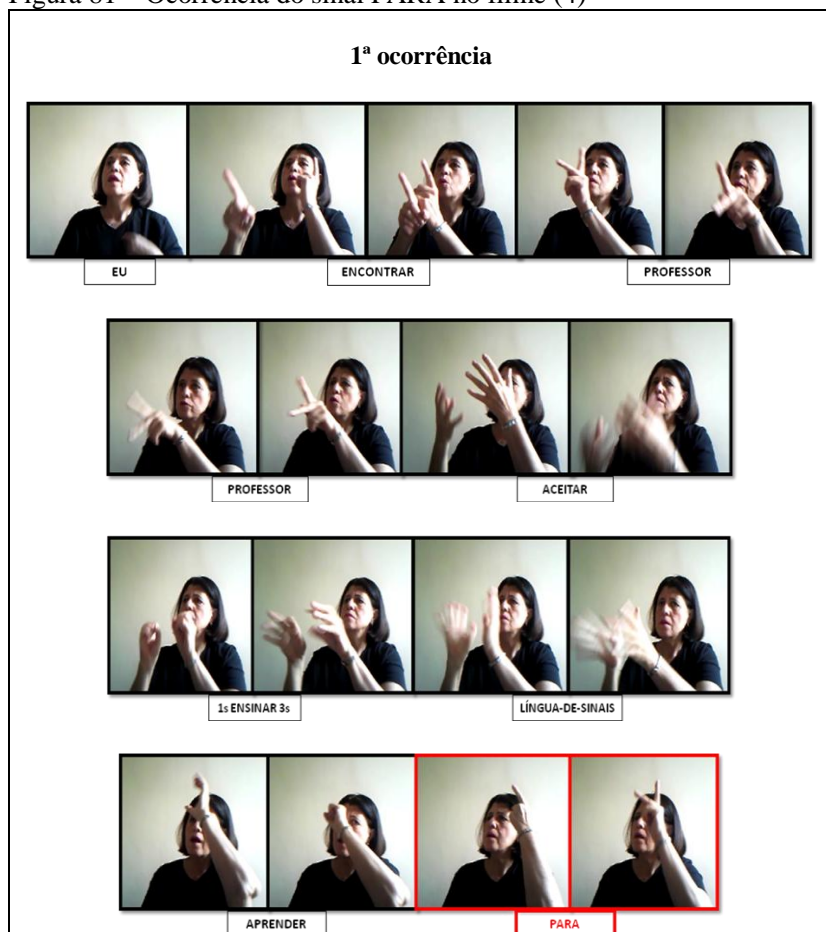
Nestas quatro novas ocorrências, novamente não há qualquer modificação morfológica do sinal PARA, que continua sendo invariavelmente articulado em direção ao espaço neutro à frente. Em termos sintáticos, aqui, mais uma vez, o sinal PARA é utilizado para introduzir referentes pessoais na 1ª ocorrência (IMPORTANTE PARA SURD@), na 2ª ocorrência (LINGUA-DE-SINAIS PARA SURD@) e na 4ª ocorrência (MELHORAR PARA SURD@). Em todos esses casos, o público surdo exerce a função de *receptor*. Na 3ª ocorrência, temos um caso diferente, pois o sinal PARA introduz um referente impessoal (BRASILIA MUDAR PARA CONCURSO) e nesse caso, parece que concurso exerce a função de *finalidade* da mudança.

As três próximas ocorrências do sinal PARA apresentadas a seguir foram produzidas por três autores distintos, em vídeos distintos. Optamos por apresentar os três vídeos em conjunto pela semelhança que eles apresentam em termos do contexto de uso do sinal PARA, permitindo assim maior síntese de nossa análise.

- **Filme (4)**

Contexto: O autor desse vídeo declara ser um surdo de uma família surda e, segundo ele, o vídeo tem o objetivo de explicar o sofrimento do surdo, a dificuldade de comunicação com os ouvintes, ou seja, o bloqueio da comunicação. Durante a narrativa de experiências suas e da sua família, ele conta como ajudou a ensinar Libras para as professoras da escola inclusiva na qual ele é aluno. O sinal PARA apresenta apenas uma ocorrência em meio às várias narrativas contadas no vídeo, onde o mesmo indica finalidade, como mostra a figura 81 abaixo:

Figura 81 – Ocorrência do sinal PARA no filme (4)





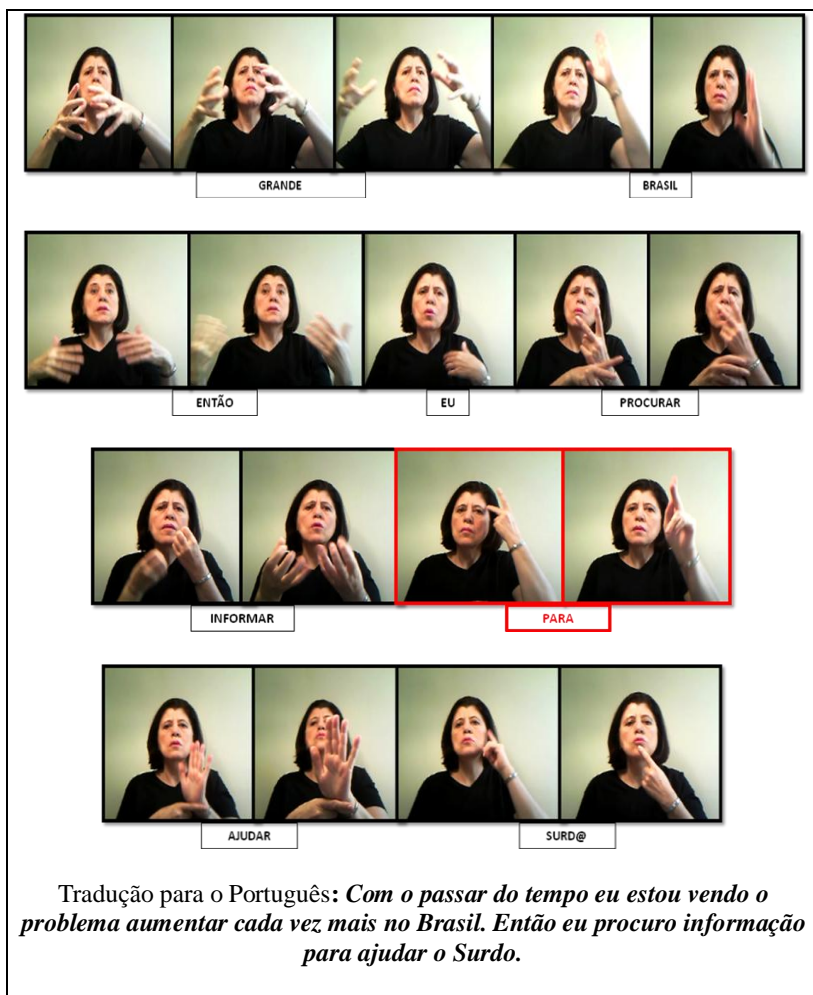
Tradução para o Português: *Eu encontrei o professor. O professor aceitou que eu ensinasse a Libras, que ele aprendesse para se comunicar com os surdos.*

• Filme (5)

Contexto: Neste filme, o autor dá uma entrevista falando da importância do evento *Deaf Travel Brasil*, pois ele é um dos brasileiros que já participou dessa organização. Ele conta sobre a falta de acessibilidade de informações aos surdos no Brasil, e seu sonho de facilitar esse acesso. Portanto, o seu objetivo é ajudar os surdos para viajarem para vários lugares, fazerem passeios sem ter problemas ou dificuldades de comunicação. O sinal PARA aparece em apenas uma ocorrência, em meio às suas explicações, com função de expressar finalidade, como mostra a figura 82 abaixo:

Figura 82 – Ocorrência do sinal PARA no filme (5)





- **Filme (6)**

Contexto: Neste filme, um grupo de professores mestres e doutores surdos discursam a respeito das escolas de educação dos surdos no Brasil, num momento em que houve uma ameaça em vários Estados de fecharem escolas para surdos devido falta de verbas, políticas para economizar, e tendência de escolas inclusivas. Neste vídeo, um dos professores produz a ocorrência do sinal PARA com a função de finalidade, como mostra a figura 83 abaixo:

Figura 83 – Ocorrência do sinal PARA no filme (6).

1ª ocorrência

PRECISAR FAZER

MOBILIZAÇÃO MAS

IGUAL MOBILIZAÇÃO

PARA MELHORAR

NÃO 1s PROVOCAR 3s

Tradução para o Português: *Precisamos nos mobilizar, mas se mobilizar para melhorar, não para ficar criticando negativamente.*

Nestas três novas ocorrências, novamente identificamos que o sinal PARA não é modificado morfologicamente. No filme (5), o sinal PARA é produzido à direita do sinalizador, mas isso é feito de forma coerente com o seu tronco e sua face, que também estão orientados à sua direita, possivelmente em razão de, nesse vídeo, o autor surdo estar se dirigindo a um entrevistador que está presente fisicamente, diferente de todos os outros vídeos em que o surdo se direciona à câmera.

Em termos semânticos o sinal PARA nessas três novas ocorrências apresenta grande regularidade e sempre introduz uma oração final de alguma ação: aprender língua de sinais com a finalidade de se comunicar com o surdo (APRENDER PARA *COMUNICAR SURD@*), no vídeo 4; procurar informação com a finalidade de ajudar os surdos (INFORMAÇÃO PARA *AJUDAR SURD@*), no vídeo 5; e fazer mobilizações com a finalidade de promover melhorias (MOBILIZAR PARA *MELHORAR*), no vídeo 6. Nesses contextos de uso, o sinal PARA parece estabelecer uma relação entre duas ações, a segunda ação sendo a **finalidade** da primeira ação.

- **Filme (7)**

Contexto: Neste vídeo, a autora participa de um debate entre surdos a respeito de educação bilíngue. Ela responde a mensagem de outro surdo, direcionado a ela, para falar da diferença entre a educação bilíngue *de* surdo e educação bilíngue *para* surdo. É importante destacar que no contexto desse discurso, a diferença que a autora discute é exatamente a diferença semântica do *Português* entre as preposições “para” e “de”, e não da Libras. Ela está explicando que participou ativamente da elaboração da redação do Decreto 5626 junto com outros surdos, e nesse contexto ela conta como a diferença entre “de” e “para” poderia colocar a educação de surdos em concordância ou discordância com as políticas de inclusão do governo (figura 84).

Figura 84 – Ocorrência da soletração manual P-A-R-A e o sinal PARA no filme (7).



SURD@ O-U

EDUCAÇÃO BILÍNGUE

D-E SURD@

Tradução em Português: *Olá Valdo! Obrigada por me convidar para discutir e começar a falar sobre educação bilíngue “para” surdos ou educação bilíngue “de” surdos.*

2ª ocorrência

EU VOLTAR PASSADO

2-0-1-0



Primeiro, destacamos que a primeira parte da figura envolve não o sinal PARA que estamos analisando, mas sim a soletração manual P-A-R-A, seguida mais a frente da soletração manual D-E.

Como discutido no capítulo de metodologia, o uso do hífen entre as letras da glosa indica que a palavra foi soletrada, e não se trata de um sinal convencional da Libras. Assim, podemos concluir que a inclusão de uma palavra do Português no contexto sintático próprio da Libras caracteriza um caso próximo ao de *alternância de códigos*. Embora a autora surda não esteja utilizando a voz, como se esperaria numa alternância de códigos envolvendo uma outra língua oral e o Português, podemos considerar que ela está se referindo ao código do Português e não à Libras, embora utilize o canal manual. Isso é esperado no discurso sinalizado, já que a soletração manual é um recurso convencional das línguas de sinais para fazer referências à língua oral em todo o mundo.

A ocorrência do sinal PARA vai aparecer então mais a frente no discurso da autora, quando ela conta ao seu interlocutor que, na cidade onde ela mora, os surdos conseguiram uma lei que previa a criação e preservação de escolas bilíngues “para” surdos. É interessante observar, nessa ocorrência, que aqui a autora usou o sinal PARA dentro de um contexto onde ela mesma queria enfatizar a diferença semântica da palavra “para” do Português. Em termos de morfologia, novamente o sinal é articulado de forma invariável. Em termos de sintaxe, o sinal PARA aqui novamente introduz um referente pessoal, no caso o público surdo (CONSEGUIR EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURD@), isto é, uma educação bilíngue com a **finalidade** de atender ao público surdo.



Essa breve análise descritiva das ocorrências encontradas em 7 filmes retirados do Youtube será mais elaborada na seção 4.4, de discussão dos dados. Lá, iremos propor uma análise comparativa entre as várias frases identificadas, bem como comparando esses dados com os dados relativos ao sinal PARA documentado em compilações de sinais e dicionários – o que será o objeto de descrição crítica na seção a seguir.

4.3 ANÁLISE CRÍTICA DE OBRAS QUE APRESENTAM O SINAL PARA

Como discutido no capítulo teórico, a grande maioria das obras que se referem à categoria de preposições na Libras são compilações de sinais e dicionários. Sendo assim, vamos verificar de que maneira algumas obras principais da Libras documentam o sinal PARA, e ver quais são as evidências para os autores categorizarem esse sinal como sendo uma preposição.

Ao fazer esse levantamento, descobrimos que a primeira referência ao sinal PARA apareceu já na obra clássica de Flausino José

da Gama, na compilação de sinais *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, de 1875. Nessa obra, como discutimos no capítulo teórico, duas “estampas” envolvem sinais que o autor apresenta como sendo “Preposições” (estampa 18) e “Preposições e conjunções” (estampa 19). Na estampa 19, a entrada número 8 aparece associada à glosa “Para”, como mostra a figura 41, na página 78.

Primeiro, observamos que o sinal que essa obra apresenta como “Para” na Libras possui o mesmo ponto de articulação (testa), o mesmo movimento (para frente) e mesma mudança de orientação da palma (do corpo para fora) que o sinal PARA. Porém a configuração de mão é diferente, envolvendo a configuração de mão em  ao invés da configuração de mão  .

Em outras palavras, apenas a configuração de mão é diferente do sinal PARA que estamos estudando. Fica a questão se uma mudança diacrônica nesse sinal poderia ter ocasionado essa mudança de configuração de mão, ou se esse sinal da *Iconographia* ao longo do tempo deixou de existir na Libras – questão que retornaremos no final da seção 4.4, de discussão dos dados.

Em termos de significado, a obra de Flausino José da Gama (1875) não apresenta nenhuma descrição dos sinais. É como se o significado do sinal fosse resumido apenas pela palavra em Português usada como glosa. Diniz (2011) mostra que essa forma de documentar os sinais da Libras, apesar do seu grande valor histórico, é problemática, pois os sinais da Libras não podem ter o seu significado reduzido a uma palavra do Português. Além disso, podemos supor que para o autor a palavra abaixo do sinal não tinha estatuto de “glosa” (isto é, um mero nome convencional do sinal), tal como os linguistas consideram o uso de palavras para transcrição de sinais.

De fato, esse dicionário histórico revela uma época da educação de surdos, como discutido no capítulo teórico, em que os “sinais metódicos” do Abade de L’Epée se tornaram o principal método de educação de surdos por meio da língua de sinais. E a obra de Flausino José da Gama é uma reprodução exata da obra do professor surdo Pellisier, apenas com a diferença das palavras do francês que foram traduzidas para o Português, como mostra Campello (2011). Assim, muitos dos sinais classificados como “preposições” e “conjunções” nessa obra parecem ser justamente sinais inventados pelos educadores franceses com base na língua oral francesa para suprir uma gramática que eles consideravam faltar na língua de sinais francesa e que passou

depois a influenciar o desenvolvimento da Libras também. Concluindo, essa obra revela uma forte interferência da língua oral no processo de documentação da língua de sinais, e não apresenta critérios claros para a existência da categoria preposicional na Libras.

Desta forma podemos imaginar, sem jamais afirmar, que o sinal PARA citado por Flausino da Gama era também um sinal surgido a partir da necessidade se suprir a lacuna deixada pela preposição do Português, devendo ser utilizada pelos professores ouvintes em grande escala, e aos poucos introduzida na língua de sinais, sendo passada entre as gerações de alunos das escolas de surdos.

A segunda obra de compilação de sinais mais importante no Brasil é o livro “Linguagem das Mãos” de Oates (1969; 1983), produzido por volta de um século depois da obra de Flausino. Nesse livro, o sinal PARA não foi encontrado na ilustração para podermos comparar exatamente. Porém, consta a foto do sinal glosado PARA QUE, que na verdade apresenta a forma exatamente igual à do sinal PARA que estamos estudando. Sendo assim, embora seja glosado de forma diferente, podemos considerar que se trata do mesmo sinal, como mostra a figura 42 na página 79.

O sinal PARA QUE está documentado nas imagens 601A e 601B (Oates, 1983: p.139). Além da imagem, o dicionário acrescenta também a descrição verbal da forma do sinal, que coincide com a forma do sinal que estamos estudando: “Mão direita em “P”, palma para dentro, indicador para esquerda. Colocar a ponta do médio na testa e afastar a mão para frente, virando a palma para esquerda”. Em termos do significado, a entrada apresenta a seguinte descrição: “a fim de que, em razão de, pelo motivo de, por (preposição), porque (conjunção), designativa de causa”.

Primeiro, observamos novamente como essa obra, apesar do seu importante valor histórico, revela interferências do Português na documentação da Libras. A análise de Diniz (2011) sobre essa obra já demonstrou que os registros dos sinais de Oates quase sempre eram apresentados com configurações de mão associadas ao alfabeto manual. Na Libras, há diversas configurações que não seguem o alfabeto manual, porém a compilação de sinais de Oates mostra preferência por descrever os sinais aproximando a forma das configurações de mão com as formas das configurações presentes no alfabeto manual, seguindo as letras da língua oral. Não temos como saber se essa motivação de executar os sinais com configurações de mão ligadas à letra da palavra em Português partiu do próprio Oates (1983) ou se a fonte de pesquisa que ele consultou apresentava essa influência e o padre apenas a registrou.

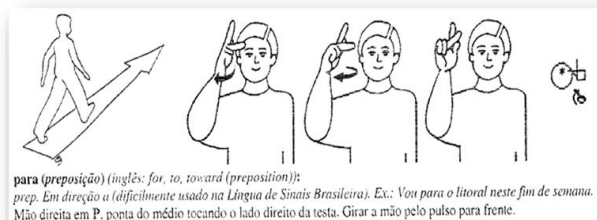
Segundo, a apresentação do significado desse sinal também é feita em relação a várias expressões do Português. Observando a descrição, o sinal parece ter dois sentidos principais: *finalidade* (“a fim de que”) e *causa* (“em razão de, pelo motivo de, por, porque”). Nesta obra, também não são apresentados contextos próprios da Libras para o uso desse sinal, e também o autor não faz qualquer afirmação sobre o sinal ser uma preposição ou não. O termo “preposição” aparece apenas na explicação da palavra “por” do Português, como possível tradução desse sinal. Novamente, não temos evidência para considerar que o sinal PARA (PARA QUE, em Oates, 1983) seja uma preposição.

É possível notar que houve a mudança do sinal anteriormente executado com o indicador na testa, que passou a ser utilizado com a configuração de mão da letra P. Visto que já havia certa tendência de Oates em preferir sinais aliados ao alfabeto manual, há possibilidade de que esse autor, ou seus informantes valorizassem a vinculação de sinais da Libras com o Português..

O terceiro registro mais importante da Libras é o Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, vol. II: Sinais de M a Z, de Capovilla e Raphael (2001).¹⁶ Nesta obra, a entrada do sinal PARA aparece na página 1004, como mostra a figura 85 abaixo:

¹⁶ A entrada referente ao sinal PARA no Deit-Libras inclui as mesmas informações apresentadas na entrada do dicionário de 2001, com exceção da informação de que o sinal ocorre nas regiões de São Paulo, Rio de Janeiro, Ceará e Rio Grande do Sul. Tendo em vista que nosso objetivo não é o de avaliar quais comunidades surdas no Brasil adotam o sinal, mas sim as propriedades morfossintáticas do sinal onde quer que ele ocorra, optamos por manter aqui apenas a análise da entrada do dicionário.

Figura 85 - PARA - Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Língua Brasileira de Sinais, 2001.



O dicionário de Capovilla e Raphael (2001) é um dicionário trilingue Libras-Português-Inglês, mas a Libras em si é descrita apenas na forma do sinal, não no significado. Em termos da descrição formal, o desenho mostra que o sinal é realizado da mesma maneira que Oates documentou o sinal PARA QUE, complementado pela descrição verbal “Mão direita em P, ponta do médio tocando o lado direito da testa. Girar a mão pelo pulso para frente”. Os autores enriquecem ainda a descrição formal do sinal colocando o registro em *signwriting* (uma escrita de sinais).

Em termos do significado, o dicionário apresenta uma possível tradução do sinal para o português e para o inglês. Como os autores dizem no capítulo introdutório sobre como ler o dicionário:

Abaixo da tarja [imagem desenhada] aparece o verbete em Português, que serve para indexar alfabeticamente o sinal. O verbete consiste numa palavra em Português cujo significado corresponde, o mais proximamente possível, ao significado do sinal em Libras (p. 41).

Assim, o verbete “para” do dicionário não é uma glosa, e sim uma tradução do Português do sinal em questão. Além disso, a classificação gramatical também é da palavra em Português e os exemplos seriam pertinentes às duas línguas, pois como afirmam os autores:

Em seguida, aparece a classificação gramatical do verbete, sua definição e conceitos associados, e um exemplo de uso pertinente, consistente com o seu emprego tanto em Português quanto em Libras.

No caso dessa entrada, a acepção diz “em direção a” e o exemplo dado é “Vou para o litoral neste fim de semana”, mas para qualquer pessoa proficiente em Libras fica a dúvida sobre como essa frase seria sinalizada de forma “pertinente” na Libras, considerando que os conceitos de “litoral” e “fim de semana” não têm sinais específicos na Libras. Por último, destacamos a afirmação que é feita nessa entrada, de que o sinal PARA é “difícilmente usado na Língua de Sinais Brasileira”. Em resumo, a obra de Capovilla e Raphael (2001) também não traz evidências de que esse sinal PARA seja uma preposição na Libras.

A última obra que faz referência ao sinal PARA na Libras é o dicionário da Acessibilidade da Libras - Língua Brasileira de Sinais, versão 2.1. web, 2008. Esse dicionário existe em duas versões: uma na web, e outra em cd. A versão da web apresenta um problema na entrada referente ao sinal PARA, pois a descrição desta entrada trata do sinal PARÁ, referente ao Estado brasileiro do Pará. Sendo assim, para essa discussão, vamos nos apoiar apenas nos dados apresentados na versão em CD, que está corretamente documentada (figura 86).

Figura 86 – Sinal PARA no CD ROM do Dicionário de Libras, 2005.



Nesse dicionário, a apresentação da forma do sinal tem vantagem em relação aos outros dicionários por utilizar o vídeo, que mostra a dinâmica do sinal com maior clareza (DINIZ, 2011). O sinal é apresentado com a mesma forma do sinal documentado em Capovilla e Raphael e também em Oates, como mostra a figura acima. Em termos de significado, o dicionário apresenta a descrição em Português “Com que finalidade?” (campo Acepção). Outra vantagem desse dicionário é a apresentação de um exemplo de sentença em Libras, embora apenas na forma de glosas: ME@ PROFESSOR 3s PERGUNTAR 1s PARA-QUE VOCÊ ESTUDAR muito? 1sRESPONDER3s ESTUDAR muito PARA FUTURO EMPREGO, com a seguinte tradução para o Português: “O

meu professor me perguntou: Porque você está estudando tanto? Eu respondi a ele: “Estou estudando muito para o meu futuro emprego”. Nesta obra, o sinal está explicitamente categorizado como preposição (“PREP.”, campo Classe Gramatical), porém não sabemos qual foi o critério para essa classificação.

Além da entrada do sinal PARA acima, esse dicionário apresenta outra entrada com uma glosa diferente, SOBRE-3, porém a forma do sinal nessa entrada é exatamente igual à do sinal PARA, colocando em dúvida se seriam dois sinais homônimos ou se o dicionário documentou o mesmo sinal com duas glosas diferentes devido à sua polissemia, como mostra a figura 87 abaixo:

Figura 87 - sinal PARA (SOBRE-3) Acessibilidade Brasil, 2008



Nesta nova entrada, SOBRE-3, a forma do sinal é tal como a do sinal PARA, embora possamos perceber uma diferença na expressão facial da pessoa que sinaliza. Em termos do significado, essa entrada é descrita com o sentido de “a respeito; com referência; acerca”, acompanhado com o seguinte exemplo de uso transcrito na forma de glosas em Libras: EL@-2 CONVERSAR SOBRE FUTEBOL, com a seguinte tradução para o Português: “Eles dois estão conversando sobre futebol”. Novamente aqui, o sinal está explicitamente categorizado como preposição (“PREP.”) no campo *Classe Gramatical*, porém, não sabemos qual foi o critério para essa classificação.

Concluindo, as compilações de sinais e dicionários que apresentam o sinal PARA na Libras não trazem evidências sólidas para afirmarmos que esse sinal seja uma preposição da Libras. Além disso, há várias inconsistências entre cada documentação. No aspecto da forma do sinal, todas as obras descrevem o sinal da mesma maneira, exceto *Iconographia*, em que o sinal é apresentado com uma configuração de mão diferente (porém com os demais parâmetros iguais). A transcrição

do sinal nas obras é feita às vezes por meio de desenho, às vezes de foto, às vezes de vídeo ou até *signwriting*, porém sempre acompanhada de palavra do Português, com diferentes opções de convenção para nomear o sinal: “Para”, “PARA QUE”, “para”, “PARA” e “SOBRE-3”. No aspecto do significado, o sinal também é descrito com bastante variação: como restrito à palavra “para” do português, como “finalidade”, como “causa”, como “em direção a” e como “referente a”. Fica claro por essa análise como a documentação da Libras tem sido feita de forma inconsistente em diferentes obras, devido à grande complexidade de se registrar uma língua de sinais em dependência de uma língua oral para fins de documentação.¹⁷ Para um trabalho como este, que propõe analisar a gramática e a semântica dos sinais da Libras, esses documentos também tornam a tarefa complicada e exigem muitos cuidados para evitarmos a interferência do Português.

A despeito das regularidades morfológicas, podemos analisar que o sinal PARA se mostra executado de maneiras diferentes em certas publicações, como no caso da compilação de Flausino, em que a configuração de mãos é outra. Também podemos analisar morfologia semelhante nos parâmetros da Libras dos sinais PARA e SOBRE-3.

4.4 DISCUSSÃO DE DADOS

Como já discutimos na metodologia, devido à orientação funcionalista deste estudo, o corpus de análise dessa pesquisa acaba sendo limitado pela dificuldade de obtenção de dados naturais da Libras. Considerando que optamos por dados públicos e espontâneos (naturais) e que não possuímos um corpus da Libras que possa ser processado eletronicamente, a única alternativa para encontrarmos dados envolvendo o sinal PARA é assistindo vídeo a vídeo, integralmente, o que demanda um longo período de coleta sem garantia de sucesso. Apesar disso, os poucos dados naturais que foram encontrados já nos permitem apontar algumas regularidades interessantes e gerar hipóteses, pautadas em dados naturais, que mais tarde poderão ser testadas com a

¹⁷ Essa dependência da língua oral é uma circunstância sócio-histórica, isto é, é uma dependência no contexto dessas obras. A Libras não apenas é independente do Português enquanto sistema linguístico, mas também as suas possibilidades de documentação independentes hoje estão cada vez mais viáveis com os novos desenvolvimentos tecnológicos e científicos, tais como vídeos, fotos e sistemas de escrita de sinais tais como *signwriting*, ELIS, dentre outros.

devida adequação empírica. Vamos agora fazer uma breve discussão desses resultados iniciais.

Antes de passar à análise propriamente dita, entretanto, é importante fazer algumas ressalvas. Primeiro, ao realizarmos esse tipo de análise, percebemos imediatamente como o uso de glosas se torna um obstáculo para a análise morfossintática da Libras. Por exemplo, na frase (7) apresentada na **Tabela 14** abaixo, optamos por glosar o sinal como IMPORTANTE, e quando remetemos esse sinal à palavra do Português, “importante”, naturalmente tendemos a interpretar o sinal como um adjetivo (ex. “Este é um documento importante”) ou um substantivo (“O importante é estudar bastante”). Contudo, em Português tanto o adjetivo quanto substantivo “importante” são derivados do verbo “importar”, com uma clara distinção morfológica. Na Libras, considerando que não há distinção morfológica clara entre as classes (PIZZIO, 2011), como escolher a melhor glosa para esse sinal, IMPORTAR ou IMPORTANTE? Qualquer que seja a escolha feita, teremos uma pequena tendência a atribuir determinada classe gramatical e sentido ao sinal apenas pela sua glosa. E se optarmos por transcrever apenas a raiz da palavra, IMPORT-, isso tornaria as transcrições bastante ilegíveis.

Por causa disso, é inevitável que a glosagem dessa passagem envolva já uma certa pré-análise dos sinais em contexto, embora estejamos cientes do alerta que McCleary e Viotti (2007) apontam: de que a glosa deva ser apenas uma forma de nomear o sinal, e não ser confundida com o sentido do sinal, nem como indicador da classe gramatical do sinal.

Neste ponto de nosso conhecimento sobre a gramática das línguas de sinais, portanto, precisaremos, em vários momentos, nos apoiar em nossas intuições enquanto falantes proficientes da Libras – a pesquisadora surda, uma usuária da Libras como L1 e o orientador, um ouvinte usuário da Libras como L2 há 15 anos. Apesar disso, optamos por abordar os dados de maneira mais objetiva possível, recorrendo o mínimo possível a categorias linguísticas abstratas, embora seja inevitável buscar identificar *funções gramaticais* básicas das frases (tais como sujeito, predador, objeto, complemento e adjunto).

Além disso, as frases analisadas foram retiradas de contexto discursivos correntes, portanto como saber dentro desses discursos onde uma frase começa e onde termina? Sabendo que a sintaxe da frase vai depender do seu contexto imediato, torna-se importante para qualquer análise sintática identificar com clareza o início e o final da unidade. Porém, a questão da segmentação das línguas de sinais em orações ou sentenças é uma questão bastante complexa, que está apenas começando

a ser explorada (LEITE, 2008). Sendo assim, fizemos uma segmentação dessas frases utilizando alguns critérios apontados por Leite (2008), em especial alongamentos finais marcados que delimitam o final de frases, porém de forma mais intuitiva, isto é, sem mensuração objetiva. Tudo isso em si já mostra a complexidade da determinação das classes gramaticais das palavras na Libras, mas isso não impede um exercício de análise, já que nosso objetivo é o de levantar hipóteses e demonstrar alguns cuidados metodológicos que deveriam estar envolvidos nesse tipo de reflexão.

Feita essas ressalvas, seguindo um modelo de gramática baseada no uso, vamos explorar as frases identificadas nos dados de forma mais objetiva possível, buscando eventuais regularidades. Lembramos aqui um ponto muito importante: ao utilizarmos o trabalho de Neves como ponto de referência, estamos utilizando os seus *critérios de classificação* (se a preposição opera dentro ou fora do sistema de transitividade, e qual tipo de função sintática e/ou semântica a preposição desempenha), e não a classificação propriamente dita da palavra “para” no Português, já que a preposição PARA pode se aproximar ou se distanciar da descrição gramatical da palavra “para”. Dito isso, vamos primeiro listar as frases analisadas para facilitar essa observação, já agrupando frases semelhantes e destacando algumas cores já para facilitar a visualização de possíveis padrões:¹⁸

¹⁸ Algumas observações sobre a notação da tabela: devido à dificuldade de reproduzir as frases completas de maneira que possam ser visualizadas simultaneamente, algumas partes da frase foram elididas e, nesse caso, a parte elidida aparece com a notação “(...)” e o leitor pode recuperá-las nas figuras analisadas na seção 4.2; além disso, elementos da frase elididos no próprio discurso dos surdos, mas que podem ser recuperados ou inferidos pelo contexto, foram incluídos entre parênteses.

Quadro – 3

Contexto sintagmático precedente			Item sob estudo	Contexto sintagmático subsequente		
1	BO@	NOITE	<u>PARA</u>	TOD@S-VOCÊS		
2 EU	QUERER	FALAR (DISCURSO ATUAL)	<u>PARA</u>	JOAO	E	PEDRO
3	FILMAR	EXPLICAR (DISCURSO ATUAL)	<u>PARA</u>	VOCÊS		
4	BO@	NOITE	<u>PARA</u>	SURD@	BRASIL-TOD@	
5	MUIT@	OBRIGAD@	<u>PARA</u>	VOCÊ		
6 TER	(...)	INFORMAÇÃO	<u>PARA</u>	FALAR	VOCÊ	
7	EST@ (CONCURSO)	IMPORTANTE	<u>PARA</u>	SURD@		
8	POSTER	LÍNGUA-DE-SINAIS	<u>PARA</u>	EL@	SURD@	
9	BRASILIA	MUDAR	<u>PARA</u>	CONCURSO		
10		MELHORAR (CONCURSO)	<u>PARA</u>	SURD@		
11	(PROFESSOR)	APRENDER (LÍNGUA-DE-SINAIS)	<u>PARA</u>	COMUNICAR	SURD@	
12 EU	PROCURAR	INFORMAÇÃO	<u>PARA</u>	AJUDAR	SURD@	
13 PRECISAR	FAZER (...)	MOBILIZAÇÃO	<u>PARA</u>	MELHORAR		
14 CONSEGUIR (LEI MUNICIPAL)	EDUCAÇÃO	BILÍNGUE	<u>PARA</u>	SURD@		

Como um primeiro ponto de análise, chamamos a atenção para as células marcadas com a cor azul claro no contexto sintagmático precedente a PARA, nas frases 1, 4 e 5. Nelas, observamos que a frase envolve uma saudação ou cumprimento de caráter bastante ritualizado que não exige complemento (BO@ NOITE e MUIT@ OBRIGAD@). Nessas três ocorrências, o sinal PARA é utilizado para introduzir o público-alvo dessa saudação ou cumprimento. Corroborando a nossa intuição, podemos criar hipóteses a partir desses dados que uma possível função do sinal PARA na Libras seja, de acordo com os critérios de Neves, o de estabelecer uma relação semântica de circunstanciação, introduzindo o **receptor** de saudações e cumprimentos desse tipo.

Contudo, essa correspondência com o trabalho de Neves não é perfeita. Está claro aqui que o sinal PARA, no caso da Libras, não exerce a função de complemento e sim de adjunto, enquanto em Neves (2000), os casos de “receptor” e “beneficiário” introduzidos pela preposição “para” do Português operam dentro do sistema de transitividade. Na Libras, diferentemente, como pode ser visto na figura 90 abaixo, é perfeitamente aceitável indicar o receptor de uma saudação sem a utilização do sinal PARA, o que vale também para cumprimentos. De fato, com base em nossa intuição da Libras, sugerimos que o uso do sinal PARA nesses contextos é um uso *bastante marcado* e deve estar associado a alguma motivação específica. Um desdobramento desta pesquisa é a produção futura de testes que analisem mais cuidadosamente essa questão do sinal PARA.

Figura 88 – BOA TARDE TOD@S-VOCÊS



Vamos então supor possíveis motivações para o uso do sinal PARA nesse contexto com base em nossa intuição, uma vez que, infelizmente, como os dados foram públicos e naturais, não possuímos todas as informações do indivíduo, tais como: (a) influência do Português na Libras, tendo em vista que em Português essas duas construções de saudação e cumprimento, quando especificam o receptor,

exigem a preposição “a” ou “para”; (b) necessidade de maior ênfase na explicitação do receptor, destinatário ou finalidade da comunicação.

Se assumirmos que o sinal PARA é um empréstimo do Português, naturalmente a hipótese (a) será favorecida. Mas há outras evidências para essa hipótese: os dois usuários surdos que produzem esse sinal apresentam, na introdução de seus discursos, outras marcas de interferência do Português. Na frase (2), produzida pelo mesmo autor que produziu a frase (1), ele sinaliza a letra “E” do Português para relacionar os dois receptores de sua mensagem, um uso raramente encontrado na Libras, que possui itens lexicais próprios (ex. TAMBÉM, ESS@-DOIS) além de recursos espaciais (deslocamento do corpo para esquerda e direita) para indicar essa relação aditiva. Na frase (5), produzida pelo segundo autor, encontramos o sinal MUIT@ como intensificador do sinal OBRIGAD@, tal como a estrutura do Português “muito obrigado”, enquanto na Libras a forma típica de intensificação envolveria modulações na dinâmica do próprio sinal OBRIGAD@, por meio de expressão facial e realização mais intensificada do sinal. Além disso, a intuição de que esse uso é bastante marcado e opcional na Libras poderia ser considerado uma outra evidência a favor dessa hipótese. Assim, as evidências mostradas nas frases (2, 1 e 5) são fortemente sugestivas para considerar o uso do sinal PARA nesse contexto como motivado por influência do Português.

Porém, não podemos descartar uma hipótese alternativa, de que o sinal PARA, nesse contexto, daria mais ênfase na explicitação do receptor das mensagens e seria compatível com a gramática própria da Libras. Além disso, há a possibilidade inclusive de uma hipótese não excluir a outra, isto é, o sinal PARA nesse contexto ser de fato um resultado de interferência do Português, mas essa interferência produzir como efeito a explicitação opcional do receptor das mensagens. Pois, como discutimos sobre o processo de empréstimo linguístico no capítulo 2, de fundamentação teórica, é comum que os empréstimos, ao serem incorporados em outra língua, tenham alguma especialização de sentidos que torne o seu uso mais restrito do que os usos da palavra na língua original.

Como um segundo ponto de análise, chamamos a atenção para as células em tons de verde no contexto subsequente ao sinal PARA, marcadas em todas as frases com exceção das frases 9 e 13. Vemos nessas ocorrências que o sinal PARA, com grande regularidade, serve para introduzir referentes pessoais, ou ações relacionadas a referentes pessoais. Em todos esses casos, esse referente pessoal parece ser o **receptor** de uma dada predicação. Quando observamos quais sinais

ocupam essa posição, outras regularidades se destacam: dêiticos (TOD@S-VOCÊS, VOCÊ, EL@) e uma categoria abstrata, SURD@, referente ao público surdo em geral. É interessante notar a grande regularidade desse último sinal, SURD@, que aparece em 50% (7 de 14) das ocorrências.

Por um lado, essa observação mostra que o sinal PARA na Libras apresenta um contexto gramatical produtivo, introduzindo sistematicamente referentes pessoais como **receptores** para predicções diversas. Por outro lado, a grande recorrência de um item lexical específico como receptor, o sinal SURD@, mostra que há marcas de idiomatidade no uso do sinal PARA, como se esse item estivesse preso ou restrito em grande medida a contextos em que se fala de “surdos”. Além disso, quando consideramos que todos os dados foram retirados de diálogos, anúncios ou discursos direcionados ao público surdo, percebemos que mesmo no caso onde o sinal SURD@ não foi empregado, nas frases 9 e 13, ainda assim os dêiticos faziam referência implícita ao público “surdo”. Se essas duas observações forem verdadeiras, podemos formular a hipótese que o sinal PARA se mostra produtivo em contextos que introduzem receptores para diversas predicções, mas apenas quando esses receptores forem surdos, o que tende a ser explicitado com o uso do sinal SURD@.

Como um terceiro ponto de análise, chamamos a atenção para as células marcadas com (laranja) no contexto sintagmático *precedente* ao sinal PARA. Essas são células de sinais que nos parecem desempenhar a função de predicadores principais das frases. Analisando então a possível transividade desses sinais, baseado em nossa intuição,¹⁹ observamos que alguns predicadores parecem ser intransitivos (*IMPORTANTE* em 7), outros transitivos com objeto preenchido (*TER INFORMAÇÃO* em 6, *PROCURAR INFORMAÇÃO* em 12, *FAZER MOBILIZAÇÃO* em 13, *CONSEGUIR LEI MUNICIPAL EDUCAÇÃO BILÍNGUE* em 14) e outros transitivos com objeto elidido, mas possíveis de serem recuperados ou inferidos do contexto (*QUERER FALAR* [DISCURSO ATUAL] em 2, *EXPLICAR* [DISCURSO ATUAL] em 3, *MELHORAR* [CONCURSO] em 10, *APRENDER* [LÍNGUA-DE-SINAIS] em 11). Nesses casos, seja de um

¹⁹ A análise da estrutura argumentativa de cada um desses predicadores, para ser adequada a uma abordagem baseada no uso, deveria ser feita com base num levantamento empírico amplo baseado em corpus eletrônico, o que está impossibilitado neste estágio das pesquisas com a Libras, como já discutido na metodologia.

predicador intransitivo, seja de um predicador transitivo com objeto preenchido ou elidido, o sinal PARA parece criar uma construção adjuntiva, não de complemento, mas com a função de circunstanciar a **finalidade** ou o **receptor** dessas predicções. Em particular, quando o sinal PARA é *sucedido* de outro predicador, tal como nas frases 6, 11, 12 e 13, o sentido está restrito à **finalidade**.²⁰ Assim, com base nesses dados naturais, parece que o sinal PARA poderia ser classificado como uma preposição que, nos termos de Neves, funciona “fora do sistema de transitividade”, estabelecendo relações semânticas ou como adjunto adverbial ou como adjunto adnominal – dependendo da categoria do item gramatical precedente ao sinal PARA.

As células em tons de azul indicam itens das frases que nos parecem desempenhar uma função nominal, constituindo ou integrando sujeitos ou objetos das frases. Já falamos sobre as frases em azul claro, que envolvem saudações ou cumprimentos bastante ritualizados. Gostaríamos então de chamar a atenção para algumas observações relacionadas aos demais itens em azul. Primeiramente, notamos uma regularidade estrutural nas frases 12, 13 e 14. Nelas, os itens em azul escuro parecem funcionar como objeto das predicções e, nesse sentido, o sinal PARA introduziria um adjunto adnominal à frase, especificando o seu sentido ao especificar o **receptor** ou a **finalidade** desse objeto.

As frases 8 e 9 são as que mais fogem aos padrões identificados nas demais frases. Na frase 8, o usuário surdo está falando sobre concursos para professor de Libras, que deveriam ter um cartaz dizendo “Língua de sinais para os surdos”. Reproduzimos novamente abaixo essa sinalização para poder discuti-la com maior detalhamento:

²⁰ Parece que o conceito de finalidade está contido no conceito de receptor, mas o conceito de receptor não está contido no conceito de finalidade. Por isso as frases que introduzem um receptor também possibilitam uma leitura de finalidade, mas as frases que introduzem outras predicções como finalidade não permitem a leitura de receptor.

Figura 89 - Sinal PARA em uma frase que foge ao padrão geral identificado.



Como vemos na sinalização, o autor surdo primeiro sinaliza o formato do pôster ou cartaz (POSTER) e indica que lá deveria estar postado LINGUA-DE-SINAIS PARA EL@ SURD@. Aqui, o predador da frase parece ser justamente o sinal PARA, com um sentido similar ao de “pertencente a”, “referente a”. Uma possível evidência para essa interpretação pode ser encontrada na frase imediatamente anterior: EST@ CONCURSO PRÓPRIO@ SURD@. Poderíamos sugerir aqui um paralelismo estrutural entre as duas frases, como mostra a **Tabela 15** abaixo. Na frase anterior, o predador PRÓPRIO predica sobre CONCURSO, podendo ser traduzido como “o concurso é (próprio) dos surdos”, e em comparação, na frase seguinte, o predador PARA predica sobre LÍNGUA-DE-SINAIS, podendo ser traduzido no contexto como “a Libras é para (direcionada a) os surdos”. Embora o sentido do sinal PARA aqui seja também o de **finalidade**, parece haver uma nuance de “estar direcionado a” ou “estar voltado a” mais especificamente aqui.

Tabela 13 - Contextos da Glosagem

Sujeito		Predador	Objeto
EST@	CONCURSO	PRÓPRIO	SURD@
POSTER	LÍNGUA-DE-SINAIS	PARA	SURD@

A segunda frase que foge ao padrão de todas as demais é a frase 9. Nessa, o predador MUDAR parece exigir um objeto, CONCURSO, porém pela primeira vez em nossos dados vemos um objeto na Libras introduzido não de maneira direta, mas mediado pelo sinal PARA. Aqui, é como se o sinal PARA de fato estivesse funcionando, nos critérios de Neves (2000), “dentro do sistema de transitividade”, introduzindo o complemento do predador. Esse uso restrito poderia indicar possíveis caminhos de gramaticalização do sinal PARA na Libras, passando de usos em que o sinal tem uma semântica plena, introduzindo **finalidade** ou **receptor** de uma predicação, para um uso mais gramatical e com valor semântico mais esvaziado.

Uma última observação a ser feita a respeito das ocorrências de dados naturais é o contexto mais geral, tanto dos discursos em si quanto dos contextos socio-históricos em que eles se inserem, e como esse contexto está relacionado às questões de pesquisa. Primeiramente, ainda que estejamos abordando a temática da interferência do Português na Libras, é importante ficar claro que todos os vídeos em que o sinal PARA foi identificado revelam surdos com alto nível de proficiência na Libras. Entre os autores analisados, há surdos altamente engajados em atividades próprias da comunidade surda (filme 5), professores de nível acadêmico (filme 6) e de importantes instituições ligadas à educação de surdos (filme 3), filhos de família de surdos (filme 4 e 7), informação sabida porque os próprios autores assim declaram em algum momento de seus vídeos. Além disso, todos os discursos foram produzidos de surdos para surdos, em contextos de interação entre surdos ou de debates e notícias relevantes à comunidade. Assim, esteja ou não o sinal PARA associado à interferência do Português, é evidente que esse sinal hoje já faz parte do uso cotidiano da Libras por surdos proficientes, fato que se confirma também em nossa intuição pela experiência de diária de contato com pessoas surdas.


Em segundo lugar, em dois dos vídeos em que identificamos outras marcas de interferência do Português (filmes 1 e 2), o sinal PARA – assim como essas marcas – aparecem de forma recorrente nas frases iniciais do vídeo. Após esse início, os autores procedem com sua sinalização bastante fluente, sem registros marcados de interferência. Esse é um fato que pode ser irrelevante, mas ainda assim gostaríamos de chamar a atenção para ele. Sugerimos a hipótese de que o início das filmagens seja um ponto de maior *formalidade* do discurso e que essa formalidade possa motivar uma maior interferência do Português, justamente pelo fato de o Português estar mais associado aos contextos sociais onde registros formais são utilizados. Por exemplo, nossa intuição nos diz que o uso das saudações BO@ DIA, BO@ TARDE, BO@ NOITE, estão mais associadas a registros formais da Libras, como por exemplo aberturas de palestras e eventos acadêmicos.

Por último, uma observação em particular sobre o contexto do filme (7). Como já discutido de forma resumida, nesse filme há ocorrências de alternância de códigos, em que a autora soletra manualmente as palavras do Português “para” e “de” no contexto de EDUCAÇÃO BILÍNGUE P-A-R-A SURD@ ou EDUCAÇÃO BILÍNGUE D-E SURD@. Esse vídeo foi filmado precisamente para debater essa distinção no Português entre o uso dessas duas preposições,

como parte de uma reflexão da comunidade surda sobre a redação do Decreto 5626 e seu impacto na educação de surdos. No contexto dessa discussão, então, a autora produz mais tarde a frase que diz EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURD@, utilizando efetivamente o sinal PARA. Esse contexto mostra que, pelo menos no caso desse vídeo, a autora estava de fato associando diretamente o sinal PARA da Libras com a preposição “para” do Português.

Essa ocorrência é ilustrativa de como a interferência do Português na Libras pode acontecer. Tendo em vista que os surdos brasileiros vivem em meio a um país que possui o Português como língua oficial, são inúmeras as situações em que os surdos se vêem na necessidade de discutir palavras do Português por meio da Libras, momento em que alguns sinais podem passar a ser associados a essas palavras. Embora aqui não se tratasse de um contexto institucional de educação, mas sim um debate político entre militantes, essa é uma situação bastante similar àquela que a autora viu com seus próprios olhos na escola, quando a necessidade de discutir o Português como L2 junto aos alunos surdos promovia uma proliferação de sinais vinculados às palavras do Português.

Encerrando a discussão dos dados, cabe ainda comparar os dados naturais com as informações das compilações de sinais e dicionários, para verificar como as observações convergem ou divergem do sinal PARA documentado nessas obras. A entrada do sinal “Para” na obra *Iconographia*, considerando a influência da abordagem dos sinais metódicos de L’Epée, sugere que o sinal “Para” foi introduzido pelos educadores para suprir a função da preposição “para” do Português. A forma do sinal documentado na *Iconographia* favorece a hipótese da origem desse sinal como um empréstimo da língua oral: o sinal é formalmente idêntico ao sinal PARA que estamos agora estudando, com a diferença apenas da configuração de mão. Contudo, sabemos pela experiência e proficiência na Libras que uma forma comum de interferência dos ouvintes na Libras é por meio da chamada inicialização, isto é, o uso da configuração de mão relativa à primeira letra da palavra supostamente equivalente ao sinal na língua oral. Assim,

a configuração de mão em , que aparece na *Iconographia*, pode ter sofrido uma mudança histórica para a configuração de mão em P, pelo fato da associação desse sinal com a palavra “para”, do Português. Embora a obra *Iconographia* não traga informações que nos permitam analisar a semântica desse sinal, o contexto sócio-histórico de produção da obra e as características formais do sinal sugerem que o sinal PARA

seja de fato um empréstimo do Português, um produto direto da interferência dos ouvintes, em particular no ambiente da educação, sobre a língua dos surdos.

Em relação à Oates (1983), a maioria das acepções parece fugir de forma significativa dos dados aqui documentados e analisados. Com exceção de “a fim de que”, que expressa finalidade e poderia ser uma tradução em Português adequada para diversas frases analisadas nesta pesquisa (principalmente aquelas em que o sinal PARA é sucedido por um predador), as acepções “em razão de, pelo motivo de, por (...), porque (...)” como designativos de “causa” parecem não se refletir nos dados naturais que analisamos. Embora isso possa ser apenas uma limitação dos dados, nossa intuição sugere que de fato essa acepção não esteja relacionada aos usos que o sinal PARA tem na Libras.

Em relação às obras de Capovilla et al (2001), a observação de que o sinal PARA é “difícilmente usado” na Libras pode ser também uma evidência de que o sinal é um empréstimo do Português e que, a Libras não necessitando de preposições em sua gramática, teria uma ocorrência bastante restrita. Essa observação seria compatível com algumas observações feitas aqui: primeiro, a observação de que as saudações e cumprimentos, como nas frases 1, 4 e 5, são em geral feitos sem o sinal PARA, o uso desse sinal sendo bastante marcado nesses contextos; segundo, a observação de que, mesmo identificando alguma produtividade do sinal PARA nas ocorrências da Libras, ainda assim os contextos estão basicamente restritos à introdução de receptores de uma predicação, e de forma altamente recorrente quando os receptores são surdos. Isso mostra que a produtividade desse item pode não ser tão grande quanto parece, o que nos permitiria questionar em que medida é possível dizer que a Libras possui a categoria preposição, quando consideramos esse sinal PARA. Assim, mesmo identificando a função de preposição em algumas ocorrências do sinal PARA, seria muito apressado afirmar a partir disso que a Libras utiliza preposições produtivamente em sua gramática.

Em relação à acepção, Capovilla et al (2001) descreve a acepção da preposição “para” do Português, como sendo “em direção a”, e o exemplo “Vou para o litoral neste fim de semana”, afirmando que esse exemplo é condizente tanto com usos da Libras quanto do Português. Entretanto, os dados da Libras mostram que essa acepção está um pouco distante do uso convencional dos surdos, pelo menos nos dados que analisamos. Em nenhuma das ocorrências identificamos o uso do sinal para com a acepção de mostrar a direção física de alguma coisa, tal como na frase exemplificada no dicionário, embora a noção de **receptor**

e **finalidade** encontrada com regularidade esteja de certa forma relacionada com “em direção a”, num sentido mais abstrato.

Por último, o dicionário da Língua Brasileira de Sinais/Libras (2005) apresenta dados também sugestivos. Na entrada PARA, a aceção “com qual finalidade?” mostra-se compatível com grande parte dos dados analisados, exceto o fato de que encontramos o sinal PARA no contexto de afirmativas, não de interrogativas, como a aceção do sinal sugere. A frase exemplificada no dicionário, ESTUDAR muito PARA FUTURO EMPREGO é compatível com várias das ocorrências aqui analisadas, em que o sinal PARA sucede introduz a finalidade de alguma predicação, como ESTUDAR. Assim, os nossos dados parecem trazer evidências empíricas para categorizar esse sinal como “preposição”, mas talvez uma informação similar à de Capovilla e colegas, de que esse sinal apresenta um uso restrito a alguns contextos específicos da Libras deva ser necessário – desde que isso se verifique efetivamente num corpus mais amplo.

Sobre os sinais PARA e SOBRE-3 serem ou não o mesmo sinal, considerando que ambos possuem exatamente a mesma forma no dicionário, os dados naturais aqui analisados parecem indicar que os sinais sejam de fato distintos, pois não conseguimos encontrar um uso que reflita as aceções “a respeito de”, “com referência a”, “acerca de”, como indicado na aceção do sinal SOBRE-3. Mas essa reflexão pode também ser efeito da limitação dos dados, e um corpus mais amplo necessitaria ser analisado para poder afirmar se seriam dois sinais homônimos ou se na verdade se trata de um único sinal polissêmico.

Em suma, poderíamos sintetizar as principais características dos contextos de uso do sinal PARA da seguinte maneira: após uma predicação completa, o sinal PARA é utilizado para introduzir algum referente pessoal que funciona como **receptor** dessa predicação (ex. EXPLICAR PARA VOCÊS), ou para introduzir uma segunda predicação que funciona como **finalidade** da primeira (ex. PROCURAR INFORMAÇÃO PARA AJUDAR SURD@). Os receptores em questão são regularmente preenchidos por sinais dêiticos (ex. TOD@S-VOCÊS), nomes próprios (ex. JOÃO) ou pelo sinal SURD@, um altamente sinal recorrente no contexto de ocorrências do sinal PARA. Embora o sinal PARA apresente características de *preposição*, de acordo com os critérios de Neves, a produtividade desse sinal parece ser restrita a alguns contextos morfossintáticos, em particular quando dizem respeito a pessoas surdas, podendo também estar associado a outros fatores sociais tais como nível de formalidade do discurso.

4.5 CONCLUSÃO

Este capítulo envolveu a análise descritiva, qualitativa, comparativa e crítica de dados relativos ao sinal PARA da Libras. Foram analisados tanto dados públicos e espontâneos (14 frases distribuídas em 7 filmes), quanto dados documentados em compilações de sinais e dicionários (4 obras de importância histórica). Devido à orientação funcionalista deste estudo, os dados públicos e espontâneos foram priorizados como ponto de referência para a análise global, porque entendemos que a gramática da língua emerge a partir do uso social da língua. Assim o uso espontâneo deve ser a principal fonte de dados do linguista. Porém, em muitos momentos também precisamos recorrer à intuição da pesquisadora e do orientador sobre a Libras, porque pesquisas com língua de sinais são recentes e ainda falta bastante conhecimento sobre o discurso em Libras.

A análise dos dados públicos e espontâneos mostrou que o sinal PARA pode ser sim categorizado como uma preposição da Libras. Das 14 ocorrências, 13 envolvem frases em que o sinal PARA introduz uma construção adjunta em relação a algum elemento predador, introduzindo um **receptor** ou **finalidade** dessa predicação. Assim, essas 13 ocorrências permitiriam classificar o sinal PARA, nos critérios de Neves (2000), como preposições não introdutórias de argumentos, que estabelecem uma relação semântica entre duas construções.

Apenas uma ocorrência poderia ser classificada como uma preposição introdutória de argumento, em que o sinal PARA se esvazia de sentido e ganha mais características gramaticais, o que pode indicar possíveis caminhos de gramaticalização desse sinal na Libras.²¹

Nos termos em que a gramática normativa trata das preposições, podemos fazer outros apontamentos. O sinal PARA, da Libras, não pode ser considerado, como os gramáticos dizem, uma palavra gramatical, pois quase sempre o sinal tem uma clara carga semântica de finalidade ou receptor. Porém, o sinal PARA atende a vários outros critérios que esses gramáticos apontam: é um *sinal invariável*, sendo realizado sempre para a frente no espaço neutro; estabelece uma *relação de subordinação* entre a frase que o sinal PARA constitui e a predicação anterior; e também apresenta produtividade, pois percebemos que as predicações que antecedem ou sucedem o sinal PARA podem ser

²¹ Lembrando que a descrição gramatical que Neves (2000) faz da preposição “para” no Português difere da descrição do sinal PARA da Libras e que estamos apenas adotando os critérios da autora para classificação do sinal na Libras.

diversas. Entretanto, essa produtividade do sinal PARA na Libras parece ser muito menos produtiva do que a do sinal “para” (e outras preposições) no Português. Na Libras, o sinal PARA aparece em contextos que tratam exclusivamente de circunstância de finalidade ou receptor da predicação, e o mais curioso, o receptor tende a referir-se ao público surdo, inclusive com o sinal SURD@ aparecendo explicitamente em 7 das 13 ocorrências. Assim, embora produtivo, o sinal PARA opera num contexto discursivo bastante restrito na Libras. Esse tipo de produtividade restrita por itens lexicais aponta para a maior adequação de visões de gramática baseada no uso, como nas várias abordagens da linguística funcionalista e da linguística cognitiva, do que de visões de gramáticas com abordagens formalistas, como o estruturalismo e o gerativismo (Tomasello, 2005).

Sobre a hipótese do sinal PARA ser um empréstimo do Português, os dados aqui coletados não permitem concluir isso. Há evidências para essa hipótese, tal como o discurso em que a autora surda faz uma alternância de códigos, soletrando manualmente a palavra “para” do Português, e em seguida substitui essa alternância pelo sinal PARA, sugerindo que o sinal está vinculado – ou é convencionalmente associado – à palavra “para” do Português. Além disso, houve ocorrências em que o uso do sinal PARA era opcional – em saudações e cumprimentos – mas os surdos ainda assim usaram o sinal PARA, e nessas mesmas ocorrências havia outras marcas de interferência do Português na sinalização, o que pode indicar que esses surdos estavam tentando aproximar o registro em Libras do registro em Português, talvez por uma questão de maior formalidade da abertura do discurso em vídeo.

Os dados relacionados ao sinal PARA documentados em compilações de sinais e dicionários mostraram que, no processo de documentação, a interferência do Português na Libras tem sido muito grande. Ainda carecemos de um dicionário da Libras que utilize apenas a Libras, seja para descrever o sinal, seja para mostrar a sua acepção, seja para dar exemplos em Libras dos usos dos sinais, sem apoio do Português escrito. Tendo que recorrer ao Português para documentar as obras, mostramos que esses documentos dificultam a nossa possibilidade de analisar a Libras de forma independente, podendo gerar muitos entendimentos equivocados sobre a gramática e a semântica dos sinais da Libras.

A principal contribuição dessa pesquisa, ao nosso ver, é a proposta de linha de análise mostrada aqui: primeiro, privilegiando dados públicos e espontâneos; segundo, analisando o processo de

documentação dos sinais em obras de forma crítica, buscando identificar possíveis interferências do Português no processo; terceiro, mantendo em perspectiva os riscos de utilizar glosas para a transcrição dos sinais. Com essas estratégias metodológicas, pensamos que a pesquisa sobre a gramática das línguas de sinais pode ter melhores resultados. Se por um lado sabemos e aceitamos que a interferência do Português na Libras é inevitável na vida dos surdos, na pesquisa científica não podemos aceitar que essa interferência aconteça e prejudique a nossa compreensão da Libras. Assim, estamos buscando um caminho de pesquisa em que as línguas de sinais possam ser compreendidas por si próprias, sem a imposição do conhecimento da língua oral sobre as línguas de sinais, uma necessidade que pesquisadores de línguas de sinais colocam desde muito tempo. (BAKER E PADDEN, 1979). Esperamos com esse trabalho ter contribuído nessa direção.

5 ÚLTIMAS QUESTÕES

A presente pesquisa foi realizada com o objetivo de esclarecer dúvidas sobre as preposições na Libras, e assim, construir o conhecimento sobre a gramática e as possibilidades de estudo e pesquisa gramatical em Libras e outras línguas de sinais. Inicialmente, a proposta era ampla demais, pois pensávamos em explorar dados relativos a muitos sinais. Mas ao perceber que a análise iria exigir muito em termos de reflexão e cuidados metodológicos, decidimos focalizar apenas no sinal glosado aqui como PARA, seguindo a glosa convencionada na maioria das compilações de sinais e dicionários de referência na Libras.

Os dados analisados foram limitados pela dificuldade de se encontrar ocorrências espontâneas envolvendo esse sinal, pois ainda não possuímos um corpus constituído da Libras em uso. Porém, consideramos que conseguimos responder positivamente ao primeiro objetivo da pesquisa, que era o de constituir uma base de dados da Libras envolvendo discursos espontâneos em que o sinal PARA apareça. Foram coletados 7 filmes, envolvendo 14 ocorrências do sinal PARA.

Justificamos que essa amostra não foi maior porque a pesquisadora dedicou muito tempo coletando vídeos de inúmeros outros sinais, como relatado e ilustrado no capítulo de metodologia. O fato desta pesquisa ter sido afinada e focado apenas a preposição PARA não só permitiu maior e melhor entendimento acerca da função gramatical deste sinal, mas também abriu um leque de possibilidades de estudos futuros, que possam se voltar para as demais supostas preposições. Se desde o início tivéssemos já feito o recorte do sinal PARA, a base de dados desta pesquisa seria certamente maior, mas também não haveria tantos dados a serem explorados futuramente.

Ao mesmo tempo, ficamos muito satisfeitos com os 7 filmes e as 14 ocorrências, pois, até onde sabemos, é a primeira vez que uma pesquisa com a Libras faz uma análise gramatical baseada em dados espontâneos, o que é um avanço na pesquisa gramatical da Libras que assume que a gramática emerge a partir do uso (LEITE E MCCLEARY, 2013). Além disso, como discutiremos mais abaixo, essas 14 ocorrências permitiram identificar claras regularidades e padrões de uso do sinal PARA por surdos fluentes em Libras.

Conseguimos também responder ao objetivo de pesquisa de compararmos esses dados espontâneos com os dados do sinal PARA documentados em compilações de sinais e dicionários da Libras. Nessas obras, nota-se a necessidade iminente de recorrer ao Português para exemplificar o uso dos sinais, em diferentes níveis (acepção, exemplos,

organização das entradas, etc.). Esta carência de independência linguística no processo de documentação aumenta as dúvidas sobre o nível de interferência do Português na Libras no surgimento da preposição PARA. Assim, nossa metodologia de análise permitiu avaliar criticamente essas obras documentais, mostrando os seus pontos fortes (por exemplo, o pioneirismo do registro e descrição da Libras, que possibilitam colocar hipóteses sobre o desenvolvimento histórico de sinais, tal como o sinal PARA) e pontos fracos de documentação (por exemplo, a dependência e interferência do Português no processo de documentação, que favorece a confusão entre a descrição gramatical e semântica do Português e da Libras).

Essas questões são importantes, pois demonstram a necessidade urgente de criações de dicionários e outros materiais de Libras que não necessitem recorrer ao Português, sendo assim mais fiéis à língua, a fim de que estudos se tornem mais fidedignos e promotores de conhecimento da Libras para os estudiosos e toda comunidade surda. Assim, essa pesquisa pode servir para que futuras obras de documentação evitem os pontos fracos dessas obras históricas, aprimorando mais a descrição da Libras com o uso de novas tecnologias, sem dependência do Português. Além disso, que maravilhoso seria se as obras pudessem se basear em dados espontâneos, como por exemplo, os dados do *YouTube* coletados nesta pesquisa. Isso daria muito mais fundamento empírico para a documentação da Libras, aproximando as obras da realidade da vida dos surdos.

Respondendo a outro objetivo da pesquisa, que envolve a descrição dos contextos morfossintáticos do sinal PARA na Libras, também ficamos felizes com os resultados. A base de dados de 7 filmes e 14 ocorrências foi pequena, porém mesmo assim mostrou regularidades bastante claras dos contextos de uso desse sinal. Concluímos *a partir dessa base de dados* que o sinal PARA poderia ser classificado como uma preposição na Libras, baseado nos termos que Neves (2000) define para as *preposições não introdutórias de argumentos*, que estabelecem uma relação semântica entre duas construções. O sinal PARA na Libras parece ser um *sinal invariável* morfologicamente, usado basicamente para indicar a **finalidade** de uma certa predicação. Além disso, essa finalidade tende a estar fortemente restrita a um certo **receptor** da predicação e, o que é ainda mais curioso, esse receptor está fortemente restrito ao item lexical SURD@, como referência aos “surdos” enquanto grupo social genérico.

Sintaticamente, o sinal PARA em alguns casos estabelece a relação de subordinação entre uma predicação e um elemento nominal que se refere a algum receptor (muitas vezes “surdos”), e em outros casos estabelece uma relação entre duas predicções, a segunda sendo uma finalidade da primeira. Apenas em uma das ocorrências o sinal PARA parece ter sido usado como uma palavra gramatical esvaziada de sentido que apenas serviu para ligar um verbo transitivo a um objeto, como a categoria das *preposições introdutórias de argumentos* que Neves (2000) descreve no Português. Quando consideramos esse uso atípico (1 entre 14 ocorrências) com base em nossa intuição sobre os usos do sinal PARA, poderíamos até dizer que esse uso foi na verdade um lapso do autor surdo, mas por outro lado nada impede que um acaso seja um primeiro disparo de mudanças gramaticais na língua. É interessante também observar que, de acordo com a descrição de Neves (2000), no Português a preposição “para” opera “dentro do sistema de transitividade” com grande regularidade e produtividade, indicando, portanto, uma diferença gramatical clara entre a preposição “para” do Português e o sinal PARA da Libras.

Vale ressaltar também que, segundo a gramática normativa, haveria a dificuldade de categorizar este sinal PARA, em absoluto, como preposição, pois este sinal possui clara carga semântica na Libras, o que não combina com o estatuto de preposição como palavra gramatical. Além disso, em algumas produções o sinal parece estar ligado a uma necessidade de formalidade, e/ou aproximação com o Português, parecendo ser opcional em alguns contextos, podendo não caracterizar a fala mais cotidiana de um indivíduo surdo falante da Libras.

Ao compararmos o sinal PARA da Libras e a palavra “para” do Português, percebemos que a semelhança entre eles é clara, porém muito limitada, pois a Libras apenas usa o sinal PARA na função de **receptor** ou **finalidade**. Descrevendo o Português, Neves (2000) mostra que as funções de uso da palavra “para” no Português, diferente da Libras, são inúmeras. Assim, enquanto a *produtividade gramatical* da categoria preposição e da palavra “para” no Português é muito grande, ao contrário, *na Libras essa produtividade se mostrou bastante limitada*. A produtividade é limitada não só a alguns contextos sintáticos (envolvendo *apenas* relações de finalidade e receptor) mas também limitada em grande parte a itens lexicais específicos, como o sinal SURD@. Além disso, em Português a preposição é sempre parte obrigatória da gramática, enquanto na Libras o uso do sinal PARA *parece ser opcional*, pelo menos em alguns contextos. Em último lugar,

a Libras não parece utilizar sistematicamente preposições mais gramaticalizadas, que introduzem argumentos de verbos e são esvaziadas de sentido. Por todos esses motivos, fica claro que a palavra “para” do Português pode até exercer alguma influência sobre o uso do sinal PARA da Libras, porém as diferenças gramaticais e semânticas em contextos de uso são grandes.

Gostaríamos de fechar essas considerações finais abordando brevemente nesta conclusão três questões mais amplas que nossa pesquisa levantou. Primeiro, esta pesquisa permite qual tipo de conclusão sobre a origem do sinal PARA? Lembramos que a pesquisadora iniciou a pesquisa com a hipótese de que o sinal PARA é um empréstimo do Português. Vamos então discutir aqui duas hipóteses relacionadas à origem do sinal PARA que podem ser derivadas de nossa análise de dados, e anunciar uma terceira hipótese que pode ser futuramente investigada.



Essa primeira questão geral vai trazer novamente em evidência um problema que foi apontado em inúmeros momentos da dissertação: o da prática de glosagem. Tendo em vista que esse é um problema central na qualidade das pesquisas sobre a gramática e semântica das línguas de sinais, vamos discutir esse problema aproveitando o contexto de discussão desta pesquisa, esperando que isso sirva como alerta para as pesquisas científicas sobre a Libras.

Terceiro, a análise dessa pesquisa permite concluir que a Libras possui a categoria gramatical das preposições? Na seção de metodologia, inclusive, a pesquisadora listou diversos outros sinais da Libras que são frequentemente glosados com palavras que são preposição no Português, como POR-CAUSA, SEM, COM, SOBRE, entre outras, e que acabaram não sendo estudados no estudo também por necessidade de recorte metodológico. Esses sinais foram coletados porque no início a pesquisadora também partia da hipótese de que eles seriam preposições, assim como PARA. Assim, há evidências de que a categoria gramatical das preposições está presente na Libras? Vamos então brevemente tecer algumas considerações sobre essa questão e, com essas três questões gerais, encerramos esse trabalho.

5.1 O SINAL PARA DA LIBRAS É UM EMPRÉSTIMO DO PORTUGUÊS?

Como afirmamos na conclusão da análise, os dados analisados trazem *indícios* de que o sinal PARA não é um sinal que emergiu da própria Libras, mas sim é um produto do contato linguístico com outras línguas. A nossa análise de dados – tanto os dados espontâneos quanto os dados documentais – permite levantar duas hipóteses sobre a origem desse sinal: primeiro, ela teria se originado dos *sinais metódicos* criados na educação de surdos na França, ou na antiga língua de sinais francesa falada na época do Abade de L'Epée; segundo, ela teria se originado do contato linguístico com o Português. Nesta seção, vamos discutir brevemente as duas hipóteses e em seguida vamos indicar uma terceira hipótese que nos ocorreu no desenvolvimento desta pesquisa, de que o sinal PARA não é um empréstimo, mas sim um sinal que tem origem no sistema linguístico da Libras relativo a sinais que indicam posse ou pertencimento. Não pudemos trabalhar essa hipótese nesta pesquisa por necessidade de recorte metodológico, mas vamos apenas anunciar uma possível linha de investigação desta hipótese aqui.

Hipótese 1. Ao observar a forma do sinal PARA na obra *Iconographia*, o primeiro documento histórico da Libras, percebemos que esse sinal tem a forma idêntica à do sinal PARA de hoje, com a única diferença da configuração de mão. Considerando que essa obra foi produzida numa época em que os sinais metódicos de L'Epée (isto é, o uso da língua de sinais francesa modificada por L'Epée, que inventou sinais para palavras gramaticais do francês, por acreditar que a língua de sinais francesa carecia de gramática e era incompleta), podemos levantar a hipótese de que esse sinal entrou na Libras já nessa época remota.

A diferença da configuração de mão atual,  em relação à configuração de mão apresentada na *Iconographia*, em , poderia ser assim explicada: parece ser comum na história da Libras, como analisa Diniz (2011) em sua análise crítica da obra *Linguagem das mãos*, de Oates, que pessoas interfiram nos sinais da Libras por meio do processo de *inicialização* (Brito, 1995): adotar uma configuração de mão para o sinal que envolva uma letra do alfabeto manual correspondente à primeira letra de uma palavra supostamente equivalente do sinal no Português.

Podemos ilustrar esse processo com um exemplo de uma história que circula na comunidade surda sobre o sinal de PROFESSOR. Inicialmente, alguns surdos dizem, o sinal para se referir a “professor”


envolvia uma configuração de mão em , se assemelhando em seus parâmetros formacionais e na sua morfologia com o sinal MANDAR, como mostra a figura 90 abaixo. Pelo movimento alternado para os lados, iconicamente, é como se o “professor” fosse aquele que “dá ordens” aos alunos, uma interpretação plausível inclusive quando pensamos na visão de educação típica da era moderna de herança europeia (figuras 91 e 92).

Figura 90 – MANDAR

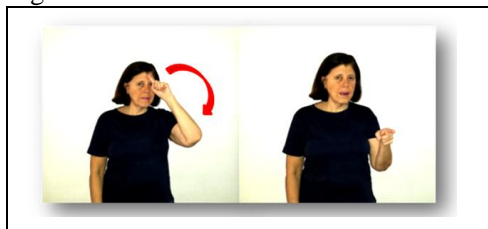


Figura 91 – PROFESSOR (2) - (antigo)



Em algum momento da história, por interferência do Português, essa configuração de mão foi mudada para a configuração de mão em



pelo fato de esse sinal ser constantemente associado à primeira letra da palavra do Português tida como correspondente, no caso “Professor”, como podemos ver na figura 94 abaixo. Esse fenômeno, que ainda carece de mais investigações, é abundante na Libras, por exemplo, quando se comparam variedades da Libras faladas em Santa Catarina (com maior influência de inicialização) e do Rio de Janeiro e São Paulo (que têm menor influência de inicialização).

Figura 92 – PROFESSOR (1) – (atual)



Assim, existe a hipótese de que a origem do sinal PARA é tão antiga quanto o início da educação formal de surdos na França por L'Epée, e fica a pergunta se o sinal PARA que aparece na obra *Iconographia* teria sido mesmo inventado pelos educadores franceses – já que a obra brasileira de Flausino da Gama é uma reprodução exata da obra francesa de Pelisiér, como relata Campello (2011) – ou se o sinal já existia na língua de sinais francesa antiga, previamente às interferências do Abade de L'Epée.

Nesse caso, o abade e/ou outros educadores podem apenas ter considerado uma palavra equivalente ao “para” no francês como uma glosa adequada aos contextos de uso desse sinal. Seja como for, dentro dessa primeira hipótese levantada na pesquisa, o sinal PARA não poderia ser considerado propriamente um empréstimo do Português: talvez tenha sido um empréstimo do francês, apenas replicado para o Português devido ao papel central dos educadores franceses na constituição do INES e da educação de surdos no Brasil. Ou até um empréstimo da antiga língua de sinais francesa, passando ao longo do tempo por uma contínua interferência do Português na forma do sinal – i.e. a inicialização – e nos usos do sinal, pela crescente associação do sinal com a palavra “para” do Português.

Hipótese 2. A segunda hipótese que emergiu da análise é a de que o sinal PARA teria emergido a partir do contato linguístico com o Português. Primeiro, essa hipótese surgiu da própria experiência social da pesquisadora, que percebeu o sinal circulando entre os surdos a partir do período da Comunicação Total. Em nossos dados, essa hipótese encontra suporte em um dos dados espontâneos da Libras que envolve uma situação sociolinguística típica de emergência de empréstimos. Nesse vídeo, uma autora surda bilíngue, com boa proficiência tanto no

Português quanto na Libras,²² envolvida em questões de liderança política na comunidade surda, discute a sua participação na criação do texto do Decreto 5.626. Ela então explica ao seu colega surdo a diferença, em Português, entre as expressões “educação bilíngue *para* surdos” e “educação bilíngue *de* surdos”, e porque a redação final do Decreto acabou *não* contemplando a expressão “educação bilíngue *para* surdos”.

Nesse vídeo, a autora inicia optando por introduzir essa expressão fazendo uma alternância de códigos, sinalizando EDUCAÇÃO BILÍNGUE P-A-R-A SURD@, introduzindo a palavra “para” do Português por meio de soletração manual (P-A-R-A). Ao longo do vídeo, ela substitui então essa soletração manual pelo sinal PARA, articulando também labialmente com clareza a palavra “para”. Fica evidente neste vídeo que ela está usando o sinal PARA de modo que seja interpretado exatamente como a preposição “para” do Português, o que é uma situação sociolinguística que poderia naturalmente gerar empréstimos; no caso de o sinal PARA ser originário da Libras, essa situação poderia favorecer a interferência das características gramaticais e semânticas da palavra “para” do Português sobre o sinal PARA da Libras. As duas possibilidades existem.

Entretanto, talvez o conceito de empréstimo para o sinal PARA não seja mesmo apropriado. Na verdade, os empréstimos típicos da língua oral nas línguas de sinais *sempre* envolvem reduções de soletrações manuais, tal como os sinais BAR, NUNCA, PAI, ALUN@ (variedade do Rio de Janeiro) dentre outros. No sinal PARA, não há nenhuma evidência formal de que esse sinal seja uma redução da soletração manual P-A-R-A, como acontece nos outros empréstimos de línguas orais pelas línguas de sinais. Por isso, embora seja praticamente inegável que o sinal PARA sofra interferência da palavra “para” do Português, por meio das inúmeras situações de contato linguístico, essa interferência não parece ser na forma de um *empréstimo* linguístico.

Hipótese 3. Aqui, a hipótese seria a de que o sinal PARA emergiu naturalmente do próprio sistema linguístico da Libras, e passou a ser cada vez mais associado com a palavra “para” do Português pela situação sociolinguística de contato linguístico, o que afetou os seus contextos típicos de uso. Assim, esse sinal teria a sua gramática e semântica própria na Libras, indo além do uso em contextos escritos de

²² Não fizemos um levantamento sociolinguístico com os falantes, mas já conhecemos a autora surda desse vídeo em nossa experiência na comunidade surda e por isso podemos afirmar isso.

“finalidade” ou “receptor” identificado nos dados desta pesquisa, porém devido a fatores diversos,²³ o uso desse sinal teria sido cada vez mais associado com a palavra “para” do Português, hipótese que é compatível com a conclusão apresentada sobre a hipótese 2 acima.

Essa hipótese surgiu quando percebemos que a forma do sinal PARA se assemelha com a forma de um sinal que poderia ser glosado como VOCÊ-QUE-SABE, como mostram os dados apresentados²⁴ na figura 95 abaixo. Nessas figuras, apesar da glosa diferente, observe inicialmente como a forma do sinal VOCÊ-QUE-SABE é idêntica à forma do sinal PARA.

Figura 93 - Sinal VOCÊ-QUE-SABE com forma idêntica à do sinal PARA.



²³ Entre esses fatores, podemos sugerir, por exemplo, a prática comum de usar o Português para registrar a Libras, como a prática de glosagem; as situações cotidianas de contato linguístico Libras-Português, como resultado dos surdos crescerem quase sempre em famílias de ouvintes; e a interferência equivocada e exagerada de ouvintes sobre a Libras, como na educação formal, entre outros.

²⁴ Devido à dificuldade de localizar ocorrências espontâneas desse sinal e à necessidade do recorte metodológico desta pesquisa, os dados do sinal VOCÊ-QUE-SABE apresentados abaixo foram produzidos de forma elicitada e não são produções espontâneas. A pesquisadora pediu que os surdos produzissem exemplos de contexto de uso do sinal VOCÊ-QUE-SABE, e os exemplos baseados na intuição desses surdos foram filmados para o propósito desta discussão. A metodologia de elicitación não foi elaborada com rigor, pois apenas queríamos indicar nesta pesquisa essa possibilidade de investigação. Porém, é importante registrar que, para elicitare adequadamente contextos de uso de sinais, não é adequado que o pesquisador solete manualmente qualquer coisa como o possível significado do sinal, pois é justamente a interferência do Português sobre a intuição dos surdos que queremos evitar. Assim, métodos de elicitación podem ser úteis para investigar questões gramaticais e semânticas da Libras, mas é necessário elaborar metodologias que evitem a interferência do Português, evitando o uso de glosas e de soletração manual por parte do pesquisador.



Tradução para o Português: “*Quer comprar aquela casa? Você que sabe. Quer mesmo? Ela é bem cara!*”

2ª ocorrência




Tradução para o português: “*Se quiser comprar, é barato e bom. Se não quiser comprar, você que sabe*”.

3ª ocorrência




Tradução para o português: “Ah, viajar para São Paulo! Nós dois juntos, não é possível. Estou cuidando de um parente doente. Mas você pode viajar, fique a vontade”.

Assim, uma terceira hipótese poderia ser investigada. A linha de investigação aqui envolve explorar *a estratégia metodológica de buscar sempre semelhanças formais entre sinais como meio de identificar a produtividade do sistema linguístico e gramatical próprio da Libras*, uma abordagem similar à que Costa (2011) faz em relação à

configuração de mão em  baseadas nas análises de Taub (2001) sobre a produtividade icônica da língua de sinais americana. Vamos brevemente indicar os rumos dessa investigação.

Quando analisamos as características formais do sinal VOCÊ-QUE-SABE, percebemos que esse é um sinal direcional. Compare as 3 ocorrências do sinal na **figura 93** acima. Em cada ocorrência, o sinal tem orientação e ponto de chegada diferentes, porque os autores surdos estão dialogando com pessoas (no caso, referentes imaginários no discurso) em relação a quem eles se orientam. Assim, se o interlocutor está à esquerda do sinalizador (1ª ocorrência), o sinal é direcionado à esquerda; se está à frente do sinalizador, representado pela câmera (2ª ocorrência), o sinal é direcionado à frente; e se está à direita do sinalizador (3ª ocorrência), o sinal é direcionado à direita. Em nossa análise do sinal PARA, vimos que ele apresenta um padrão idêntico a esse (discussão do filme (5) no capítulo 4). Assim, o sinal VOCÊ-QUE-SABE se assemelha ao sinal PARA também nesse aspecto, por ser um sinal direcionado no espaço de acordo com a localidade do referente que o sinal indica.

Avançando nesse raciocínio e utilizando a nossa intuição da Libras, percebemos que existe todo um conjunto de sinais da Libras que apresentam exatamente essa característica do sinal VOCÊ-QUE-SABE:

eles são produzidos com a configuração de mão em  e são direcionados no espaço de acordo com os referentes pessoais para quem eles apontam. Apenas o que varia são os pontos de articulação, sempre com uma clara motivação icônica. Alguns desses sinais são, em geral, referidos como “pronomes possessivos” da Libras (MEU, SEU, DELE), enquanto que outros não são (PRÓPRI@, EGOÍSTA). Não por acaso, todos esses sinais têm sentidos relacionados à noção de posse ou pertencimento, constituindo portanto uma possível rede morfológica/semântica de sinais.

Considerando a identidade formal do sinal PARA e do sinal VOCÊ-QUE-SABE, surge então a questão: seria o caso do *sinal PARA* e o *sinal VOCÊ-QUE-SABE* na verdade constituírem um único sinal *polissêmico*? Se sim, a origem semântica e gramatical do sinal estaria nessa noção de posse ou pertencimento e os usos que aqui identificamos de PARA seriam novas extensões semânticas do sinal. Por exemplo, observando os exemplos das figuras acima, sugerimos que o sinal VOCÊ-QUE-SABE possa ser traduzido por algo como: “Essa decisão pertence a você (ou à sua consciência)”. O ponto de articulação na cabeça metaforicamente evoca a cabeça como centro das decisões racionais que uma pessoa pode tomar. O direcionamento do sinal é feito para indicar o **receptor** da afirmação, aquele a quem a decisão pertence. Ao evocar a noção de **receptor**, podemos ver que há uma relação

semântica de extensão possível de ser feita com alguns usos do sinal PARA estudados aqui.

Do mesmo modo que no sistema morfológico do Português podemos perceber uma produtividade que permite relacionar palavras diversas, tais como *planta*, *plantar*, *plantação*, *plantado*, em contextos tão diversos (porém relacionados) como “Essa é uma *planta* de café”, “O arquiteto preparou a *planta* da casa”, “*Plantar* árvores é mais importante hoje do que nunca”, “Você já viu uma *plantação* de uva?”, “Ele sabe *plantar* bananeira”, “Ele ficou 2 horas *plantado* no ponto de ônibus”, etc, na Libras também podemos buscar similaridades de forma e sentido para identificar sistemas morfológicos produtivos. A iconicidade dos pontos de articulação, configuração de mão e movimento podem ser uma evidência a mais para esse tipo de análise.

Essa estratégia metodológica que Taub (2001) indica em seu trabalho, e que Costa (2011) buscou aplicar à configuração de mão em



na Libras, nos parece valiosa para identificarmos subsistemas gramaticais e semânticos produtivos da Libras, e como vimos, existe a possibilidade de o sinal PARA integrar um desses sistemas. Sem investigar essa hipótese, afirmar que o sinal PARA é originário do contato linguístico com o Português parece uma conclusão apressada.

5.2 O OBSTÁCULO DA PRÁTICA DE GLOSAGEM

Toda essa discussão sobre a origem do sinal PARA (ou VOCÊ-QUE-SABE) traz à tona o grave problema da prática de glosagem para a pesquisa científica da Libras. Se as glosas ainda são necessárias por um lado, já que para a publicação de pesquisas as instituições acadêmicas ainda nos colocam reféns da escrita, temos que tomar todos os cuidados para que essa prática distorça o mínimo possível a nossa percepção da Libras. Alguma distorção parece inevitável, mas ao menos podemos ter medidas para evitar impor arbitrariamente conhecimento do Português sobre a Libras.

Já vimos na discussão sobre os dados documentais no capítulo 4 que o sinal PARA, em um dos dicionários, é formalmente idêntico ao sinal SOBRE-3, apesar de diferenças de sentido. Naquele momento, questionamos: seriam dois sinais homônimos ou um único sinal polissêmico que recebeu duas glosas para nomeá-lo (equivocadamente)? Aqui então, surge novamente a questão: será que PARA e VOCÊ-QUE-

SABE são dois homônimos da Libras (isto é, dois sinais completamente diferentes em origem e em significado, mas que tem uma coincidência formal), ou será que estamos falando de um único sinal que apresenta uma polissemia, em alguns contextos podendo ser traduzido como “para”, em outros contextos como “você que sabe”, entre outras possibilidades?

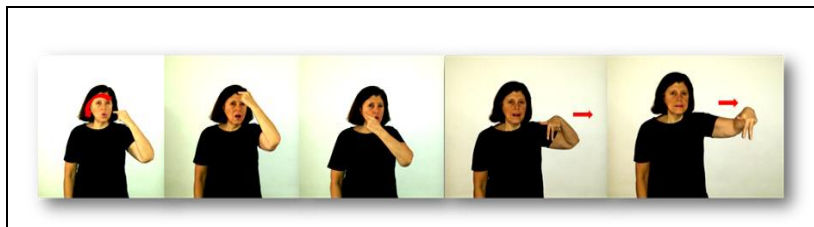
Começa a ficar evidente então que fazer uma análise gramatical da Libras sem uma padronização de glosas para os sinais é um grande obstáculo. Já vimos pela análise crítica das compilações de sinais e dicionários da Libras como o Português tem impossibilitado conclusões claras sobre a descrição gramatical e semântica da Libras. Neste ponto de conclusão, gostaríamos de apontar algumas visões equivocadas sobre a Libras que circulam em muitos trabalhos da área e que, em nosso entendimento, acontecem em grande parte devido ao uso de glosas para se referir à Libras.

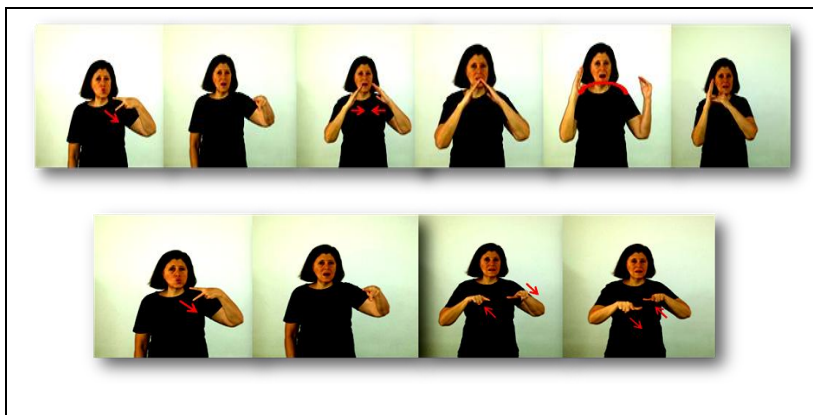
Abaixo foi reproduzido um trecho de um dos trabalhos que falam de preposição resenhados nesta pesquisa para ilustrar esse problema. Em sua obra sobre o ensino de Português para surdos, Salles et. al (2002) contrastam a gramática do Português e da Libras, afirmando que na Libras há uma situação “que é a *incorporação da preposição no próprio verbo, formando um único sinal* em Libras” (p. 172, grifos nossos). E afirmam que “essas *formações* acontecem sobretudo com verbos de movimento e com o meio de transporte em questão”.

Para exemplificar esse fenômeno, as autoras apresentam vários exemplos, alguns deles reproduzidos abaixo (p. 172, grifo dos autores) com o apoio de fotos dos sinais preparadas por nós para podermos discutir claramente esses dados:

(1) QUANT@-HORA IR-À-PÉ SE@ CASA ATÉ SE@ TRABALHO?

Figura 94 – QUANT@-HORA IR-À-PÉ SE@ CASA ATÉ SE@ TRABALHO?

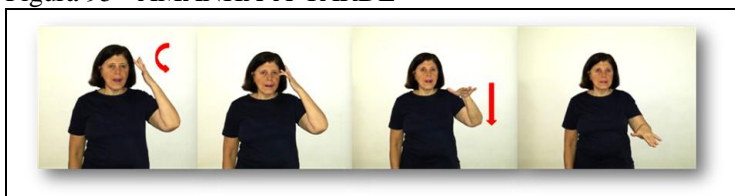




E concluindo com mais um exemplo das autoras, apresentamos o que elas chamam de “composições” que apresentam “as seguintes possibilidades estruturais”, indicadas por elas entre parênteses (p. 173, grifo dos autores):

(2) AMANHÃ À-TARDE (*preposição + nome*)

Figura 95 - AMANHÃ-À-TARDE



Essa reflexão sobre a gramática da Libras é equivocada porque confunde a estrutura da Libras com a estrutura do Português. A estrutura do Português está representada nas glosas, enquanto a estrutura da Libras está representada na sequência de fotos. Assim, na sentença (1), a análise das autoras de que existe uma “incorporação da preposição no próprio verbo, formando um único sinal” faz parecer que esse é um processo morfológico de incorporação da Libras, mas não há incorporação de nada na Libras. O sinal que poderia ser glosado como IR-A-PÉ na Libras é um item lexical simples, não composto, que poderia ser também glosado como CAMINHAR ou ANDAR. Afirmar que na Libras há um processo de “incorporação da preposição no verbo” neste caso é exatamente o mesmo que afirmar que, no Português, a

palavra “caminhar” envolve a incorporação da preposição no verbo, formando uma única palavra.

Da mesma maneira, no item 2, a estrutura do Português pode ser vista nas glosas, porém a estrutura da Libras pode ser vista nas imagens dos sinais. Em Português, sim, a expressão “à tarde” envolve a estrutura “preposição + nome”, porém em Libras o sinal que foi por elas glosado como À-TARDE é um item lexical simples, sem nenhuma incorporação de preposição. A propósito, na maioria dos trabalhos em Libras, o sinal em (1) costuma ser glosado simplesmente como CAMINHAR ou ANDAR, e o sinal em (2) como TARDE.

Fica muito claro aqui como a prática de glosagem é perigosa, ilustrando o receio de pesquisadores da área, desde a década de 70, de estarmos impondo estrutura gramatical da língua oral sobre as línguas de sinais (Baker e Padden, 1978). É fundamental que qualquer proposta sobre “incorporação” nas línguas de sinais seja baseada em evidência formal de que um morfema na Libras incorpora outro morfema independente da Libras, constituindo um único sinal, como Liddell (2003) mostra com clareza em suas análises de incorporação de numeral na língua de sinais americana.

A própria pesquisadora na introdução afirma ter explicado as preposições aos alunos surdos afirmando que, na Libras, as preposições podem se apresentar como “marcas visíveis” e “marcas não-visíveis”. Um exemplo de “marca não-visível” seria uma sentença como SE@ CASA, EU IR (“Eu vou na sua casa”), em que a preposição “na” seria uma “marca não-visível” na Libras. Na verdade, não há marca nenhuma da preposição “na” na Libras, nem visível, nem invisível. A Libras simplesmente não usa uma palavra gramatical invisível nesse contexto, nem tampouco “incorpora” a preposição no verbo. A Libras simplesmente possui um outro recurso gramatical, o uso do espaço, para suprir a função que no Português é desempenhada pela preposição. Assim, eu localizo o sinal CASA num determinado ponto do espaço, e depois eu direciono o sinal IR a esse ponto do espaço.

Felizmente hoje, por iniciativa da profa. Ronice Quadros, está sendo alimentado um banco de dados chamado de IDSinais, o *Identificador de Sinais*,²⁵ que tem justamente essa proposta: padronizar a nomeação dos sinais para que os corpora da Libras sejam consistentes e possamos fazer análises gramaticais amplas de cada sinal em múltiplos contextos de uso. Enquanto esse trabalho exemplar não se consolida, precisamos tomar todos os cuidados para as glosas não distorcerem

²⁵ O IDSinais pode ser acessado em: <http://idsinais.libras.ufsc.br/>

completamente a nossa compreensão da Libras. Assim, nessa pesquisa buscamos evitar ao máximo esse problema focalizando na análise dos dados com base nos vídeos e também em fotos dos sinais, e utilizando as glosas apenas como uma referência secundária dos dados.

5.3 A LIBRAS APRESENTA A CATEGORIA GRAMATICAL DAS PREPOSIÇÕES?

Uma das primeiras curiosidades da pesquisadora ao iniciar essa pesquisa era a questão: afinal de contas, a Libras possui ou não preposições? A maioria das pesquisas na área afirma que as línguas de sinais não possuem essa categoria, mas alguns trabalhos dizem que sim. O leitor poderia pensar que a nossa pesquisa favorece a visão que “sim”, de que a Libras possui preposições, mas é importante ter muito cuidado nessa generalização.


Como já foi discutido acima, quando contrastamos o sinal PARA na Libras com a preposição “para” do Português, as diferenças são marcantes. Vejamos agora uma síntese dessas diferenças:

Tabela 14 - Diferenças entre preposição na Libras e no Português.

Libras	Português
Preposição PARA não parece ser uma palavra gramatical e tem conteúdo semântico claro.	Preposições envolvem tanto palavras gramaticais quanto palavras com conteúdo semântico claro.
Contextos sintáticos da preposição PARA são altamente limitados, inclusive a itens lexicais específicos.	Contextos sintáticos das preposições parecem altamente produtivos e ilimitados.
Processo de gramaticalização da preposição PARA é improvável.	Há um contínuo processo de gramaticalização de palavras de conteúdo em preposições gramaticais.
Uso do sinal PARA parece ser opcional em contextos diversos.	Uso gramatical de preposições é obrigatório.

Assim, considerando que o sinal PARA da Libras tem um conteúdo semântico claro, é utilizado com a função relacional de estabelecer uma subordinação em contextos sintáticos muito restritos, não parece estar passando por um processo de gramaticalização, e o que é mais importante, parece ser opcional em contextos diversos, essa pesquisa é insuficiente para afirmar que a categoria gramatical das preposições faz parte da gramática da Libras. Mais plausível parece ser a hipótese de que um item lexical semanticamente pleno começou a ser usado com uma função relacional devido ao alto nível de interferência do Português na vida dos surdos.

Os vários sinais listados no capítulo de metodologia foram considerados pela pesquisadora como possíveis candidatos a preposições na Libras. Aqueles que forem investigar esse tema poderão ver que esses sinais não revelam as mesmas questões aqui colocadas. Em primeiro lugar, o pesquisador precisa se perguntar se não está atribuindo a categoria “preposição” a esses sinais apenas por causa de sua glosa. Por exemplo, o sinal que foi incluído com a glosa SEM naquela lista, também é frequentemente glosado como NADA; o sinal incluído com a glosa SOBRE também é frequentemente glosado como PROBLEMA. Em segundo lugar, muitos sinais parecem integrar subsistemas morfológicos e semânticos produtivos na Libras. Por exemplo, os sinais ATÉ-AGORA e ATÉ parecem compor uma classe de

sinais que envolvem a configuração de mão em  e expressam nuances temporais, tais como HOJE, JÁ, PERÍODO, PASSADO, FUTURO-PRÓXIMO, cuja iconicidade reflete a noção de que o espaço (dividido em partes) é uma metáfora comum do tempo. Assim, essa pesquisa favorece principalmente a proposta de que os pesquisadores tenham muita cautela metodológica antes de partir para conclusões apressadas sobre a análise gramatical da Libras.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa requereu grande dedicação e o debruçar sobre as questões que a cercam. Como em muitas outras pesquisas, foram encontradas dificuldades e limitações para sua execução. Uma delas foi a falta de dados naturais publicados como corpus de pesquisa de surdos, o que nos fez recorrer as publicações públicas na internet, acarretando a preocupação com a falta de autorização das imagens e nos aumentou o trabalho por exigir regravações dos trechos analisados. Além disso, a falta de contato com os autores dos vídeos não nos possibilitou levantar informações sociolinguísticas a seu respeito, o que seria importante para o levantamento de hipóteses sobre o porquê dos usos do sinal PARA.

Em termos de análise, uma limitação do estudo que poderia ser remediada com um estudo posterior seria comparar os contextos frasais identificados com o sinal PARA com contextos frasais similares, em que o sinal PARA não aparece.

Se, como foi proposto, o uso do sinal PARA parece ser opcional em alguns contextos, isso precisaria ser demonstrado comparando-se com contextos funcionais contendo o sinal e outros sem a sua presença.

Já que a academia ainda não nos permite concluir esse trabalho com “sinais finais”, somos obrigados a concluir com “palavras finais”. Lamentamos isso e esperamos contribuir para mudar esse quadro futuramente, seguindo a direção de propostas inovadoras e corajosas, tais como a criação do canal de publicação acadêmica em vídeo pelo professor surdo Rodrigo Rosso Marques: a *Revista Brasileira de Video Registro em Libras*.²⁶ Embora essa pesquisa aborde a gramática da Libras, fomos obrigados a falar do Português a todo momento e isso aconteceu em grande medida por estarmos reféns da escrita.

Essa dependência da Libras em relação ao Português na vida acadêmica não reflete a verdade dos fatos: a independência gramatical da Libras enquanto língua, já referendada na legislação brasileira (Lei de Libras, 10.437) e em 5 décadas de pesquisa acadêmica com línguas de sinais em países de todos os 5 continentes. De fato, a experiência pessoal da orientanda e do orientador no desenvolvimento deste trabalho mostrou que a pesquisa contribui não apenas para perceber a interferência do Português na Libras pela situação sociolinguística de contato linguístico, mas a interferência do Português na Libras na

²⁶ A revista pode ser acessada em:
<http://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br/>

prática acadêmica, ou talvez até deveríamos dizer a interferência dos ouvintes na vida dos surdos, pois apesar dos avanços da inclusão, a academia ainda está muito distante – e as vezes parece também sem disposição – de oferecer aos surdos igualdade de condições para pesquisar a sua própria língua em igualdade de condições com os colegas ouvintes.

Os acadêmicos surdos ainda hoje são colocados em situação de grande desvantagem em relação aos seus colegas ouvintes durante a sua formação na graduação e em pós-graduação, tendo que assistir aulas com o filtro de intérpretes; com professores que em geral desconhecem totalmente a Libras e os surdos; estudando uma literatura existente quase que exclusivamente em Português, sua segunda língua; estudando disciplinas que abordam a gramática do Português e não contribuem para o desenvolvimento de seus trabalhos; sendo obrigados a escrever suas publicações em Português, sua segunda língua; dentre outras situações. Talvez não seja possível mudar isso tudo do dia para a noite, mas muitas dessas situações poderiam sim ser mudadas, se houvesse sensibilidade por parte dos gestores acadêmicos para tal.

Toda essa busca por entendimento da Libras mostrou que ainda há um longo caminho a ser percorrido até que toda a língua seja compreendida, e suas possibilidades sejam divulgadas para a comunidade surda. O estudo das preposições é ainda mais complexo do que eu poderia imaginar, e mergulhar neste universo me permitiu um grande aprendizado, além de ter aumentado exponencialmente minha sede de conhecimento. Desta forma fica claro que há urgência para que a comunidade surda se torne vanguarda no estudo de sua língua, para que as interferências do Português sejam minimizadas e mais descobertas a respeito da Libras e sua gramática sejam feitas.

Há necessidade de separar definitivamente os estudos da Libras com comparações obrigatórias das regras gramaticais do Português e de línguas orais, pois trata-se de línguas diferentes com características diferentes. É necessário valorizar a língua de sinais e suas produções, percebê-la como fonte rica e inesgotável de conhecimento, buscando igualdade de respeito e atenção frente à sociedade ouvinte, e desta forma conquistando espaço e representatividade para a comunidade surda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, W. M. Tese de Doutorado em Engenharia de Computação: **Sistema de transcrição da língua brasileira de sinais voltados à produção de conteúdo sinalizado por avatares 3D**. Universidade Estadual de Campinas, 2012.

ANDERSEN, R. (Ed.). **Pidginization and Creolization as Language Acquisition**. Rowley, Mass: Newbury House Pub, 1983.

AZAMBUJA, G. L.; FELIPE, T. A. **Dicionário da Língua Brasileira de Sinais – Libras**. INES Acessibilidade Brasil, Rio de Janeiro, versão 2.1, web 2008.

AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 2ª Ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BAGNO, M. **O Preconceito Linguístico – O que é, como se faz**. São Paulo, 49ª Edição, Edições Loyola, 2013.

BAKER, C. **Eye-openers in ASL**. Sixth California linguistics association conference, 1976, San Diego. In: S. Hufwene, C. Walker & S. Streeven (Eds.) Papers from the 12 th Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society. Chicago, Illinois, 1976.

BAKER C.; PADDEN C. **Focusing on the non-manual components of American Sign Language**. In: P. Siple (Ed.) Understanding Language Through Sign Language Research, New York: Academic Press, 27-57. 1978.

BATTISON, R. **Phonological deletion in American Sign Language**. Sign Language Studies, v. 5, p. 1-19, 1974.

BATTISON, R. **Lexical borrowing in American Sign Language**. Silver Spring, MD.: Linstok Press, 1978.

BECHARA, E. **Curso Moderno de Português**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, v. 2. 1969.

BERNARDINO, E. L. **Absurdo ou lógica? A produção linguística dos surdos**. Belo Horizonte. Editora Profetizando Vida, p. 148, 2000.

BICKERTON, D. **Pidginization and creolization: Language acquisition and language universals**. In: A. Vadman (Ed.), *Pidgin and creole linguistics*, 49-69. Bloomington: Indiana University Press, 1997.

BICKERTON, D. **Roots of Language**. Ann Arbor: Karoma, 1981.

BRASIL, **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Secretaria de Educação Especial – MEC/SEESP, Brasília: 2007.

CAMPELLO, A. R. S. **A Constituição Histórica da Língua de Sinais Brasileira: Século XVIII a XXI**. Revista Mundo & Letras, José Bonifácio, SP, v.2, julho, 2011.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais Brasileira**. São Paulo: Edusp, Vols. I e II, 2001.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. L. **Novo Deit-Libras**. Edição 2, 2a. Ed., São Paulo: Edusp, Vols. I e II, 2012.

CASTILHO, A. T. **Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro**. In: SOUZA, E. R. & et. Al. *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, p. 17- 42, 2012.

CHAFE, W. **Discourse, consciousness, and time: The flow and displacement of conscious experience in speaking and writing**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1994.

COSTA, V. H S.. Dissertação de Mestrado de Linguística: **Iconicidade e Produtividade na Língua Brasileira de Sinais: A Dupla Articulação da Linguagem em Perspectiva**. Florianópolis, SC, 2012.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**, Lisboa: Edições João Sá da Costa. 13ª Edição, 1997.

_____. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**, 3ª edição, revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

CUNHA, A. F. **Funcionalismo**. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2008.

DAMÁZIO, M. F. M. **Atendimento Educacional especializado – Pessoa com surdez**. In: BRASIL, Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Secretaria de Educação Especial – MEC/SEESP, Brasília: 2007.

DINIZ, H. G. **A História da Língua de Sinais dos Surdos Brasileiros: um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais da LIBRAS**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2011.

EMMOREY et al - **Neural Systems Underlying Spatial Language in American Sign Language**. In: NeuroImage 17, 821 – 824, 2001.

FELIPE, T. **O signo gestual-visual e sua estrutura frasal na LSCB**. Dissertação de Mestrado. UFPE. Recife, 1988.

_____. **Relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na LIBRAS**. Tese de doutorado. UFRJ. Rio de Janeiro, 1998.

FELIPE, T.; MONTEIRO, M. **LIBRAS em Contexto – Curso Básico – Livro do Professor**. 2ª Ed. Brasília: MEC/SEESP/FNDE, 2001.

FELIPE, T. A; AZAMBUJA, G. L. **Dicionário da Língua Brasileira de Sinais – Libras**. INES Acessibilidade Brasil, Rio de Janeiro, versão 2.1, web 2008.

FERNANDES, E. L. Artigo: **Surdez versus aprendizado da língua portuguesa escrita**. CES Revista – Juiz de Fora, v.22, p. 77-78 – publicado em 2008, 1990.

FERNANDES, S; STROBEL, K. **Aspectos Linguísticos da Língua Brasileira de Sinais**. Paraná. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Educação Especial. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

FERREIRA BRITO, L. **Uma abordagem fonológica dos sinais da LSCB**. Espaço: Informativo Técnico científica do INES, Rio de Janeiro, v. 1, p. 20-43, 1990.

FERREIRA BRITO, L. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro: UFRJ. Departamento de Linguística e Filologia, 1995.

FERREIRA BRITO & LANGEVIN, R. **Sistema Ferreira Brito-Langevin de transcrição de sinais**. In: FERREIRA, L. Por uma gramática de língua de sinais. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 211-42, 2010.

FISCHER, S. D. **Sign Language and Creoles**. In: SIPLE, P. (Ed) *Understanding Language through Sign Language Research*. London et: Academic Press, 1978.

FRAGOSO L. C. **A gramática funcional e o processo de gramaticalização**. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades, Rio de Janeiro, v. II, 2003.

GAMA. F. J. **Iconographia de Signaes dos Surdos-Mudos**. Rio de Janeiro: Typographia Universal de E. & H. Laemmert, 1875.

GARCIA, B. G. **O multiculturalismo na educação dos surdos: a resistência e a relevância da diversidade para a educação de surdos**. In: SKLIAR, C. (Org.). *Atualidades da educação bilíngüe para surdos*. Porto Alegre: Media-ção, p. 149-162, 1999.

GEE, J.P.; GOODHART W. **American Sign Language and the Human Biological Capacity for Language**. In: Strong, Michael (ed.). *Language Learning and Deafness*. Cambridge University Press, 49-79, 1988.

GOLDIN-MEADOW, S. **The Resilience of Language: What gesture creation in deaf children can tell us about how all children learn language**. New York: Psychology Press, 2003.

GROSJEAN, F. **Life with Two Languages: An Introduction to Bilingualism**. Cambridge, MA: Harvard University Press, p. 299, 1982.

HALL, JR, A. Jr. **Pidgin and Creole Languages**. Cornell University Press. Ithaca, 1966.

HYMES, D. (org.). **Pidginization and creolization of languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1971b.

KENDON, A. Article: **Semiotic diversity in utterance production and the concept of “language”**. University of Pennsylvania, Philadelphia, USA, Trans. R. Soc. B 369: 20130293, August 2014.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The Signs of Language**. Cambridge: Harward University Press, 1979.

LACERDA, C. B. F. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação de surdos**. Cadernos CEDES, vol. 19, n. 46, Campinas, setembro, 1998.

LEITE, T. A. **A segmentação da Língua de Sinais Brasileira (Libras): Um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos**. Tese de Doutorado em Letras. São Paulo: USP, 2008.

LEITE, T.; McCLEARY. **A Identificação de unidades gramaticais na Libras: uma proposta de abordagem baseada-no-uso**. Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura, v. 15, n. 1, 2013.

LIDDELL S. K. **Nonmanual signals and relative clauses in American Sign Language**. In: *Proceedings of the First National Symposium on Sign Language Research and Teaching*. Silver Spring, MD: National Association of the Deaf, 193-228, 1977. Or in: P. Siple (Ed), *Understanding Language through Sign Language Research*, 59-90, New York: Academic Press, 1978.

LIDDELL, S. K. **American Sign Language syntax**. The Hague: Mouton. Gallaudet University Press. p. 80, 1980.

LIDDELL S. K. **Grammar, Gesture and Meaning in American Sign Language**. Cambridge University Press, 2003.

LIMA, L. C. **Línguas em contato, preconceitos e ensino, um estudo de caso: representação de línguas estrangeiras e indígenas na**

formação do profissional de secretariado executivo em Roraima. – Rio de Janeiro: UFRJ-CLA, 2011. 166 f.: Il.

LIRA, G; FELIPE, T. **Dicionário da Língua Brasileira de Sinais – Libras.** Acessibilidade Brasil – CORDE. Rio de Janeiro, versão 2.0, 2005.

LIRA, G; FELIPE, T. **Dicionário da Língua Brasileira de Sinais – Libras.** Acessibilidade Brasil – CORDE. Rio de Janeiro, versão 2.0, 2006.

LOBATO, L M. P. **Sintaxe gerativa do português.** Belo Horizonte: Belo Horizonte, 1986.

LODI, A. C. B.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. **Letramento e surdez: um olhar sobre as particularidades dentro do contexto educacional.** In: LODI, A. C. B. et. Al. (Orgs.) *Leitura e Escrita no contexto da diversidade – Inclusão e Surdez.* Porto Alegre: Mediação, p: 35-46, 2002.

MACKEY, W. F. **Interference, Integration and the Synchronic Fallacy.** En. J. E. Alatis (Ed.), 1970. Georgetown University Monograph Series on Language and Linguistics, 23 p. 569, 1970.

MCCLEARY, L.; VIOTTI, E. **Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB).** In H.Salles (Org) *Bilinguismo e surdez: Questões linguísticas e educacionais.* Goiânia: Cênone Editorial, p. 73-96, 2007.

MCCLEARY, L. **Sociolinguística.** Disciplina do Curso de Licenciatura Letras/Libras, Modalidade à Distância. Unidade 1: Línguas e Povos. Florianópolis: UFSC, 2007.

MESQUITA, A. C. R. Dissertação de Mestrado em Linguística: **A categoria preposicional na interlíngua do surdo aprendiz de português (L2).** Universidade de Brasília UnB, Brasília, DF. Junho de 2008.

MOREIRA, P. A. L. **O fator linguístico na aprendizagem e desenvolvimento cognitivo da criança surda**. Curso de Especialização em Metodologia do Ensino Superior, Pesquisa e Extensão em Educação – Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Salvador. Recuperado em 05 de dezembro, 2012, de <http://editora-araraazul.com.br/novoeaa/revista/?p=120>. (2007).

MOURA, M. C. **O Surdo: caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

MORAIS, A. G. **Ortografia: ensinar e aprender**. Editora Ática, p. 34, 2003,

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Ed. UNESP, 2ª Ed. 2010. , p. 601; 628-640; 681-691; 691-701, 2000.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**, 1ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, p.160, 2004.

OATES, E. **Linguagem das Mãos**. Rio de Janeiro: Gráfica Editora S.A. Colted, 1969.

OATES, E. **Linguagem das Mãos**. 1ª edição, Rio de Janeiro: Gráfica Editora, 1969 e 2ª edição, Aparecida: Editora Santuário, 1983.

PADDEN, C.; HUMPHRIES, T. **Deaf in America: voice from a culture**. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

PERLIN, G. T. T.; STROBEL, K. L. **Fundamentos da Educação de Surdos**. Florianópolis: Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, 2006.

PIZZIO, A. L. Tese de doutorado: **A Tipologia linguística e a língua de sinais brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos**. - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. 2011.

QUADROS, R. M. **Educação de Surdos: A aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 57 e 6, 1997.

QUADROS, R.; KARNOPP, L. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C.; D; RAFAEL V.; VEDANA, V. **Ética e Imagem: Relato de um percurso**. Revista Anthropologicas. Recife: UFPE, vol. 20, 263-292. 2009.

ROCHA, S. **O INES e a educação de surdos no Brasil – Aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos**. v. 01, dez/07. Rio de Janeiro: INES, 2007.

SACKS, O. **Vendo Vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos** – tradução Laura Teixeira Motta – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SALLES, H. M. M. L.; FAULSTICH, E.; CARVALHO, O. L.; RAMOS A. A. L. **Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: Caminhos para a Prática Pedagógica**. In: Heloisa Maria Lima LIMA, H.M. [et.al.] Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, p. 78-79, 2002.

SALLES, H. M. M. L. et al. **Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: Caminhos para a Prática Pedagógica**. Brasília: MEC, SEESP, 2v. Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, 2004.

SASSAKI, R. K. **Nada sobre nós, sem nós: Da integração à inclusão – Parte 1** – Revista Nacional de Reabilitação, ano X, n. 57, p. 8-16, jul/ago. 2007.

SENGHAS, R. J. **An ‘unspeakable, unwriteable’ language: Deaf identity, language & personhood among the first cohorts of Nicaraguan signers**. Unpublished University of Rochester, NY, Ph.D. dissertation, 1997.

SCHEMBRI, A. **Rethinking “classifiers” in signed languages**. In: k. Emmorey (ed.), *Perspectives on classifier constructions in sign languages*. (pp.3-34). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.

SILVA, V. et al. **Educação de surdos: Uma Releitura da Primeira Escola Pública para Surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880.** In: QUADROS, R. M. (Org). Estudos surdos I. Petrópolis, RJ: Arara Azul, p.324, 2006.

SOUZA, R. M. **Que palavra que te fala? Linguística e Educação: Considerações epistemológicas a partir da surdez.** São Paulo: Martins Fontes, p.70 e p. 78, 1998.

STOKOE, W. **Sign Language Structure: An outline of the visual communication systems of the american deaf.** Studies in Linguistics, nº 8. University of Buffalo, 1960.

SUPALLA, T.; NEWPORT, E. **How many seats in a chair? The derivation of nouns and verbs in American Sign Language.** In: P. Siple (Ed.), Understanding Language through Sign Language Research. Academic Press, 1978.

TAUB, S. F. **Language From The body. Iconicity and Metaphor in American Sign Language.** Cambridge University Press, 26 de fev de 2001.

TODD, L. **Pidgins and creoles.** Londres: Routledge, 2ª Ed. 1990.

TOMASELLO, M. **Além Formalidades: O caso da aquisição da linguagem.** A Linguística. Revisão 22, p. 183-197, 2005.

VERAS, E. C.. Dissertação de Mestrado em Linguística: **Procedimentos Metodológicos para a compilação de um corpus de língua de sinais a partir da rede: reflexões com base em um corpus piloto de gêneros na plataforma YouTube.** UFSC, Florianópolis, SC. 2014.

WOODWARD, J. **Historical bases of American Sign Language.** In P. Siple (Ed.) Understanding Language through Sign Language Research. New York: Academic Press, 1978.

WILBUR, R. B. **Phonological and prosodic layering of nonmanuals in American Sign Language.** In K. EMMOREY K.; H. LANE (Eds.), The signs of language revisited: An anthology to honor Ursula Bellugi

and Edward Klima (p.215-243). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2000.

SITES CONSULTADOS:

AEE-UFC: EVANEIDE. **Texto Dissertivo para o blog**. Dia 08 de março de 2014. Disponível em
<<http://aee-ufc-evaneide.webnode.com/news/texto-dissertativo-para-o-blog/>> Acesso em 29/05/2015.

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de Dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF. Disponível em:
<<http://prespublica.jusbrasil.com.br/legislacao/96150/decreto-5626-05>>. Acesso em: 29/05/2015.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Diário Oficial da Republica Federativa do Brasil. Dispõe sobre o Reconhecimento da Língua de Sinais Brasileira como língua natural de uma pessoa surda**. Brasília, DF. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm>. Acesso em: 29/05/2015.

BRASIL. Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005. **Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm> . Acesso em 29/05/2015.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. Disponível em
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm> . Acesso em 29/05/2015.

DICIONÁRIO da Língua Brasileira de Sinais/LIBRAS. versão 2.1. web. 2008 Disponível em: <www.ines.gov.br> e
<<http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras/>>. Acesso em: 29/05/2015.

DICIONÁRIO da Língua de Sinais Francesa/LSF. Disponível em:
<<http://www.sourds.net/dicolsf/>> . Acesso em: 29/05/2015.

FILHO, G. O. S.; OLIVEIRA, R. R. S. C. Artigo: **Comunidade Surda: A importância da inserção da LIBRAS na sociedade Brasileira.** Disponível em:

<<http://www.webartigos.com/artigos/comunidade-surda-a-importancia-da-insercao-da-libras-na-sociedade-brasileira/31988/>>. Acesso em: 29/05/2015.

LEI Nº 9610 DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9610.htm>. Acesso em 29/05/2015.

MOREIRA, P. A. L. Artigo: **O fator linguístico na aprendizagem e desenvolvimento cognitivo da criança surda.** Salvador, 2007. Disponível em: <<http://www.editora-arara-azul.com.br/revista/03/compar1.2.php>> Acesso em 21/08/2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Identificador de Sinais.** Disponível em: <<http://idsinais.libras.ufsc.br/>>. Acesso em: 08/11/2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Revista Brasileira de Vídeo Registros em Libras.** Disponível em: <<http://revistabrasileiravrlibras.paginas.ufsc.br>>. Acesso em: 08/11/2015

ANEXO A – Termo de consentimento – Luciana Dantas Ruiz**(Folha 01/04)****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Meu nome é Myrna Salerno Monteiro e estou sendo orientado nesta pesquisa de mestrado pelo professor Tarcisio de Arantes Leite no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Minha pesquisa investiga as características gramáticas da Libras falada por surdos proficientes e estamos nos manifestando nesta carta para solicitar o seu consentimento livre e esclarecido sobre as implicações de sua participação nesta pesquisa.

A sua participação envolverá a produção de exemplos de uso de um sinal específico da Libras que será informado a você pela pesquisadora. Após ser informado sobre o sinal em questão, você deverá pensar em exemplos de uso e então filmá-los com a webcam do seu computador ou com uma outra câmera adequada, em seguida fornecendo a filmagem à pesquisadora para que ela possa ilustrar exemplos de uso do sinal da Libras investigado em sua pesquisa.

Esse termo de consentimento, em particular, vem solicitar que você ceda os direitos de uso de sua imagem para a pesquisadora, para fins de publicação dos resultados da pesquisa em sua dissertação de mestrado, em artigos acadêmicos, em comunicações em congressos e/ou outras atividades acadêmicas. Um exemplo de como as suas imagens serão veiculadas nesses possíveis espaços está em anexo para a sua verificação. Todavia, a despeito da veiculação da imagem, dou a garantia de manter as suas informações pessoais anônimas em quaisquer publicações ou apresentações.

A participação na pesquisa não envolve riscos de vida a você. Os riscos envolvidos são o de você sentir-se constrangido por ter a sua imagem pessoal veiculada na pesquisa, e/ou da sua produção em Libras tornar-se objeto de

(Folha 02/04)

análise e discussão por parte dos pesquisadores e/ou da comunidade acadêmica interessada no tema da gramática da Libras.

Por isso, se por algum motivo você não quiser mais participar desta pesquisa futuramente, a qualquer momento, entre em contato com um dos pesquisadores que garantimos não mais utilizar seus materiais e a apagá-los de nossos banco de dados. Contudo, é importante você ficar ciente de que, caso alguma forma de publicação ou apresentação contendo os dados por você cedido já tenha sido feita, não teremos mais condições de eliminar os seus dados dessa produção, apenas nas subseqüentes.

Essa participação na pesquisa não implicará em nenhum custo a você, tampouco você receberá qualquer pagamento. Sua participação é de forma totalmente voluntária. A pesquisa deve beneficiar a comunidade surda, na medida em que investigações como essa nos permitem aprofundar a nossa compreensão sobre a gramática da Libras e suas diferenças e semelhanças em relação à gramática do Português, contribuindo para a construção de uma educação bilíngue plena para os surdos.

Dados do Pesquisador responsável: Tarcísio de Arantes Leite
Lotação: Departamento de Artes e Libras, Universidade Federal de Santa Catarina
Endereço Pessoal: Rua Maria Pires Linhares, 193, CEP 88063-280
Fone: (48) 8454-5595
E-mail: tdaleite@gmail.com

Dados da pesquisadora: Myrna Salerno Monteiro
Lotação: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Endereço Pessoal: Rua Leopoldo Miguez, 82 apto 802, CEP 22060-020
Fone: (21) 982431170 (celular)
E-mail: myrna.salerno@gmail.com

(Folha 03/04)



Termo de consentimento de Participação em Pesquisa

Eu, LUCIANA DANTAS RUIZ, declaro que compreendo todas as implicações da minha participação na pesquisa da mestranda Myrna Salerno Monteiro e seu professor orientador Tarcisio de Arantes Leite, e firmo, através deste, que estou de acordo com o que foi acima mencionado, assim como também expresso aqui minha vontade em participar da referida pesquisa.


De acordo (assinatura)

Florianópolis, 10 de NOVEMBRO de 2015.

(Folha 04/04)



Anexo

Cópia de uma figura incluída na dissertação de mestrado, mostrando de que maneira a sua imagem estará apresentada na pesquisa.



1ª ocorrência



Assinatura

ANEXO B – Termo de consentimento – Florinda M. Setim Leite

(Folha 01/04)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

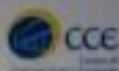
Meu nome é Myrta Salerno Monteiro e estou sendo orientada nesta pesquisa de mestrado pelo professor Tarciso de Azeiteiro Leite no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Minha pesquisa investiga as características gramaticais da Língua falada por surdos proficientes e estamos nos manifestando nesta carta para solicitar o seu consentimento livre e esclarecido sobre as implicações de sua participação nesta pesquisa.

A sua participação envolverá a produção de exemplos de uso de um sinal específico da Língua que será informado a você pela pesquisadora. Após ser informado sobre o sinal em questão, você deverá pensar em exemplos de uso e então filmá-los com a webcam do seu computador ou com uma câmera adequada, em seguida fornecendo a filmagem à pesquisadora para que ela possa incluir exemplos de uso do sinal da Língua investigado em sua pesquisa.

Esse termo de consentimento, em particular, vem solicitar que você cede os direitos de uso de sua imagem para a pesquisadora, para fins de publicação dos resultados da pesquisa em sua dissertação de mestrado, em artigos acadêmicos, em comunicações em congressos ou outras atividades acadêmicas. Um exemplo de como as suas imagens serão veiculadas nessas possíveis situações está em anexo para a sua verificação. Todavia, a despeito da veiculação da imagem, dou a garantia de manter as suas informações pessoais anônimas em quaisquer publicações ou apresentações.

A participação na pesquisa não envolve riscos de vida e/ou de danos. Os riscos envolvidos são o de você sentir-se constrangido por ter a sua imagem pessoal veiculada na pesquisa, ou de sua produção em Língua tornar-se objeto de

(Folha 02/04)



análise e discussão por parte dos pesquisadores e/ou da comunidade acadêmica interessada no tema da gramática da Língua.

Por isso, se por algum motivo você não quiser mais participar desta pesquisa futuramente, a qualquer momento, entre em contato com um dos pesquisadores que garantiremos não mais utilizar seus materiais e a apagá-los de nossos banco de dados. Contudo, é importante você ficar ciente de que, caso alguma forma de publicação ou apresentação contendo os dados por você cedidos já tenha sido feita, não teremos mais condições de eliminar os seus dados dessa produção, apenas nas subsequentes.

Esta participação na pesquisa não implicará em nenhum custo a você, tampouco você receberá qualquer pagamento. Sua participação é de forma totalmente voluntária. A pesquisa deve beneficiar a comunidade surda, na medida em que investigações como essa nos permitem aprofundar a nossa compreensão sobre a gramática da Língua e suas diferenças e semelhanças em relação à gramática do Português, contribuindo para a construção de uma educação bilíngue plena para os surdos.

Dados do Pesquisador responsável: Tereza de Araújo Leite
 Letícia Departamento de Artes e Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro
 Endereço Postal: Rua Maria Pinto Lins, 190, CEP 88060-288
 Fone: (41) 8454-1141
 E-mail: tereleite@gmail.com

Dados da pesquisadora: Merya Salerno Monteiro
 Localização: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro
 Endereço Postal: Rua Leopoldo Miguel, 80 apto 802, CEP 22040-020
 Fone: (21) 96245-178 (celular)
 E-mail: merya.saleromonteiro@gmail.com

(Folha 03/04)



Termo de consentimento de Participação em Pesquisa

Eu, Beatriz Inês de Souza, declaro que compreendo todas as implicações de minha participação na pesquisa de avaliação Myra Salema Monteiro e seu professor orientador Tarciso de Azeiteiro Leite, e firmo, através disto, que estou de acordo com o que foi acima mencionado, assim como também expresse aqui minha vontade em participar da referida pesquisa.

De acordo (signature)

Portavoz: 41 de dezembro de 2012

(Folha 04/04)

Anexo

Cópia de uma figura incluída na dissertação de mestrado, mostrando de que maneira a sua imagem estará apresentada na pesquisa.



ANEXO C – Termo de consentimento – João de S. Fernandes**(Folha 01/04)****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Meu nome é Myrna Salerno Monteiro e estou sendo orientado nesta pesquisa de mestrado pelo professor Tarcisio de Arantes Leite no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Minha pesquisa investiga as características gramáticas da Libras falada por surdos proficientes e estamos nos manifestando nesta carta para solicitar o seu consentimento livre e esclarecido sobre as implicações de sua participação nesta pesquisa.

A sua participação envolverá a produção de exemplos de uso de um sinal específico da Libras que será informado a você pela pesquisadora. Após ser informado sobre o sinal em questão, você deverá pensar em exemplos de uso e então filmá-los com a webcam do seu computador ou com uma outra câmera adequada, em seguida fornecendo a filmagem à pesquisadora para que ela possa ilustrar exemplos de uso do sinal da Libras investigado em sua pesquisa.

Esse termo de consentimento, em particular, vem solicitar que você ceda os direitos de uso de sua imagem para a pesquisadora, para fins de publicação dos resultados da pesquisa em sua dissertação de mestrado, em artigos acadêmicos, em comunicações em congressos e/ou outras atividades acadêmicas. Um exemplo de como as suas imagens serão veiculadas nesses possíveis espaços está em anexo para a sua verificação. Todavia, a despeito da veiculação da imagem, dou a garantia de manter as suas informações pessoais anônimas em quaisquer publicações ou apresentações.

A participação na pesquisa não envolve riscos de vida a você. Os riscos envolvidos são o de você sentir-se constrangido por ter a sua imagem pessoal veiculada na pesquisa, e/ou da sua produção em Libras tornar-se objeto de

(Folha 02/04)

análise e discussão por parte dos pesquisadores e/ou da comunidade acadêmica interessada no tema da gramática da Libras.

Por isso, se por algum motivo você não quiser mais participar desta pesquisa futuramente, a qualquer momento, entre em contato com um dos pesquisadores que garantimos não mais utilizar seus materiais e a apagá-los de nossos banco de dados. Contudo, é importante você ficar ciente de que, caso alguma forma de publicação ou apresentação contendo os dados por você cedido já tenha sido feita, não teremos mais condições de eliminar os seus dados dessa produção, apenas nas subsequentes.

Essa participação na pesquisa não implicará em nenhum custo a você, tampouco você receberá qualquer pagamento. Sua participação é de forma totalmente voluntária. A pesquisa deve beneficiar a comunidade surda, na medida em que investigações como essa nos permitem aprofundar a nossa compreensão sobre a gramática da Libras e suas diferenças e semelhanças em relação à gramática do Português, contribuindo para a construção de uma educação bilíngue plena para os surdos.

Dados do Pesquisador responsável: Tarcísio de Arantes Leite

Lotação: Departamento de Artes e Libras, Universidade Federal de Santa Catarina

Endereço Pessoal: Rua Maria Pires Linhares, 193, CEP 88063-280

Fone: (48) 8454-5595

E-mail: tdaleite@gmail.com

Dados da pesquisadora: Myrna Salerno Monteiro

Lotação: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Endereço Pessoal: Rua Leopoldo Miguez, 82 apto 802, CEP 22060-020

Fone: (21) 982431170 (celular)

E-mail: myrna.salerno@gmail.com

(Folha 03/04)

Termo de consentimento de Participação em Pesquisa

Eu, JOÃO DE SOUSA FERNANDES, declaro que compreendo todas as implicações da minha participação na pesquisa da mestranda Myrna Salerno Monteiro e seu professor orientador Tarcisio de Arantes Leite, e firmo, através deste, que estou de acordo com o que foi acima mencionado, assim como também expresso aqui minha vontade em participar da referida pesquisa.


De acordo (assinatura)

Florianópolis, 10 de NOVEMBRO de 2015.

(Folha 04/04)

Anexo

Cópia de uma figura incluída na dissertação de mestrado, mostrando de que maneira a sua imagem estará apresentada na pesquisa.

3ª ocorrência

